

A SALA DOS RÉPTEIS

CIA. DAS LETRAS

Copyright

Esta obra foi postada pela equipe **Le Livros** para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura a àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância.
A generosidade e a humildade são marcas da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

Le Livros

http://LeLivros.com





A SALA DOS RÉPTEIS

CIA. DAS LETRAS



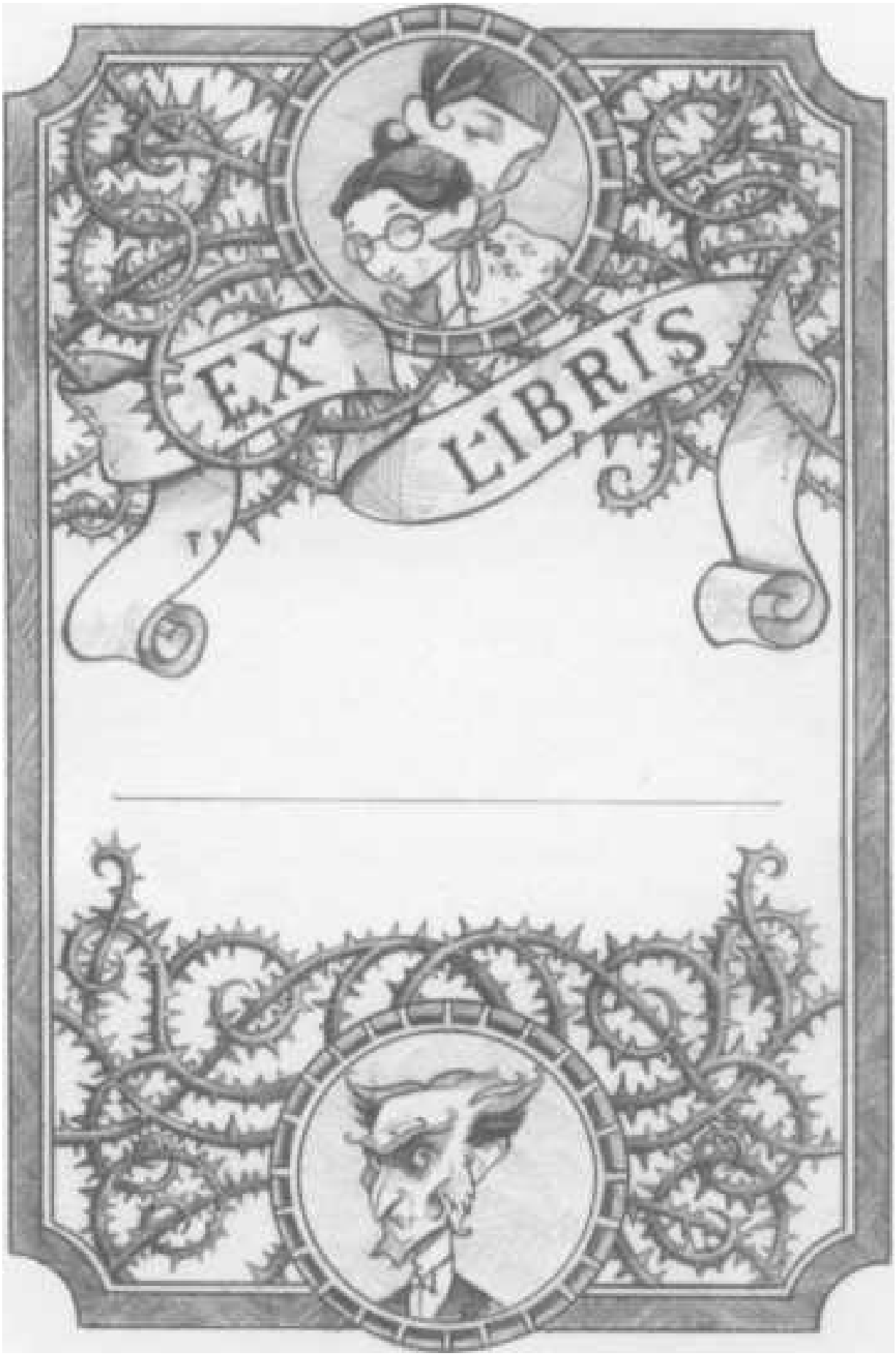
Caro Leitor,

Se você esperava encontrar uma história tranqüila e alegre, lamento dizer que escolheu o livro errado. A história pode parecer animadora no início, quando os meninos Baudelaire passam o tempo em companhia de alguns répteis interessantes e de um tio alto-astral, mas não se deixem enganar. Se vocês tem uma leve noção da incrível má

sorte dos irmãos Baudelaire, já sabe que, no caso deles, até mesmo acontecimentos agradáveis acabam sempre em sofrimento e desgraça.

Nas páginas que você tem em mãos, as três crianças sofrem um acidente de carro, vêem-se às voltas com uma serpente mortífera, um cheiro pavoroso, um facão enorme e o reaparecimento de uma pessoa que esperavam nunca mais ver. Infelizmente, é meu dever pôr no papel esses trágicos episódios. Mas nada impede que você coloque este livro de volta na estante e procure algo mais leve.
Respeitosamente,

Lemony Snicket


EX
LIBRIS



Desventuras em Série

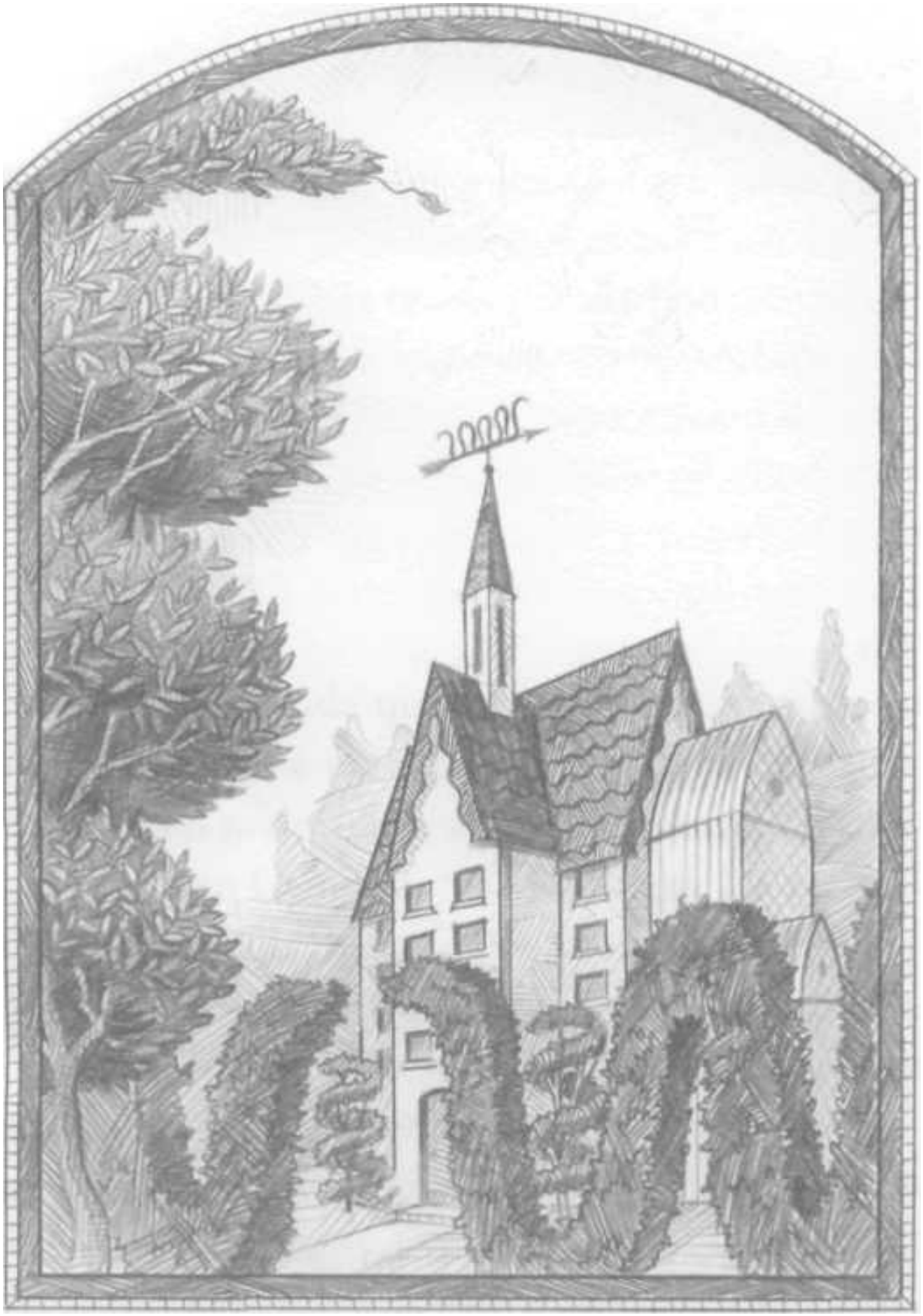
Livro segundo

***A* SALA DOS RÉPTEIS**

***de* LEMONY SNICKET**

***Ilustrações de* Brett Helquist**

***Tradução de* Carlos Sussekind**



Os personagens e situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Para Beatrice —

Meu amor por você viverá para sempre. Você não teve a mesma sorte.

CAPÍTULO

Um

O trecho da estrada que sai da cidade, passa pelo Porto Enevoado e vai até a aldeia vizinha de Tédia, talvez seja o mais desagradável do mundo. É chamado de Mau Caminho. O Mau Caminho atravessa campos de um cinzento doentio, em que um punhado de árvores esqueléticas produz maçãs tão ácidas que só de olhar para elas já

nos sentimos doentes. O Mau Caminho cruza o rio da Amargura, massa d'água que tem noventa por cento de lama e uma população de peixes esquálidos, apodrecendo por falta de oxigênio, e que ainda por cima circunda uma fábrica de raiz-forte, de modo que toda a área tem um cheiro ardido e avassalador.

Lamento ter de contar para vocês que a história começa com os órfãos Baudelaire avançando por essa estrada horrível, e que daqui por diante a história só vai piorar. De todas as pessoas no mundo com vidas deploráveis — e vocês bem sabem que há um bom número delas —, os jovens Baudelaire ganham o prêmio, expressão aqui usada para significar que eles passaram por mais coisas abomináveis do que qualquer outra pessoa que conheço. A infelicidade deles começou com um incêndio gigantesco que destruiu a casa em que moravam e matou seus queridos pais — tristeza suficiente capaz de durar por toda a vida, mas, no caso dessas três crianças, foi apenas o mau começo. Depois do incêndio, os irmãos foram mandados para a casa de um parente distante, o conde Olaf, um homem terrível e ganancioso. Os Baudelaire pais deixaram uma enorme fortuna que seria dos filhos quando Violet atingisse a maioridade, e o conde Olaf estava tão obcecado para pôr as mãos nesse dinheiro que arquitetou um plano diabólico que até hoje me dá pesadelos quando penso nele. Foi desmascarado em tempo, mas fugiu antes que o prendessem e jurou que ainda encontraria um jeito de se apossar da fortuna algum dia. Violet, Klaus e Sunny continuavam tendo pesadelos com os olhos de brilho fulminante do conde Olaf, com sua sobrancelha farpeada (duas-numa-só) e, mais que tudo, com a tatuagem de olho que ele tinha no tornozelo. Aquele olho parecia vigiar os órfãos Baudelaire para onde quer que eles fossem.

Devo avisá-los, portanto, que se abriram este livro com a esperança de ler que depois de tudo o que lhes aconteceu os meninos viveram felizes para sempre, o

melhor é

fechar o livro e procurar outra leitura qualquer. Porque Violet, Klaus e Sunny, muito apertados num carro pequeno sem espaço para mais nada e olhando pelas janelas para o Mau Caminho, rodavam em direção a um destino ainda mais sobrecarregado de desgraças e tristezas. O rio da Amargura e a fábrica de raiz-forte eram apenas os primeiros de uma seqüência de trágicos e lamentáveis acontecimentos — cada vez que penso neles, uma lágrima rola no meu rosto e fico tenso de raiva. Quem dirigia o carro era o sr. Poe, amigo da família que trabalhava num banco e que tinha uma tosse que não parava. Ele estava encarregado de zelar pelos interesses dos órfãos, de modo que foi ele quem decidiu que, depois de todas as contrariedades vividas com o conde Olaf, os meninos ficariam sob os cuidados de um parente que morava no campo.

"Vocês me desculpem se estão mal acomodados aí atrás", disse o sr. Poe, tossindo num lenço, "mas nesse meu carro novo não cabem muitas pessoas. Não foi possível sequer colocar nenhuma das malas de vocês. Dentro de uma semana mais ou menos voltarei aqui trazendo as malas. "

"Obrigada", disse Violet que, com catorze anos, era a mais velha dos irmãos Baudelaire. Qualquer um que conhecesse Violet podia ver que o pensamento dela na verdade não estava nas palavras do sr. Poe, porque nesse momento a menina trazia os longos cabelos presos por uma fita para afastá-los dos olhos. Violet era uma inventora e quando estava concentrada em alguma de suas invenções gostava de amarrar os cabelos dessa maneira. Uma forma de ajudá-la a pensar com maior clareza nas várias engrenagens, arames e cordas envolvidas na maior parte de suas criações.

"Depois de terem morado tanto tempo na cidade", prosseguiu o sr. Poe, "acho que o campo vai ser uma mudança agradável para vocês. Pronto, esta *é* a curva onde precisamos virar. Estamos quase chegando. "

"Ainda bem", disse Klaus baixinho. Klaus estava bastante entediado, como muitas pessoas costumam ficar durante trajetos de automóveis, e triste por não ter trazido um livro com ele. Klaus adorava ler, e nos seus aproximadamente doze anos de idade havia devorado mais livros do que muita gente é capaz de ler ao longo de toda a vida. Às vezes lia até bem tarde da noite, e de manhã podia-se ver que caíra no sono com o livro nas mãos e sem sequer tirar os óculos.

"Acho que vocês vão gostar do dr. Montgomery", disse o sr. Poe. "Ele viajou muito, de forma que tem uma porção de histórias para contar. Ouvi dizer que a casa dele está repleta de coisas que ele trouxe dos lugares por onde passou."

"Bax!", gritou Sunny. Sunny, a mais nova dos órfãos, freqüentemente falava assim, que é o jeito de falar dos bebês. Na verdade, quando não estava mordendo coisas com seus quatro dentes bem afiados, Sunny passava a maior parte do tempo soltando esses fragmentos de fala. Muitas vezes era difícil entender o que ela estava querendo dizer. Naquele momento o sentido de sua exclamação provavelmente tinha a ver com

"Estou nervosa com isso de conhecer um novo parente". Não era só ela que estava nervosa, mas todos os três.

"Qual *é* exatamente o parentesco que dr. Montgomery tem conosco?", perguntou Klaus.

"O dr. Montgomery vem a ser... deixe-me ver... irmão da mulher do primo de seu falecido pai. Acho que é isso. É um cientista de certo renome, e recebe muito dinheiro do governo. " Como banqueiro, o sr. Poe estava sempre interessado em dinheiro.

"Como é que a gente deve chamá-lo?", perguntou Klaus.

"Chamem de *doutor* Montgomery", respondeu o sr. Poe, "a não ser que ele diga para vocês o chamarem de Montgomery. Mas tanto o seu prenome como o seu sobrenome são Montgomery, de modo que na verdade não faz muita diferença. "

"Seu nome é Montgomery Montgomery?", Klaus riu ao perguntar.

"Sim, e tenho certeza de que ele não aprecia brincadeiras com isso, de modo que é bom não fazerem troça", disse o sr. Poe tossindo novamente no seu lenço. *"Fazer troça é* o mesmo que 'caçoar'."

Klaus deu um suspiro:

"Eu sei o que quer dizer *fazer troça.* " Ele só não acrescentou que, claro, também sabia que não se deve caçoar do nome de ninguém. Às vezes as pessoas pensavam que os órfãos, por serem infelizes, eram também abobalhados.

Violet também suspirou, e soltou a fita dos cabelos. Ela estivera pensando numa invenção que conseguisse impedir o cheiro de raiz-forte a chegar às narinas das pessoas, mas a preocupação com o encontro próximo com o dr. Montgomery não deixava ela se concentrar. "Você sabe que tipo de cientista ele é?", perguntou. Ela estava pensando se o dr. Montgomery não teria um laboratório que ela também pudesse usar.

"Não tenho bem certeza", admitiu o sr. Poe. "Estive muito ocupado tratando das condições em que vocês ficariam aqui e não tive tempo para puxar outros assuntos. Olhem, aí está a entrada. Chegamos. "

O sr. Poe conduziu o carro por uma estradinha de cascalho bastante inclinada, em direção a uma enorme casa de pedra. A casa tinha uma porta de entrada de madeira escura, com algumas colunas na varanda. De cada lado da porta havia luminárias em forma de tochas, todas acesas, apesar de ser manhã. Acima da porta da frente, a casa possuía fileiras e mais fileiras de janelas quadradas, a maioria delas aberta para deixar que a brisa entrasse. Mas, diante da casa, via-se algo verdadeiramente fora do comum: um vasto e bem-cuidado gramado, repleto de longos e finos arbustos que haviam sido podados para ficar com a aparência de cobras. Cada arbusto era um tipo diverso de serpente: umas longas, outras curtas, umas de língua para fora e outras de boca aberta revelando dentes verdes assustadores. Todas bem intimidativas, tanto que Violet, Klaus e Sunny mostraram certa hesitação em caminhar passando ao lado delas no trajeto até a casa.

O sr. Poe, que ia na frente, nem pareceu notar os arbustos, possivelmente porque estava concentrado em passar às crianças instruções sobre como se comportar.

"Escute, Klaus, não faça muitas perguntas logo no começo. Violet, o que foi que houve com a fita em seus cabelos? Achei que aquele penteado lhe dava uma aparência tão distinta! E, por favor, alguém vigie Sunny e não deixe que ela morda o dr. Montgomery. Seria desfavorável como primeira impressão. "

O sr. Poe apressou o passo até a porta e tocou uma campainha que soava mais alto que qualquer outra campainha já ouvida pelos meninos. Depois de uma curta pausa, ouviram passos se aproximando, e Violet, Klaus e Sunny se entreolharam. Não tinham como saber, é claro, que muito em breve mais desgraças estariam afligindo sua infortunada família, mas, de qualquer modo, estavam inquietos. *O dr. Montgomery seria uma pessoa legal?,* pensavam. *Melhor que o conde Olaf, pelo menos? Seria possível que fosse pior?*

A porta abriu-se com um rangido, vagarosamente, e os órfãos Baudelaire prenderam a respiração ao olhar para dentro do escuro hall de entrada. Viram um tapete púrpura-escuro estendido sobre o chão. Viram um lustre em vitral que pendia do teto. Viram na parede uma grande pintura a óleo que representava duas cobras entrelaçadas. Mas onde estava o dr. Montgomery?

"Olá!?! ", indagou em voz alta o sr. Poe. "Olá!?!" "Olá, olá, olá!", ouviu-se, alto e bom som, de alguém que surgiu detrás da porta, um homem baixinho e

rechonchudo de rosto bem redondo e avermelhado. "Sou seu tio Monty, e vocês chegaram bem na hora!

Acabei de preparar um bolo com creme de coco!"



CAPÍTULO

Dois

"Sunny *não gosta* de coco?", perguntou o tio Monty. Ele, o sr. Poe e os jovens Baudelaire estavam sentados todos em volta de uma mesa verde, cada um com uma fatia do bolo do tio Monty. Tanto a cozinha como o bolo continuavam com o calor do forno. O

bolo era uma obra-prima, cremoso e saboroso, com o coco na dose exata. Violet, Klaus e o tio Monty já haviam quase terminado os seus pedaços, mas o sr. Poe e Sunny não tinham dado mais que uma mordida cada um. "Para dizer a verdade",

falou Violet, "Sunny não gosta de comer nada que seja macio. Ela prefere comida bem dura de mastigar.”

"É estranho para um bebê", disse o tio Monty, "mas nem um pouco estranho para muitas cobras. A Mastigadora da Barbaria, por exemplo, é uma cobra que precisa ter o tempo todo alguma coisa dentro da boca, do contrário começa a comer a própria boca. Muito difícil de mantê-la em cativeiro. Quem sabe Sunny gostaria de uma cenoura crua? É

um bocado dura. "

"Uma cenoura crua seria perfeita, dr. Montgomery", respondeu Klaus. O novo tutor dos Baudelaire levantou-se e foi até a geladeira, mas de repente virou-se e gesticulou com o dedo apontado para Klaus:

"Nada disso de *doutor* Montgomery para cima de mim. Não faz o meu gênero. Pomposo demais. Podem me chamar de tio Monty! Meu Deus, se nem os meus colegas herpetologistas me chamam de doutor Montgomery!"

"O que vêm a ser herpetologistas?", perguntou Violet.

"Como é que eles o chamam?", perguntou Klaus.

"Crianças, crianças", disse o sr. Poe, fazendo-se sério. "Menos perguntas.”

Tio Monty sorriu para os órfãos.

"Tudo bem, as perguntas demonstram uma cabeça inquisitiva. A palavra *inquisitiva* significa...”

"Sabemos o que significa", disse Klaus. "Cheia de perguntas."

"Bem, se você sabe o que isso significa", disse o tio Monty estendendo uma grande cenoura para Sunny, "então deveria saber o que é herpetologia”.

"É o estudo de alguma coisa", disse Klaus. "Sempre que uma palavra termina por *logia, é* o estudo de alguma coisa."

"Cobras!", exclamou o tio Monty. "Cobras, cobras, cobras! É o que eu estudo!

Adoro cobras, de todos os tipos, e dou a volta ao mundo à procura de espécies diferentes para estudar aqui no meu laboratório! Não é interessante?"

"É interessante, *sim",* disse Violet. *"Muito* interessante. Mas não é perigoso?"

"Não, se você estiver informado sobre os animais", disse o tio Monty. "Sr. Poe, o senhor gostaria também de uma cenoura crua? O senhor mal tocou no seu bolo." O sr. Poe enrubesceu e tossiu no seu lenço por um bom tempo antes de responder:

"Não, obrigado, dr. Montgomery."

Tio Monty deu uma piscadela para os garotos.

"Se quiser, o senhor também pode me chamar de tio Monty, sr. Poe."

"Obrigado, tio Monty", disse o sr. Poe sem muita naturalidade. "Agora quem tem uma pergunta a fazer sou *eu*. O senhor mencionou há pouco que faz a volta ao mundo. Há alguém que virá tomar conta das crianças quando o senhor estiver fora colhendo espécimes?"

"Já temos bastante idade para cuidarmos de nós mesmos", apressou-se em dizer Violet, embora no íntimo ela não tivesse tanta certeza. A linha de pesquisa do tio Monty parecia interessante, mas ela não sabia de fato se estava preparada para ficar sozinha com seus irmãos numa casa cheia de cobras.

"Nem pensar nisso!", disse o tio Monty. "Vocês três têm que vir comigo. Daqui a dez dias partimos para o Peru, e quero vocês metidos na floresta ao meu lado."

"É mesmo?", disse Klaus. Por trás dos óculos, seus olhos brilhavam de empolgação. "O senhor nos levaria na viagem ao Peru?"

"Só posso ter prazer em contar com a ajuda de vocês!", disse o tio Monty, estendendo o braço para dar uma mordida no pedaço de bolo de Sunny. Gustavo, meu assistente principal, deixou-me uma inesperada carta de demissão ontem mesmo. Há um homem chamado Stephano que eu contratei para assumir o lugar dele, mas que chegará

só daqui a mais ou menos uma semana, de forma que estou bem atrasado nos preparativos para a expedição. Preciso de alguém que verifique se as armadilhas para cobras estão funcionando direito, do contrário a gente corre o risco de machucar os espécimes colhidos. Preciso de alguém que leia e se informe sobre o território do Peru para que a gente possa atravessar a floresta sem problemas. E alguém tem que cortar uma enorme extensão de corda em pedaços pequenos para que a gente possa trabalhar."

"Eu me interesso por mecânica", disse Violet, lambendo o seu garfo, "e por isso gostaria de aprender sobre armadilhas para cobras."

"Eu sou fascinado por guias e mapas", disse Klaus, limpando a boca com um guardanapo. "Adoraria ler e me informar sobre o território peruano."

"Eojip!", gritou Sunny, dando uma bela mordida na cenoura. Provavelmente quis dizer alguma coisa do tipo "Adoraria roer uma enorme extensão de corda até ela ficar em pedacinhos para que a gente possa trabalhar!".

"Ótimo!", exclamou o tio Monty. "Fico feliz de vocês terem esse entusiasmo todo. Vai me facilitar as coisas na falta de Gustavo. Foi muito estranho ele ter desistido assim, em cima da hora. Uma grande falta de sorte perder um colaborador tão bom." O rosto do tio Monty anuviou-se — expressão que aqui quer dizer "assumiu certo ar melancólico quando o tio Monty pensou em sua má sorte" —, mas se ele soubesse a tremenda má

sorte que ainda estava por vir dentro em breve não teria desperdiçado um minuto pensando em Gustavo. Bem que eu gostaria — e vocês também, tenho certeza — de poder recuar no tempo e avisá-lo, mas não é possível, as coisas são como são. Tio Monty também parecia estar pensando que as coisa? são como são quando balançou a cabeça e sorriu, expulsando os pensamentos perturbadores. "Bom, vamos começar. O que existe é o presente, sempre digo. Por que não levam o sr. Poe até o carro? Depois eu levo vocês à Sala dos Répteis."

Os três Baudelaire, que haviam mostrado tanta apreensão quando passaram pelos arbustos com a forma de cobras na primeira vez, agora fizeram o mesmo trajeto até

o carro do sr. Poe correndo na maior algazarra e sem a menor preocupação.

"Ouçam, crianças", disse o sr. Poe tossindo no seu lenço, "estarei aqui de volta dentro de mais ou menos uma semana para trazer a bagagem de vocês e certificar-me de que está tudo bem. Compreendo que o dr. Montgomery possa intimidar vocês um pouco, mas tenho certeza de que com o tempo vocês se acostumarão com..."

"Ele não nos intimida nem um pouco", interrompeu Klaus. "Parece uma pessoa muito fácil de se lidar."

"Não vejo a hora de conhecer a Sala dos Répteis", disse Violet, empolgada.

"Miiika!", disse Sunny, provavelmente com o sentido de "Adeus, sr. Poe. Obrigada por ter nos trazido de carro".

"Bem, adeus", disse o sr. Poe. "Lembrem-se que é uma corrida rápida de carro,

da cidade até aqui, por favor me procurem, liguem para mim ou falem com qualquer outra pessoa na Administração de Multas se estiverem precisando de ajuda. Breve nos veremos." Acenou com o lenço, meio sem jeito, entrou no carro minúsculo e desceu a rampa de cascalho até pegar a estrada no Mau Caminho. Violet, Klaus e Sunny acenaram em resposta, esperando que o sr. Poe se lembrasse de fechar as janelas do carro para tornar menos insuportável o cheiro penetrante da raiz-forte.

" *Bambini!* ", gritou o tio Monty da porta da frente. "Venham, *bambini!* " Os órfãos Baudelaire voltaram numa correria por entre as fileiras de arbustos até

onde o novo tutor os estava esperando.

"Violet, tio Monty", disse Violet. "Meu nome *é* Violet, meu irmão é Klaus e minha irmã mais nova é Sunny. Nenhum de nós se chama Bambini."

" *Bambini* é como se diz 'crianças' em italiano", explicou o tio Monty. "Me deu uma súbita vontade de falar um pouco de italiano. Estou tão empolgado de ter vocês aqui comigo! Sorte de vocês eu não estar dizendo qualquer bobagem que me venha à

cabeça..."

"O senhor nunca teve filhos?", perguntou Violet.

"É uma pena, mas não", disse o tio Monty. "Sempre pensei em encontrar uma esposa e começar uma família, mas hoje é uma coisa, amanhã é outra, o projeto foi ficando para depois... Que tal eu mostrar para vocês a Sala dos Répteis?"

"Sim, por favor", disse Klaus.

Tio Monty passou com eles pelo quadro com o tema das cobras, no hall de entrada, e levou-os para um grande espaço que tinha uma escada imponente e pé-direito altíssimo.

"Os quartos ficam lá em cima", disse o tio Monty com um gesto que apontava para o alto da escada. Cada um pode escolher o quarto que preferir e arredar os móveis conforme o gosto de vocês. Estou sabendo que o sr. Poe ficou de trazer a bagagem de vocês mais tarde naquele carrinho minúsculo dele, por isso façam por favor uma lista do que vão precisar, e amanhã a gente vai à cidade e compra tudo, para que vocês não passem os próximos dias sem trocar a roupa de baixo."

"Cada um de nós tem mesmo um quarto separado?", perguntou Violet.

"Claro", disse o tio Monty. "Vocês não esperavam que eu amontoasse os três num único quarto, com essa casa enorme que eu tenho, não é? Que espécie de pessoa faria uma coisa dessas?"

"O conde Olaf fez."

"É verdade, o sr. Poe me contou", disse o tio Monty fazendo uma careta como se tivesse provado algo com sabor horrível. "Imagino a pessoa detestável que é esse tal de conde Olaf. Espero que seja trucidado por animais ferozes algum dia. Não seria justo?

Bem, aqui estamos: a Sala dos Répteis."

Tio Monty estava diante de uma porta de madeira muito alta com uma maçaneta também muito grande bem no centro. Era tão alta que ele precisava ficar na ponta dos pés para abri-la. Quando finalmente a porta se abriu rangendo nas dobradiças, os órfãos Baudelaire depararam com uma visão que os deixou pasmos de espanto e encantamento. A Sala dos Répteis era toda de vidro, com paredes altas e transparentes de vidro e um teto de vidro altíssimo que se erguia convergindo para um ponto, como o interior de uma catedral. Através das paredes transparentes podia-se ver o gramado e os arbustos que formavam o campo verde-claro do lado de fora, por isso, na Sala dos Répteis a sensação era de se estar dentro e fora ao mesmo tempo. Mas, por mais notável que a sala fosse em si mesma, muito mais emocionante era o que se achava dentro dela. Os répteis estavam distribuídos em gaiolas de metal trancadas que se apoiavam sobre mesas de madeira formando quatro fileiras bem demarcadas de um extremo a outro da sala. Havia todo tipo de cobras, naturalmente, mas também lagartos, sapos* e outros animais do gênero que as crianças nunca haviam visto antes, nem sequer em fotos ou no zoológico. Havia um sapo muito gordo com duas asas que saíam das costas, e um lagarto de duas cabeças com listras amarelas brilhantes na barriga. Havia uma cobra que tinha três bocas, uma em cima da outra, e uma cobra que parecia não ter boca nenhuma. No poleiro dentro da gaiola, um lagarto que se parecia com uma coruja, com olhos esgazeados voltados para as crianças, e um sapo que era igualzinho a uma igreja, sem faltar os olhos de vitral. E havia uma gaiola coberta com uma toalha branca, que não deixava ninguém ver nada do que se achava em seu interior. As crianças percorreram de cabo a rabo as passagens entre as gaiolas, olhando uma por uma num silêncio de espanto. Alguns dos bichos pareciam amigáveis, outros assustadores, mas todos, sem exceção, fascinantes, e os Baudelaire demoravam-se examinando cada um deles com a máxima atenção — Klaus levantava Sunny em seus braços para que ela também pudesse apreciar os animais.

(*) Onde estaria a cabeça do autor quando incluiu na coleção de répteis do dr. Montgomery animais que notoriamente são anfíbios? Répteis são cobras e lagartos. (N. T.)

Os órfãos mostraram-se tão interessados nas gaiolas que só vieram a perceber o que havia no extremo mais distante da sala depois de ter percorrido cada mesa em toda a sua extensão, e, ao chegar ao extremo mais distante, novamente se quedaram pasmos de espanto e encantamento. Pois ali, onde terminavam as fileiras e mais fileiras de gaiolas, havia fileiras e mais fileiras de estantes de livros, cada qual fornida de volumes dos mais diferentes tamanhos e formas, em arrumação conjugada, num dos cantos, com mesas, cadeiras e abajures para leitura. Com certeza vocês se lembram de que os Baudelaire pais tinham uma enorme coleção de livros, dos quais os órfãos recordavam com carinho e cuja falta sentiam horrivelmente, tanto que, desde o pavoroso incêndio, conhecer alguém que apreciasse os livros tanto quanto eles era sempre uma alegria para os meninos. Violet, Klaus e Sunny examinaram os volumes com o mesmo cuidado que dispensaram às gaiolas de répteis, e logo se deram conta de que a maioria dos livros tratava de cobras e de outros répteis. Parecia que todos os livros já escritos sobre répteis, desde *Uma introdução aos grandes lagartos* até *Como criar e alimentar a Cobra Andrógina,* estavam presentes nas estantes, e as três crianças, Klaus sobretudo, estavam ansiosos para ler sobre os espécimes representados na Sala dos Répteis.

"Este é um lugar extraordinário", disse finalmente Violet, quebrando o longo silêncio.

"Obrigado", disse o tio Monty. "Levei uma vida inteira para organizá-lo."

"E o senhor vai realmente nos dar licença de entrar aqui?", perguntou Klaus.

"Dar licença?", repetiu o tio Monty. "Claro que não! Vou *implorar* a vocês que entrem, meu garoto. A partir de amanhã de manhã bem cedo, todos temos que vir aqui diariamente trabalhar nos preparativos para a expedição ao Peru. Vou esvaziar uma dessas mesas para você, Violet, a fim de que trabalhe nas armadilhas. Klaus, espero que leia todos os livros que eu tenho sobre o Peru, fazendo anotações cuidadosas. E Sunny pode sentar-se no chão e roer corda. Trabalharemos o dia inteiro até a hora do jantar, e depois do jantar iremos ao cinema. Alguma objeção?"

Violet, Klaus e Sunny entreolharam-se sorridentes. Alguma *objeção?* Os órfãos Baudelaire tinham vivido a experiência de morar com o conde Olaf, que os mandava cortar lenha, tirar a mesa e lavar a louça para convidados bêbados, enquanto planejava meter a mão na fortuna dos irmãos. Tio Monty acabara de

descrever uma forma deliciosa de passar o tempo, e as crianças voltaram para ele seus rostinhos radiantes. Claro que não haveria nenhuma objeção. Violet, Klaus e Sunny, com os olhos fixos na Sala dos Répteis, constataram que viver com o tio Monty significava o fim de suas amarguras e dificuldades. Estavam enganados, é claro, ao pensar que os tempos difíceis haviam terminado, mas, naquele momento pelo menos, os três irmãos viviam um momento de animação, esperança e felicidade.

"Não, não, não", gritou Sunny, aparentemente respondendo à pergunta do tio Monty.

"Que bom, que bom, que bom", disse o tio Monty sorrindo. "Agora vamos ver os quartos e decidir quem fica com qual."

"Tio Monty?", Klaus disse timidamente. "Eu tenho uma pergunta."

"E quai é?", disse o tio Monty.

"O que é que tem dentro daquela gaiola coberta com a toalha?" Tio Monty olhou para a gaiola, depois para os meninos. Seu rosto iluminou-se com um sorriso de pura alegria.

"Ali, meus queridos, está uma cobra que eu trouxe de minha última viagem. Só

foi vista até hoje por Gustavo e por mim. Mês que vem vou apresentá-la à Sociedade Herpetológica como uma nova descoberta, mas, antes disso, dou aqui minha permissão a vocês para uma espiada secreta. Juntem-se para ver."

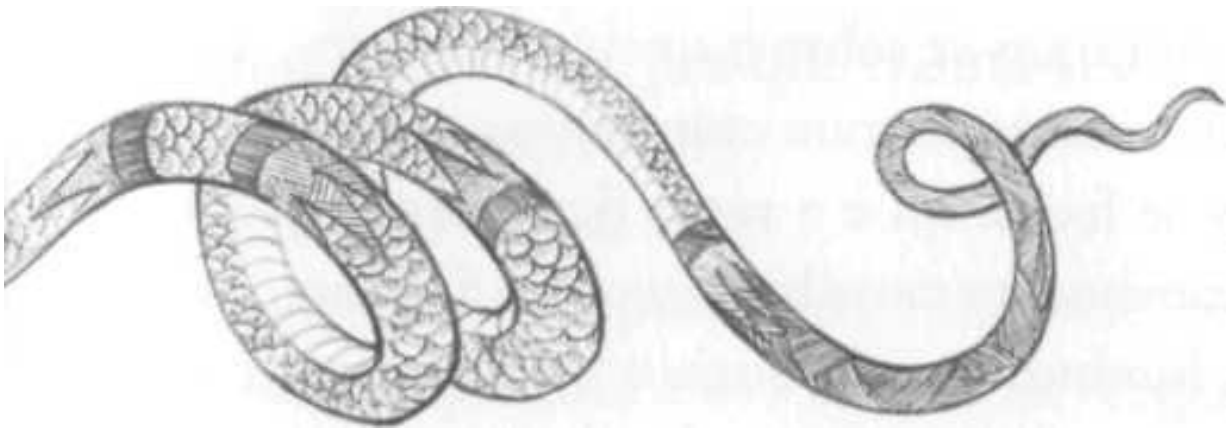
Os órfãos Baudelaire seguiram o tio Monty até a gaiola coberta, diante da qual, com um gesto rápido de pura ostentação (só para "se mostrar", como num número de mágica), ele puxou o pano e destapou a gaiola. Dentro estava uma grande cobra negra, de um negrume de mina de carvão e grossa como um cano de esgoto, olhando firme para os garotos com radiosos olhos verdes. Removido o pano que tapava a gaiola, a cobra começou a se desenrolar e deslizar pela sua habitação.

"Como fui eu que a descobri", disse o tio Monty, "cabe a mim dar um nome a ela."

"E como é que ela se chama?"

"Víbora Incrivelmente Mortífera", respondeu o tio Monty, e nesse exato momento aconteceu algo que, tenho absoluta certeza, interessará muito a vocês.

Com um movimento do rabo, a cobra soltou a trava que mantinha a porta de sua gaiola fechada, deslizou para cima da mesa e, antes que o tio Monty ou qualquer dos órfãos Baudelaire pudesse dizer alguma coisa, ela abriu a boca e mordeu o queixo de Sunny.



CAPÍTULO

Três

Peço muitas, mas muitas, muitas desculpas, por ter deixado vocês em suspenso desse jeito, mas é que eu estava escrevendo a história dos órfãos Baudelaire quando olhei para o relógio e vi que estava atrasado para um jantar de cerimônia de uma amiga minha, madame diLustro. Madame diLustro é ótima amiga, excelente detetive, e cozinha que é uma maravilha, mas fica uma fúria se a pessoa chega cinco minutos depois da hora estabelecida no convite. Vocês me entendem, não? Não tive outro jeito senão interromper tudo. Vocês devem ter pensado, no final do capítulo anterior, que Sunny morreu e que essa foi a coisa terrível que aconteceu aos Baudelaire na casa do tio Monty, mas prometo a vocês que Sunny sobrevive a esse episódio. Quem vai morrer, infelizmente, é o tio Monty, mas não agora.

Quando as presas da Víbora Incrivelmente Mortífera cerraram-se sobre o queixo de Sunny, Violet e Klaus testemunharam com horror os olhinhos de Sunny se fecharem e o rosto ficar inerte. Até que, num movimento tão súbito quanto o da cobra, Sunny sorriu luminosamente, abriu a boca e mordeu a Víbora Incrivelmente Mortífera bem no seu minúsculo focinho escamado. A cobra soltou o queixo da menina, e Violet e Klaus puderam ver que a marca deixada na pele de Sunny era quase insignificante. Os dois Baudelaire mais velhos olharam para o tio Monty, tio Monty retribuiu-lhes o olhar e caiu na gargalhada. A sonora gargalhada do tio ricocheteou nas paredes de vidro da Sala dos Répteis.

"Tio Monty, que podemos fazer?", disse Klaus, tomado de desespero.

"Desculpem-me, meus queridos", disse o tio Monty enxugando os olhos com as mãos. "Vocês devem estar muito assustados. Mas a Víbora Incrivelmente Mortífera é uma das criaturas *menos* perigosas e mais amigáveis do reino animal. Sunny não tem por que se preocupar, nem vocês."

Klaus olhou para sua irmãzinha, que ele ainda sustinha em seus braços, e ela, brincalhona, deu um forte abraço no corpo grosso da Víbora Incrivelmente Mortífera; Klaus então compreendeu que o tio Monty estava dizendo a verdade.

"Mas, nesse caso, por que chamá-la de Víbora Incrivelmente Mortífera?" Tio Monty voltou a rir.

"É um nome inapropriado", disse ele, usando uma palavra que aqui tem o sentido de "enganoso". "Como eu a havia descoberto, tinha que lhe dar o nome, lembram-se?

Não contem a ninguém sobre a Víbora Incrivelmente Mortífera, porque vou apresentá-la à

Sociedade Herpetológica e pregar um bom susto ao pessoal antes de explicar que a cobra é inteiramente inofensiva! Só Deus sabe o quanto e quantas vezes eles caçoaram de mim por causa do meu nome. 'Alô alô, Montgomery Montgomery', diziam. 'Como vai como vai, Montgomery Montgomery?' Mas na conferência deste ano vou dar o troco a eles com esse trote." Tio Monty empertigou-se todo e começou a falar com uma voz meio ingênua, do tipo que os cientistas usam para se expressar: "'Colegas (direi na ocasião), gostaria de apresentar-lhes uma nova espécie, a Víbora Incrivelmente Mortífera, que descobri na floresta do Sudeste de... meu Deus! Ela escapou!' E então, quando meus colegas herpetologistas tiverem subido em mesas e cadeiras, gritando apavorados, contarei para eles que a cobra seria incapaz de fazer mal a uma mosca! Não vai ser de matar de rir?".

Violet e Klaus entreolharam-se, e começaram as gargalhadas, em parte aliviados por nada ter acontecido à sua irmã, em parte divertidos por terem achado que o trote do tio Monty tinha, de fato, muita graça.

Klaus pôs Sunny no chão, e a Víbora Incrivelmente Mortífera não se fez esperar, indo logo para junto da menina, em quem enroscou seu rabo afetuosamente, da mesma forma como passamos o braço em volta de alguém por quem sentimos carinho.

"Por acaso, há nesta sala cobras que *sejam* perigosas?", perguntou Violet.

"Claro", disse o tio Monty. "Você não tem como estudar cobras durante quarenta anos sem encontrar algumas que sejam perigosas. Tenho um armário só para guardar amostras de veneno colhidas de todas as cobras venenosas conhecidas, a fim de estudar como esse veneno age sobre as pessoas. Há uma cobra aqui nesta sala cujo veneno é

tão mortal que faz o coração da vítima parar antes mesmo de ela perceber que foi mordida. Há uma cobra que pode abrir uma boca tão grande que daria para nos engolir todos juntos numa mesma bocada. E algumas dessas cobras são tão irresponsáveis dirigindo um carro que podem atropelar uma pessoa na rua sem nem ao menos parar para pedir desculpas. Mas, vejam bem, todas elas estão em gaiolas com cadeados de segurança máxima, e pode-se lidar sem medo com elas depois de tê-las estudado bastante. Prometo a vocês que, se fizerem o esforço necessário para se informarem bem a respeito do assunto, não terão nada a temer aqui na Sala dos Répteis." Há um tipo de situação, que acontece freqüentemente e que está acontecendo neste ponto da história dos órfãos Baudelaire, que foi chamada de "ironia dramática". Em poucas palavras, a ironia dramática ocorre quando uma pessoa faz um comentário inocente, e outra pessoa que o escuta está sabendo de alguma coisa que faz com que esse comentário tome um sentido diferente, em geral desagradável. Por exemplo, se estivéssemos num restaurante e disséssemos em voz alta "Não vejo a hora de comer essa vitela ao molho de mostarda", e houvesse por perto pessoas sabendo que a vitela ao molho de mostarda estava envenenada e que vocês morreriam ao dar a primeira dentada, a situação seria bem o que se poderia chamar de "ironia dramática". A ironia dramática é

uma ocorrência cruel (por isso também se pode falar dela como "ironia cruel") quase sempre inquietante, e lamento muito tê-la feito surgir nesta história, mas, tendo Violet, Klaus e Sunny as vidas desgraçadas que têm, mais cedo ou mais tarde essa ironia acabaria fazendo sua repelente aparição.

Ao ouvirmos, vocês leitores e eu, o tio Monty dizer aos três órfãos Baudelaire que eles nunca terão nada a temer na Sala dos Répteis, a sensação que isso nos causa é a mesma que acompanha a chegada da ironia dramática. É uma sensação próxima do frio no estômago que se sente num elevador que dá uma descida brusca, ou quando se está

bem aconchegado debaixo dos lençóis e a porta do armário de repente se abre com um rangido e revela a pessoa que estava escondida lá dentro. Pois, por mais seguras e felizes que as crianças estejam se sentindo, por mais confortadoras que tenham sido as palavras do tio Monty, vocês leitores e eu sabemos que o tio não demorará a morrer e os Baudelaire vão ficar na pior outra vez.

Na semana que se seguiu, entretanto, os meninos viveram muito felizes no novo lar. Todas as manhãs acordavam e se vestiam na privacidade dos seus quartos individuais, que cada qual havia escolhido e decorado a seu gosto. Violet escolhera um quarto com uma enorme janela que dava para os arbustos com a forma de cobras no gramado da frente. Ela achou que essa vista poderia inspirá-la quando estivesse inventando coisas. Tio Monty lhe permitiu pregar com tachinhas grandes folhas de papel em cada uma das paredes, para que pudesse anotar esquemas de suas idéias, mesmo se elas ocorressem no meio da noite. Klaus tinha escolhido um quarto que tinha um cantinho especial formado por um vão de parede, onde ele conseguia isolar-se por completo para ler. Com a permissão do tio Monty, ele havia carregado uma ampla poltrona estofada da sala de estar, instalando-a no seu cantinho, à luz de uma grande luminária de pé. Em vez de ler na cama, Klaus preferia se aninhar na poltrona todas as noites com um livro da biblioteca do tio, às vezes prolongando a leitura até de manhã. Sunny havia escolhido um quarto que ficava exatamente entre o de Violet e o de Klaus, para onde levara objetos pequenos e duros recolhidos por toda parte na casa, a fim de poder mordê-los sempre que tivesse vontade. Em seu quarto havia também uma variedade de brinquedos do agrado da Víbora Incrivelmente Mortífera, de modo que as duas pudessem brincar juntas à vontade — sem ultrapassar os limites do razoável, é

claro.

Mas onde os Baudelaire mais gostavam de ficar era na Sala dos Répteis. Todas as manhãs, depois do café, juntavam-se ao tio Monty, que já se encontrava lá trabalhando nos preparativos para a expedição. Violet sentava-se a uma mesa com as cordas, engrenagens e gaiolas usadas na confecção das diferentes armadilhas para cobras, aprendendo como funcionavam, consertando as peças quebradas e ocasionalmente introduzindo melhoramentos que tornassem as armadilhas mais confortáveis para as cobras na longa viagem do Peru à casa do tio Monty. Klaus ficava sentado ali perto, lendo os livros sobre o Peru que havia na biblioteca do tio, tomando notas num bloco de papel a que pudessem recorrer mais tarde. E Sunny sentava-se no chão, roendo com entusiasmo uma longa corda de modo a reduzi-la a fragmentos que pudessem ser usados depois. Os Baudelaire estavam simplesmente encantados de aprender com o tio Monty tudo sobre os répteis. Enquanto trabalhavam, ele lhes mostrava o Lagarto-Vaca do Alasca, criatura verde e alongada que produzia um leite delicioso. Eles conheceram o Sapo Dissonante, que sabia imitar a fala humana com uma voz rouca e áspera, como de cascalhos em atrito. Tio Monty ensinou-os a segurar o Tritão Tintureiro sem sujar os dedos com sua tinta preta, e mostrou como saber quando a Irascível Píton estava de mau humor e era preferível deixá-la em paz. Ensinou-os a não dar água demais ao Sapo Barriga Verde, e preveniu-os de que

nunca, em hipótese alguma, deveriam deixar que a Cobra-Lobo da Virgínia chegasse perto de uma máquina de escrever.

Ao falar-lhes dos diferentes répteis, tio Monty muitas vezes emendava no assunto

— expressão que aqui significa "deixava a conversa enveredar por" — histórias de suas viagens, descrevendo os homens, cobras, mulheres, sapos, crianças e lagartos que havia conhecido em suas andanças pelo mundo. Não demorou muito e os órfãos Baudelaire estavam contando ao tio Monty tudo sobre suas próprias vidas, chegaram até a falar de seus pais e de como sentiam saudades deles. Tio Monty mostrava-se tão interessado pelas histórias dos meninos como eles pelas suas, e houve ocasiões em que a conversa se prolongou tanto que eles mal tiveram tempo de engolir o jantar e enfiar-se no apertado jipe do tio Monty para ir ao cinema.

Certa manhã, quando as três crianças terminaram de tomar o café e foram para a Sala dos Répteis, não encontraram tio Monty, mas apenas um bilhete deixado por ele: Queridos *bambini,*

Fui à cidade comprar as últimas coisas que faltam para a expedição: repelente para vespas peruanas, escovas de dente, pêssegos em calda e uma canoa à prova de fogo. Vai demorar um pouco até eu encontrar os pêssegos, então não esperem que eu esteja de volta para o jantar.

Stephano, o substituto de Gustavo, chegará hoje de táxi. Dêem-lhe boa acolhida. Como sabem, faltam apenas dois dias para a expedição, por isso lhes peço que trabalhem bastante hoje.

Seu tio exultante, Monty

"Que significa *exultante?* ", perguntou Violet quando acabaram de ler o bilhete.

"Fora de si e empolgado", disse Klaus, que aprendera a palavra numa antologia de poesia para a primeira série. "Acho que ele está se referindo à empolgação de ir para o Peru. Ou talvez esteja empolgado com a perspectiva de ter um novo assistente."

"Ou talvez esteja empolgado conosco", disse Violet.

"Tudu!", gritou Sunny, provavelmente querendo dizer "Ou talvez esteja empolgado com todas essas coisas".

"Eu próprio me sinto meio empolgado", disse

Klaus. "É mesmo bastante divertido morar com o tio Monty."

"Não tenha a menor dúvida", concordou Violet. "Depois do incêndio, achei que nunca mais voltaria a ser feliz. Mas esse tempo que passamos aqui tem sido magnífico."

"Mesmo assim, sinto falta de nossos pais", disse Klaus. "Por mais legal que o tio Monty seja, como eu gostaria de ainda estar morando em nossa casa de verdade!"

"É claro", disse Violet na mesma hora. Fez uma pausa e, lentamente, como se estivesse pensando em voz alta, expressou uma idéia que vinha remoendo nos últimos dias. "Acho que sempre sentiremos falta de nossos pais. Mas acho também que podemos sentir saudades deles sem que seja preciso estar sofrendo o tempo todo. Afinal de contas, eles não iam querer nos ver sofrendo."

"Lembram-se daquela vez", disse Klaus, tristonho, "quando estávamos entediados numa tarde chuvosa e todos pintamos as unhas do pé de vermelho-vivo?"

"Lembro", disse Violet abrindo um sorriso, "e eu derramei o esmalte na poltrona amarela".

"Plaplá!", disse Sunny, tranqüila, o que provavelmente significava algo como "E a mancha nunca mais saiu". Os órfãos Baudelaire sorriram entre si e, sem mais uma palavra, começaram o trabalho do dia. Pelo resto da manhã trabalharam com calma e sem interrupção, conscientes de que o prazer de estar morando na casa do tio Monty não apagara a morte de seus pais, de maneira alguma, mas pelo menos havia servido para fazer com que se sentissem melhor depois de ficarem tão tristes por tanto tempo. É uma lástima, sem dúvida, que este momento de sossego e felicidade tenha sido o último que as crianças desfrutariam por um bom período dali para a frente, mas não há nada que se possa fazer agora para mudar a situação. Bem quando os Baudelaire começavam a pensar no almoço, ouviram um carro estacionar diante da casa e tocar a buzina. Para as crianças, era um sinal de que Stephano havia chegado. Para nós, uma indicação de que mais sofrimento estava para começar.

"Espero que seja o novo assistente", disse Klaus, erguendo os olhos de *O grande catálogo peruano das pequenas cobras no Peru.* "E espero que seja tão legal quanto Monty."

"Eu também", disse Violet, abrindo e fechando uma armadilha para sapos a fim de verificar se funcionava direito. "Seria desagradável viajar para o Peru com alguém que fosse chato ou mesquinho."

"Pajá!", gritou Sunny, o que provavelmente significava algo do tipo "Bem, vamos lá ver que tal é o Stephano!".

Os Baudelaire deixaram a Sala dos Répteis e saíram pela porta da frente da casa, deparando com um táxi estacionado perto dos arbustos com forma de cobras. Um homem muito alto e magro, com uma barba comprida e sem sobrancelhas acima dos olhos saía da porta traseira do carro, carregando uma maleta preta fechada com um cadeado de prata que brilhava.

"Não vou lhe dar gorjeta", o barbudo dizia ao motorista do táxi, "porque você fala demais. Não é todo mundo que está a fim de ouvir histórias de seu novo bebê, entende?

Ei, olá, vocês aí. Sou Stephano, o novo assistente do dr. Montgomery. Como estão?"

"Como vai o senhor?", disse Violet e, ao se aproximar do recém-chegado, ela sentiu que havia algo de vagamente familiar no chiado que acompanhava a voz dele.

"Como vai?", disse Klaus, e ao encarar Stephano notou que havia algo de muito familiar no brilho intenso dos olhos dele.

"Uuuda!", gritou Sunny. Stephano não estava usando meias, e Sunny, engatinhando no chão de terra, pôde ver a pele do tornozelo nu entre a bainha da calça e o sapato. Naquele tornozelo havia algo que lhes era mais familiar do que tudo. Os órfãos Baudelaire tiveram o mesmo pensamento ao mesmo tempo, e recuaram um passo como costumamos fazer diante de um cachorro que se põe a latir. Esse homem não era Stephano, por mais que quisesse se fazer passar por Stephano. Os três olharam para o novo assistente do tio Monty, encarando-o da cabeça aos pés, e viram que não era outro senão o conde Olaf. Podia ter raspado sua longa sobrancelha duas-em-uma, podia ter deixado crescer uma barba no seu queixo ossudo, mas a tatuagem de um olho em seu tornozelo era mais reveladora que qualquer sinal de nascença.



CAPÍTULO

Q uatro

Uma das coisas mais difíceis da vida é pensar nos arrependimentos. Algo nos acontece, então fazemos o que não deveríamos ter feito e, anos depois, desejaremos que tivéssemos agido de outra forma. Por exemplo, às vezes quando estou caminhando pela praia, ou visitando o túmulo de um amigo, de repente começo a me lembrar de um dia, muito tempo atrás, quando deixei de levar uma lanterna para um lugar onde era indispensável ter uma e os resultados foram desastrosos. *Por que não levei uma lanterna?* penso comigo mesmo, apesar de já ser tarde demais para fazer qualquer coisa a respeito. *Eu deveria ter levado uma lanterna.*

Anos depois de ter acontecido aquele episódio na vida dos órfãos Baudelaire, Klaus ainda pensava no momento em que ele e suas irmãs perceberam que Stephano era na verdade o conde Olaf, e morria de arrependimento por não ter chamado o motorista do táxi quando ele começava a manobrar para descer a rampa e voltar à estrada. *Pare!*

Klaus pensava consigo mesmo, embora fosse tarde demais para fazer qualquer coisa a respeito. *Pare! Leve esse homem daqui!* Claro, *é* perfeitamente compreensível que Klaus e suas irmãs, tomados por uma surpresa tão grande, não conseguissem agir com a rapidez necessária, mas, anos depois, deitado na cama, Klaus amargava o pensamento de que talvez, não era certo mas *talvez,* se houvesse agido a tempo, poderia ter salvado a vida do tio Monty.

Mas não agiu. Enquanto os órfãos Baudelaire olhavam para o conde Olaf, o táxi fez a manobra de volta e as crianças ficaram a sós com sua nêmesis (palavra que aqui significa "o pior inimigo que se possa imaginar"). Olaf sorriu para eles da mesma maneira que a Cobra Perversa Mongol do tio Monty sorria quando colocavam um rato branco na gaiola diariamente para ela almoçar.

"Um de vocês poderia fazer a gentileza de carregar minha mala até o meu quarto", sugeriu Olaf com sua voz "arranhada". "A viagem ao longo daquela estrada fedorenta foi tediosa e desagradável, por isso estou muito cansado."

"Se existe alguém que, mais do que qualquer pessoa, mereça viajar pelo Mau Caminho", disse Violet, com o olhar penetrante fixo nele, "esse alguém é você, conde Olaf. Nós com toda a certeza não o ajudaremos de forma alguma com sua bagagem, porque simplesmente não deixaremos que entre nesta casa."

Olaf franziu a cara para os órfãos, e depois olhou numa e noutra direção como se

esperasse ver alguém escondido por trás dos arbustos em forma de cobras.

"Quem é conde Olaf?", perguntou muito admirado. "Meu nome é Stephano. Estou aqui para dar assistência a Montgomery Montgomery em sua próxima expedição ao Peru. Presumo que vocês três sejam anões que trabalham como criados na casa de Montgomery."

"Não somos anões", disse Klaus com firmeza. "Somos crianças. E você é o conde Olaf. Pode ter deixado crescer barba e raspado a sobrancelha, mas continua a ser a mesma pessoa desprezível e não deixaremos que entre nesta casa."

"Futa!", gritou Sunny, provavelmente querendo significar algo como "De acordo!". O conde Olaf encarou cada um dos órfãos Baudelaire com o mesmo brilho intenso nos olhos que ele exibia quando contava uma piada.

"Não sei do que estão falando", disse, "mas, ainda que soubesse e que eu fosse mesmo esse conde Olaf como vocês estão me dizendo que eu sou, não poderia deixar de considerar vocês muito grosseiros. E se eu considerasse que vocês estão sendo grosseiros, poderia me zangar. E, se eu me zangasse, vai saber o que eu poderia fazer?" As crianças viram o conde Olaf levantar os braços magrelos como se encolhesse os ombros. Provavelmente não é preciso lembrar a vocês o quanto ele podia ser violento, e com absoluta certeza tampouco seria necessário lembrar aos Baudelaire. Klaus ainda podia sentir no rosto o machucado de quando o conde Olaf lhe batera na época em que moravam na casa dele. Sunny ainda sentia o corpo doer por ter ficado espremida dentro de uma gaiola de passarinho e pendurada no alto da torre onde o perverso conde arquitetava seus planos. E, apesar de não ter sido vítima de nenhuma violência física por parte daquele homem terrível, Violet quase foi forçada a casar-se com ele, o que bastou para fazê-la pegar a mala dele e arrastá-la vagarosamente em direção à porta da casa.

"Suspenda mais", disse Olaf. "Levante mais um pouco. Não quero ver a mala se arrastar pelo chão desse jeito."

Klaus e Sunny apressaram-se para ajudar Violet, mas mesmo os três fazendo força para carregar a mala o peso era tanto que os fazia cambalear. Já era sofrimento demais o simples reaparecimento do conde Olaf na vida deles, justamente quando sentiam tanto conforto e segurança na casa do tio Monty. Mas ajudar essa horrível pessoa a entrar na casa deles, aí já era exigir das crianças mais do que seriam capazes de suportar! Olaf seguia-as bem de perto, de modo que as três puderam sentir o hálito pesado dele enquanto levavam a mala para dentro, até pousá-la no carpete logo embaixo do quadro com as duas cobras

enlaçadas.

"Obrigado, órfãos", disse Olaf, fechando a porta atrás dele. "Bem, o dr. Montgomery disse que reservou para mim um quarto lá em cima. Acho que posso subir com a minha bagagem. Agora, retirem-se. Mais tarde vamos ter muito tempo para nos conhecer melhor."

"Nós já conhecemos você, conde Olaf", disse Violet. "É evidente que não mudou nada."

"Vocês também não", disse Olaf. "Posso ver claramente que você, Violet, continua a mesma teimosa de sempre. E você, Klaus, sempre com esses óculos idiotas, por ler livros demais. E dá para ver que Sunny continua a ter nove dedos nos pés em vez de dez".

"Pel!", gritou Sunny, o que provavelmente significava algo como "Não tenho não!".

"Do que é que você está falando?", perguntou Klaus, impaciente. "Ela tem dez dedos no pé como todo mundo."

"É mesmo?", disse Olaf. "Estranho. Lembro-me de que ela perdeu um dos dedinhos num acidente." Seus olhos brilharam mais intensamente, como quando contava uma piada, e ele enfiou a mão no bolso para tirar uma faca comprida, do tipo que se usa para cortar pão. "Estou lembrado de que havia um homem que ficou tão confuso quando começaram a chamá-lo repetidas vezes por um nome errado, que acidentalmente deixou cair uma faca em cima do pezinho de Sunny e fez com que ela perdesse um dos dedos." Violet e Klaus olharam para o conde Olaf e depois para o pé descalço de sua irmã.

"Você não se atreveria", disse Klaus.

"Não vamos agora discutir o que eu me atreveria ou não me atreveria a fazer", disse Olaf. "Acho que está na hora é de discutir como vocês vão me chamar enquanto estivermos juntos nesta casa."

"Vamos chamá-lo de Stephano, se insiste em nos ameaçar", disse Violet, "mas não estaremos juntos nesta casa por muito tempo."

Stephano abriu a boca para dizer algo, mas Violet não estava interessada em prosseguir na conversa. Virou-lhe as costas e, muito empertigada, cruzou a enorme porta que dava para a Sala dos Répteis, seguida por seus irmãos. Se vocês ou eu tivéssemos estado la, só poderíamos pensar que os órfãos Baudelaire

não tinham a menor sombra de medo, falando assim tão corajosos com Stephano e depois simplesmente deixando-o plantado onde estava, mas, assim que as crianças alcançaram o extremo mais distante da sala, as verdadeiras emoções vieram claramente à tona no rosto deles. Os Baudelaire estavam aterrorizados. Violet, com as mãos sobre o rosto, apoiava-se numa das gaiolas das cobras. Klaus afundou numa poltrona, tremendo tanto que se ouvia o chocalhar de seus pés sobre o piso de mármore. E Sunny enroscou-se toda como uma bola no chão, tão minúscula que uma pessoa podia não dar por sua presença ao entrar na sala. Por alguns minutos, nenhum dos três disse nada, com a atenção toda dirigida para os sons abafados dos passos de Stephano subindo a escada e para as batidas de seus próprios corações pulsando nos ouvidos.

"Como será que ele nos descobriu?", perguntou Klaus. Sua voz era um rouco sussurro, como se estivesse com a garganta irritada. "Como será que conseguiu ser assistente do tio Monty? Que é que ele está fazendo aqui?"

"Ele jurou que haveria de embolsar a fortuna dos Baudelaire", disse Violet, retirando as mãos do rosto e abraçando Sunny, que estava com calafrios. "Ele me disse isso um minuto antes de escapar. Disse que ficaria com a nossa fortuna, nem que fosse a última coisa que fizesse na vida." Violet estremeceu, e não acrescentou que ele também havia dito que, de posse da fortuna, mataria os três irmãos Baudelaire. Nem precisava acrescentar. Violet, Klaus e Sunny sabiam, todos, que se o conde Olaf encontrasse um jeito de se apoderar da fortuna deles passaria uma faca na garganta dos órfãos Baudelaire tão fácil e naturalmente como vocês ou eu comeríamos um biscoitinho amanteigado.

"Que podemos fazer?", indagou Klaus. "Tio Monty só estará de volta daqui a horas."

"Talvez fosse o caso de chamarmos o sr. Poe", disse Violet. "Está no meio do expediente, mas talvez ele possa sair do Banco para uma emergência."

"Ele não acreditaria em nós", disse Klaus. "Lembra-se quando tentamos falar para ele sobre o conde Olaf na época em que morávamos com esse canalha? O sr. Poe levou tanto tempo para perceber a verdade, que quase acabou sendo tarde demais. Acho que deveríamos fugir. Se sairmos agora mesmo, é provável que a gente consiga chegar à

cidade e pegar um trem que nos leve para bem longe daqui." Violet imaginou os três, sozinhos, andando no Mau Caminho por baixo das macieiras carregadas de frutos azedos, com o cheiro ardido de raiz-forte empestando tudo à volta deles.

"Iríamos para onde?", perguntou.

"Para qualquer lugar", disse Klaus. "Qualquer lugar que não fosse aqui. Poderíamos ir para bem longe, onde não desse para o conde Olaf nos descobrir, mudaríamos nossos nomes, ninguém ficaria sabendo quem somos."

"Não temos nenhum dinheiro", observou Violet. "Como conseguiríamos viver por nossa conta?"

"Poderíamos arranjar emprego", respondeu Klaus.

"Eu poderia trabalhar numa biblioteca, quem sabe, e você em alguma fábrica. Sunny provavelmente não conseguiria trabalho com a idade que tem hoje, mas dentro de uns poucos anos..."

Os três órfãos calaram-se. Tentaram imaginar-se deixando a casa do tio Monty e vivendo à própria custa, batalhando por emprego e cuidando uns dos outros. Era um projeto que envolvia muita solidão. Ficaram, por instantes, sentados em triste silêncio, e todos com o mesmo pensamento: como gostariam que os pais não tivessem morrido no incêndio, e que a vida dos três nunca tivesse virado aquela embrulhada da qual não conseguiam mais sair. Se ao menos os Baudelaire pais ainda estivessem vivos, os garotos nem sequer teriam ouvido falar do conde Olaf, que dizer então de suportá-lo invadindo a casa deles e certamente arquitetando planos para lhes fazer mal.

"Não podemos ir embora", disse Violet finalmente. "O conde Olaf já nos achou uma vez, tenho certeza de que nos achará de novo, por mais longe que a gente vá. E tem outra coisa: quem sabe onde estão os assistentes do conde Olaf? Talvez neste exato momento já tenham cercado a casa e estejam na maior vigilância para não deixar que a gente apronte alguma coisa."

Klaus sentiu um calafrio. Ele tinha esquecido os assistentes do conde Olaf. Além de planejar apoderar-se da fortuna dos Baudelaire, Olaf era o cabeça de uma terrível trupe teatral, e seus colegas atores estavam sempre dispostos a ajudá-lo em suas tramas. Era uma equipe de aparência meio horripilante, cada qual mais assustador que o outro. Havia um careca de nariz comprido, que vestia sempre um roupão preto. Havia duas mulheres sempre com o rosto coberto com um pó branco fantasmagórico. Havia uma pessoa tão grandona e de traços tão indefinidos que não se podia dizer que fosse homem ou mulher. E havia um homem magricela que tinha dois ganchos onde deveria haver suas mãos. Violet estava certa. Qualquer uma dessas pessoas podia estar de olho neles, atenta, esperando do lado de fora da casa do tio Monty para apanhá-los se tentassem fugir.

"Acho que simplesmente deveríamos esperar o tio Monty voltar e contar-lhe o

que aconteceu", disse Violet. "Ele acreditará na gente. Basta a gente falar da tatuagem, ele no mínimo vai pedir a *Stephano* uma explicação." O tom de voz com que Violet disse

"Stephano" demonstrava o completo desprezo que ela sentia pelo impostor.

"Tem certeza?", disse Klaus. "Afinal de contas foi o tio Monty quem contratou *Stephano*. " O tom da voz de Klaus quando *ele* disse "Stephano" demonstrava que compartilhava os sentimentos da irmã. "Tudo o que sabemos é que o tio Monty e Stephano planejaram alguma coisa juntos."

"Maida!", gritou Sunny, o que provavelmente significava algo como "Não seja ridículo, Klaus!".

Violet balançou a cabeça:

"Sunny tem razão. Não posso acreditar que o tio Monty esteja de combinação com Olaf. Ele foi tão bom e tão generoso conosco, sem falar que, se estivessem tramando juntos alguma coisa, Olaf não faria questão de usar um nome falso."

"Isso é verdade", disse Klaus, pensativo. "Então esperemos pelo tio Monty."

"Esperemos", concordou Violet.

"Toju", disse Sunny solenemente, e os irmãos se entreolharam, tristes, sem mais uma palavra. Esperar é uma das coisas difíceis da vida. É duro esperar pela sobremesa de torta de chocolate quando o rosbife ainda está no prato. Que tristeza esperar pelo Halloween enquanto ainda falta passar o tedioso mês de setembro. Mas esperar que o tio adotivo voltasse para casa enquanto um homem ganancioso e violento se instalava no andar de cima foi uma das piores esperas de toda a vida dos Baudelaire. Para distrair o pensamento, eles tentaram prosseguir no trabalho, mas a ansiedade era grande demais para que as crianças conseguissem fazer o que quer que fosse. Violet tentou consertar a dobradiça da porta de uma das armadilhas, mas sua concentração estava toda voltada para o nó de preocupação que lhe apertava o estômago. Klaus tentou ler sobre como proteger-se das plantas espinhosas do Peru, mas seu cérebro não conseguia deixar de pensar em Stephano. E Sunny tentava roer a corda, mas um calafrio de medo não parava de percorrer-lhe os dentes e em pouco tempo ela desistiu. Não sentiu sequer vontade de brincar com a Víbora Incrivelmente Mortífera. Então os Baudelaire passaram o resto da tarde sentados em silêncio na Sala dos Répteis, olhando pela janela para ver se o jipe do tio Monty chegava e atentos aos ruídos ocasionais vindos do andar de cima. Nem quiseram pensar no que Stephano poderia estar tirando da mala. Finalmente, na hora em que os arbustos em forma

de cobras começaram a projetar longas sombras com o pôr-do-sol, as três crianças ouviram o som de um motor se aproximando, até que o jipe estacionou. Havia uma grande canoa amarrada à capota do jipe, e o banco de trás estava todo tomado pelas compras do tio Monty. O tio saiu, lutando contra o peso de várias sacolas de compras, e viu as crianças pelas paredes de vidro da Sala dos Répteis. Sorriu para elas. Elas retribuíram o sorriso, e nesse instante em que sorriram criou-se outro momento de arrependimento para eles. Se nio houvessem feito aquela pausa e sorrido para o tio Monty, se em vez disso tivessem saído correndo para o carro, poderiam ter tido um breve momento a sós com ele. Mas, quando o alcançaram no hall de entrada, ele já estava conversando com Stephano.

"Não sabia o tipo de escova de dentes de sua preferência", disse o tio Monty querendo desculpar-se, "de modo que lhe comprei uma com pêlos extra-firmes, que *é* o tipo de que eu gosto. A comida peruana tem uma tendência a prender-se nos dentes, por isso a gente precisa levar pelo menos uma escova extra."

"Pêlos extrafirmes é uma escolha perfeita", disse Stephano, falando para o tio Monty mas fixando nos órfãos seus olhos intensamente radiosos. "Posso levar a canoa para dentro?"

"Sim, mas, meu Deus, você não pode fazer isso sozinho", disse o tio Monty.

"Klaus, por favor, dê uma ajuda a Stephano, está bem?"

"Tio Monty", disse Violet, "temos uma coisa muito importante para falar com você."

"Sou todo ouvidos", disse o tio Monty, "mas antes deixem que eu mostre o repelente contra vespas que consegui para vocês. Foi ótimo Klaus ter lido e se informado sobre a situação específica do Peru no que diz respeito aos insetos, porque os outros repelentes que eu tenho não teriam adiantado nada." Tio Monty enfiou o braço numa das sacolas de compras enquanto as crianças esperavam impaciente-mente que ele terminasse. "Este aqui contém um produto químico chamado..."

"Tio Monty", disse Klaus, "o que temos para falar com você na verdade não dá

para esperar."

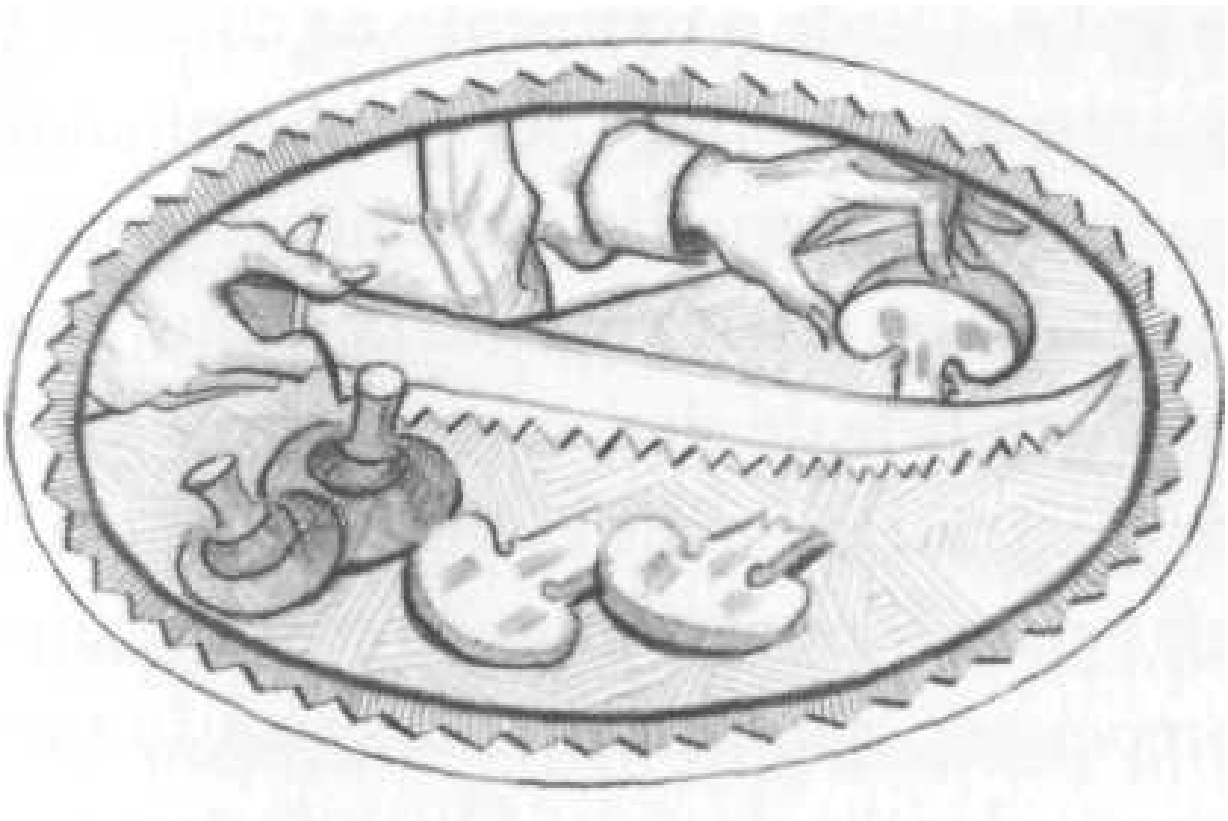
"Klaus", disse o tio Monty erguendo as sobrancelhas de surpresa, "não é

educado interromper o seu tio quando ele está falando. Vamos, ajude Stephano a

levar a canoa, e daqui a pouco a gente falará sobre o que você quiser." Klaus suspirou, mas seguiu Stephano pela porta aberta. Violet ficou olhando-os caminhar em direção ao jipe enquanto o tio Monty largava as sacolas de compras no chão e se dirigia a ela: "Não lembro mais o que eu estava dizendo sobre o repelente", falou, um pouco contrariado. "Detesto quando perco o fio do pensamento."

"O que precisamos falar com você", Violet começou, mas parou assim que viu uma certa coisa. Monty não estava olhando para a porta, de modo que não via o que Stephano estava fazendo, mas Violet viu Stephano parar junto aos arbustos em forma de cobras, enfiar a mão no bolso do paletó e tirar a faca comprida. A lâmina refletiu a luz do sol poente e brilhou com esplendor máximo, como um farol. Como vocês provavelmente sabem, os faróis servem de sinais de alerta, avisando os navios onde se encontra o litoral para que eles não batam de encontro à terra. A faca brilhando era um sinal de alerta, também.

Klaus olhou para a faca, depois para Stephano e, afinal, para Violet. Violet olhou para Klaus, depois para Stephano e, por fim, para Monty. Sunny olhou para todos. Apenas Monty não percebeu o que estava acontecendo, de tanto que se achava



absorvido em tentar lembrar-se do que havia começado a falar sobre os repelentes antivespas.

"O que precisamos falar com você", Violet começou de novo, mas não foi capaz de continuar. Stephano não pronunciou uma só palavra. Não era preciso. Violet sabia que bastaria ela abrir a boca e falar sobre a verdadeira identidade dele, para que Stephano imediatamente atacasse seu irmão ali mesmo junto aos arbustos em forma de cobras. Sem dizer palavra, a nêmesis dos órfãos Baudelaire passara muito claramente sua mensagem.

CAPÍTULO

Cinco

Aquela noite foi das mais longas e terríveis já vividas pelos órfãos Baudelaire, e olhe que noites longas e terríveis eles tiveram muitas em suas vidas. Houve uma, por exemplo, pouco depois de Sunny ter nascido, em que as três crianças passaram por uma gripe tremenda, virando-se e revirando-se na cama dominadas por uma febre que não baixava, enquanto o pai tentava acalmá-los todos ao mesmo tempo, pondo compressas frias sobre as testas suadas dos filhos. Na noite que se seguiu à morte dos pais, os três ficaram na casa do sr. Poe e não pregaram o olho em momento algum, muito arrasados e confusos para tentar dormir. E, *é* claro, muitas e muitas noites longas e terríveis marcaram a permanência deles na casa do conde Olaf.

Mas esta noite, particularmente, pareceu-lhes a pior de todas. Desde o momento da chegada do tio Monty até a hora de irem dormir, Stephano manteve as crianças sob vigilância constante, isto é, ficou de olho nelas o tempo todo para que não houvesse possibilidade de elas conversarem a sós com o tio Monty e revelarem que ele na verdade era o conde Olaf; e o tio Monty, com tudo o que já tinha para se preocupar, não percebeu a situação estranha que ocorria dentro de casa. Quando trouxeram o resto das compras do tio Monty, Stephano veio com as sacolas carregadas em apenas uma das mãos, mantendo a outra enfiada no bolso do paletó onde estava escondida a faca, no entanto, com a empolgação causada por todos aqueles novos suprimentos, nem ocorreu ao tio Monty perguntar a razão de semelhante postura. Quando foram para a cozinha a fim de preparar o jantar, Stephano sorriu ameaçadoramente para as crianças enquanto partia os champinhons, mas o tio Monty, todo absorto para não deixar que o molho do strogonoff fervesse, nem notou que a faca com que Stephano fatiava os champinhons era de uso pessoal do novo assistente, a mesma que servia para ameaçar os garotos. Durante o jantar, Stephano contou histórias divertidas e elogiou o trabalho científico de Monty; sentindo-se de tal maneira lisonjeado, o tio foi incapaz de imaginar que durante todo o desenrolar da refeição Stephano segurava a faca por baixo da mesa, roçando a lâmina levemente no joelho de Violet. E, após anunciar que aproveitaria aquela noite para mostrar a Sala dos

Répteis ao novo assistente, o desejo de fazê-lo o quanto antes absorveu inteiramente a atenção do cientista, a ponto de não perceber que os Baudelaire tinham simplesmente ido para a cama sem dizer uma palavra.

Pela primeira vez, o fato de possuírem quartos individuais teve mais o efeito de provação do que de luxo, pois sem a companhia uns dos outros os órfãos sentiram-se ainda mais solitários e desamparados. Violet olhou para o papel fixado com tachinhas em sua parede e tentou imaginar o que Stephano estava planejando. Klaus sentou-se em sua ampla poltrona estofada e acendeu a lâmpada da luminária para leitura, mas as preocupações não o deixaram sequer abrir um livro. Sunny ficou olhando para seus objetos duros mas não se animou a morder nenhum.

Os três pensaram em seguir andando pelo hall, ir até o quarto do tio Monty, acordá-lo e contar-lhe o que estava acontecendo de errado. Mas, para chegar ao quarto do tio, teriam que passar pelo quarto em que estava hospedado Stephano, e durante toda a noite Stephano montou guarda sentado numa cadeira diante da porta aberta de seu quarto. Quando os órfãos abriram a porta de seus quartos para ter uma vista do corredor, deram com a cabeça pálida e raspada de Stephano movendo-se lentamente como o pêndulo de um relógio de parede antigo. Para lá e para cá, para lá e para cá, cintilando à

meia-luz, uma visão tão assustadora que eles não se atreveram a atravessar o corredor. Finalmente, a casa começou a clarear com o azul cinzento que precede o alvorecer, e os Baudelaire, ainda com os olhos turvos de sono, desceram as escadas para tomar o café da manhã, cansados e com o corpo moído pela noite sem dormir. Sentaram-se em volta da mesa onde haviam comido bolo na manhã em que chegaram à

casa do tio Monty, e serviram-se, indiferentes ao que havia para a refeição. Era a primeira vez, desde a mudança para a nova casa, que não morriam de vontade de entrar na Sala dos Répteis e começar o dia de trabalho.

"Acho que está na hora de irmos", disse finalmente Violet, pondo de lado a torrada em que mal havia tocado. "Garanto que o tio Monty já começou a trabalhar e está

a nossa espera."

"E garanto que Stephano também está lá", disse Klaus olhando melancolicamente para a sua tigela de cereais. "Não teremos chance de contar ao tio Monty o que sabemos sobre ele."

"Miga", disse Sunny tristemente, deixando cair no chão sua cenoura crua intocada.

"Se ao menos o tio Monty soubesse o que nós sabemos", disse Violet, "e Stephano soubesse que ele sabe o que sabemos. Mas o tio Monty não sabe o que sabemos, e Stephano sabe que ele não sabe o que sabemos."

"Eu sei", disse Klaus.

"Sei que você sabe", disse Violet, "mas o que não sabemos é o que o conde Olaf, quero dizer *Stephano,* está realmente querendo aprontar. Ele está atrás de nossa fortuna, disso não há a menor dúvida, mas como é que ele pode consegui-la se estamos sob a tutela do tio Monty?"

"Talvez ele simplesmente vá esperar que alcancemos a maioridade, e então roubará a fortuna", disse Klaus.

"Quatro anos é muito tempo para esperar", disse Violet. Os três órfãos ficaram calados, cada qual procurando lembrar o que haviam feito quatro anos antes. Violet tinha dez anos e usava os cabelos bem curtos. Lembrava-se de, por volta do décimo aniversário, ter inventado um novo tipo de apontador de lápis. Klaus tinha oito, e lembrava-se do interesse que os cometas lhe despertavam, lendo na ocasião todos os livros de astronomia da biblioteca dos pais. Sunny, é claro, ainda não havia nascido quatro anos antes, e ficou tentando lembrar-se de como era esse tipo de inexistência. Muito escuro, pensou, sem nada para morder. Para todos eles, quatro anos parecia ser de fato muito tempo.

"Vamos, vamos, vocês estão se mexendo muito devagar esta manhã", disse o tio Monty, surgindo com ímpeto na sala. Seu rosto parecia ainda mais animado que de costume, e ele trazia um pequeno maço de papéis dobrados numa das mãos. "Stephano só está trabalhando aqui há um dia, e já se acha na Sala dos Répteis. Na verdade, ele se levantou da cama antes de mim, alcancei-o quando descia as escadas. Ele é uma pessoa muito interessada. Mas vocês três... estão se movendo no ritmo da Cobra-Preguiça Húngara, que se desloca com a velocidade máxima de um centímetro e meio por hora!

Temos muito que fazer hoje, e eu gostaria de pegar a sessão das seis de *Zumbis na neve,* de forma que precisamos andar depressa, depressa, depressa!" Violet olhou para o tio Monty e deu-se conta de que essa poderia ser a única oportunidade de falarem com ele a sós, sem Stephano por perto, mas Monty estava tao excitado que não dava para ter certeza de que ele os escutaria.

"Por falar em Stephano", disse ela timidamente, "nós gostaríamos de falar com

você sobre ele."

Os olhos de Monty se arregalaram e ele deu uma espiada em volta, como se houvesse espiões na sala, antes de inclinar-se para sussurrar aos garotos: "Eu também gostaria de falar com vocês", disse. "Tenho minhas suspeitas sobre Stephano, e gostaria de discuti-las com vocês."

Os órfãos Baudelaire entreolharam-se, aliviados. "É mesmo?", perguntou Klaus.

"Certamente", respondeu o tio Monty. "Na noite passada comecei a alimentar sérias suspeitas sobre esse meu novo assistente. Há qualquer coisa de estranho nele, e eu...", o tio Monty olhou mais uma vez à sua volta e começou a falar ainda mais baixo, a ponto de as crianças precisarem prender a respiração para ouvi-lo. "E eu acho que devemos discutir o assunto lá fora. Vamos?"

As crianças fizeram que sim com a cabeça, e levantaram-se da mesa. Sem se preocupar com os pratos sujos que haviam ficado na mesa, o que em geral não é uma coisa certa de se fazer mas perfeitamente aceitável quando se trata de uma emergência, elas foram andando com o tio Monty para a entrada da frente. Passaram pelo quadro com as duas cobras entrelaçadas, saíram pela porta principal e dirigiram-se para o gramado, como se quisessem falar para os arbustos em forma de cobras e não uns com os outros.

"Não é que eu queira me vangloriar", começou o tio Monty, usando uma palavra que aqui significa "contar vantagem", "mas de fato sou um dos mais respeitados herpetologistas do mundo."

Klaus piscou. Era um começo inesperado para a conversa. "Não resta dúvida de que o senhor é", disse ele, “mas...”

"E, por causa disso, é triste dizer", prosseguiu o tio Monty, como se não tivesse ouvido a intervenção de Klaus, "muitas pessoas sentem inveja de mim."

"Estou certa de que isso é verdade", disse Violet, intrigada.

"E quando as pessoas sentem inveja", disse o tio Monty balançando a cabeça,

"são capazes de fazer qualquer coisa. Fazem coisas loucas, absurdas. Quando eu estava preparando minha tese para me formar como herpetologista, meu companheiro de quarto sentiu tanta inveja por eu ter descoberto uma nova espécie de sapo que roubou e comeu o único espécime que eu tinha. Na apresentação, foi preciso radiografar seu estômago e usar o raio X, em lugar do sapo. E algo me diz que pode estar ocorrendo uma situação semelhante aqui."

De que o tio Monty estava falando?

"Não sei, mas acho que não estou seguindo bem o...", disse Klaus, encontrando uma maneira polida para expressar "Do que é que você está falando, tio Monty?".

"A noite passada, depois que vocês foram para a cama, Stephano foi um pouco insistente em me fazer perguntas demais sobre todas as cobras e sobre a minha próxima expedição. E sabem por quê?"

"Acho que sim", começou Violet, mas o tio Monty a interrompeu.

"Porque esse homem que se diz chamar Stephano", disse ele, "é na verdade um membro da Sociedade Herpetológica, e está aqui para tentar encontrar a Víbora Incrivelmente Mortífera e assim esvaziar minha apresentação. Vocês entendem o que eu quero dizer com *esvaziar?"*

"Não", disse Violet, "mas..."

"Quero dizer que o que eu acho é que Stephano vai roubar a minha cobra", disse o tio Monty, "e apresentá-la à Sociedade Herpetológica. Como se trata de uma espécie nova, não tenho como provar que fui eu quem a descobriu. Antes que chegue ao nosso conhecimento, a Víbora Incrivelmente Mortífera terá recebido o nome de Cobra Stephano ou algo abominável no gênero. E se é o que está planejando, imaginem o que ele fará à

nossa expedição peruana. Cada sapo que apanharmos, cada amostra de veneno que guardarmos num tubo de ensaio, cada entrevista sobre cobras que gravarmos, cada pequeno passo que dermos no trabalho irá cair nas mãos desse espião da Sociedade Herpetológica."

"Ele não é um espião da Sociedade Herpetológica", disse Klaus, impaciente, "ele é o conde Olaf!"

"Entendo o que você quer dizer!", exclamou o tio Monty inflamando-se. "Esse tipo de comportamento é de uma sordidez que seria de esperar apenas de um homem terrível como aquele. Por isso *é* que vou fazer isto que estou fazendo." Levantou uma das mãos e agitou os papéis dobrados no ar. "Como vocês sabem", disse, "amanhã estamos partindo para o Peru. Estas são as nossas passagens para embarcar às cinco da tarde no *Próspero,* um magnífico navio que cruzará o Atlântico para nos levar à América Latina. Há

uma passagem para mim, uma para Violet, uma para Klaus, uma para Stephano,

mas nenhuma para Sunny porque vamos escondê-la dentro de uma mala e assim economizar dinheiro."

"Epa!"

"Brincadeira minha. Mas em tudo o mais não estou brincando." Tio Monty, com o rosto afogueado de excitação, pegou um dos papéis dobrados e começou a rasgá-lo em muitos pedacinhos. "Esta é a passagem de Stephano. Ele simplesmente não irá conosco ao Peru. Amanhã de manhã vou lhe dizer que precisa ficar aqui tomando conta dos meus espécimes. Assim faremos em paz essa expedição com a certeza de ser bem-sucedida."

"Mas tio Monty...", disse Klaus.

"Quantas vezes preciso dizer a você que é falta de educação interromper quem está falando?", interrompeu o tio Monty, balançando a cabeça. "De qualquer maneira, sei o que o está incomodando. Você se preocupa com o que possa acontecer se ele ficar aqui sozinho com a Víbora Incrivelmente Mortífera. Mas não se aflija. A Víbora vai conosco na expedição, viajando numa das malas que levaremos para trazer cobras capturadas. Não sei por que está com essa cara tão triste, Sunny. Pensei que fosse gostar de ter a companhia da Víbora. Vamos, chega de fazerem esse ar de preocupação, *bambini!* Como podem ver, o tio Monty tem o controle da situação." Quando alguém comete um pequeno engano — digamos, quando um garçom põe leite desnatado no seu café expresso e não leite semidesnatado —, às vezes é bem fácil explicar a essa pessoa como e por que ela se enganou. Mas, se o engano cometido assume proporções além de todos os limites — digamos, quando um garçom morde o seu nariz em vez de anotar o pedido —, a surpresa causada pode ser tanta que somos incapazes de dizer o que quer que seja. Paralisada pelas proporções do engano do garçom, a pessoa fica meio boquiaberta, os olhos começam um pisca-pisca incontrolável, mas não se consegue pronunciar uma palavra. Foi isso o que aconteceu com os Baudelaire. Tio Monty estava tão enganado a respeito de Stephano ao identificá-lo como um espião herpetológico e não como o conde Olaf que os três irmãos nem conseguiam imaginar um meio de restaurar a verdade dos fatos.

"Agora vamos, meus queridos", disse o tio Monty. "Já gastamos uma boa parte da manhã com nossa conversa. Temos que... ai!!!" Ele interrompeu o que estava dizendo com um grito de surpresa e de dor, desabando direto no chão.

"Tio Monty!", gritou Klaus. Os Baudelaire viram que um objeto grande e brilhante estava em cima do tio, e um instante depois perceberam o que era esse objeto: a luminária para leitura, aquela que se erguia junto à ampla poltrona

estofada no quarto de Klaus.

"Ai!!!", voltou a gemer o tio Monty, afastando a luminária de cima dele. "Essa realmente doeu! Pode ter deslocado meu ombro. Ainda bem que não bateu na minha cabeça, ou teria feito um estrago sério."

"Mas veio de onde?", perguntou Violet.

"Deve ter caído da janela", disse o tio Monty, apontando para cima, onde ficava o quarto de Klaus. "De quem é esse quarto? Klaus, parece-me ser o seu. Você precisa ter mais cuidado. Não pode deixar objetos pesados em posição insegura, projetando-se para fora da janela desse jeito. Veja só o que quase aconteceu."

"Mas a luminária não estava nem um pouco perto da minha janela", disse Klaus.

"Eu a deixo num vão protegido da parede, onde aproveito para ler sentado naquela poltrona tão confortável."

"Francamente, Klaus", disse o tio Monty levantando-se e passando a luminária para ele. "Você espera mesmo que eu vá acreditar que isso saltou da janela numa espécie de dança e foi pousar bem no meu ombro? Faça o favor de levá-la de volta para o seu quarto, num lugar seguro, e não falamos mais nisso."

"Mas...", balbuciou Klaus, logo interrompido por sua irmã.

"Eu ajudo você, Klaus", disse Violet. "Vamos encontrar um lugar que seja seguro."

"Mas vejam se não se demoram", disse o tio Monty, esfregando o ombro. "A gente se encontra na Sala dos Répteis. Venha, Sunny."

Depois de percorrer o hall de entrada, os quatro separaram-se na escada, tio Monty e Sunny encaminhando-se para a enorme porta da Sala dos Répteis enquanto Violet e Klaus carregavam a pesada luminária metálica para o quarto de Klaus.

"Você sabe *muito bem",* sussurrou Klaus para sua irmã, "que não houve *falta de cuidado* de minha parte em relação a essa luminária."

"Claro que sei", sussurrou Violet. "Mas não adianta tentar explicar isso para o tio Monty. Ele acha que Stephano é um espião herpetológico. Você sabe tão bem quanto eu que Stephano foi o responsável por isso."

"Mas que esperteza a sua, de chegar a essa descoberta", disse uma voz vinda do

alto da escada, e Violet e Klaus ficaram tão surpresos que quase deixaram a luminária cair. Era Stephano, ou, se preferem, o conde Olaf. Era o vilão. "Mas a verdade é que vocês sempre foram crianças espertas", continuou ele. "Um pouco espertas demais, para o meu gosto, mas vocês não vão estar aqui por muito tempo, de modo que isso não me aflige."

"De você não se pode dizer que seja tão esperto", disse Klaus, furioso. "Essa luminária pesada por pouco não nos atingiu, no entanto se alguma coisa acontecer a minhas irmãs ou a mim, você nunca irá pôr as mãos na fortuna dos Baudelaire."

"Coitadinho de mim, pobrezinho de mim", disse Stephano, mostrando seus dentes encardidos ao sorrir. "Se eu quisesse fazer mal a *você,* querido órfão, seu sangue já estaria jorrando por essa escada abaixo como uma cachoeira. Nem pretendo fazer mal a um fio de cabelo sequer da cabeça de qualquer Baudelaire, não aqui dentro desta casa. Vocês não precisam ter medo de mim, meus pequenos, até estarmos num lugar em que os crimes fiquem mais difíceis de apurar."

"E onde seria isso?", perguntou Violet. "Planejamos não arredar pé daqui até

crescermos."

"É mesmo?", disse Stephano com aquela voz bem, bem dissimulada. "Pois eu tinha a impressão de que íamos deixar o país amanhã."

"Tio Monty rasgou a sua passagem", disse Klaus, triunfante. "Ele estava suspeitando de você, e então mudou os planos e agora você não viaja mais conosco." Stephano na mesma hora apagou o sorriso e franziu a testa, os dentes encardidos pareciam ter ficado maiores. Seus olhos ganharam um brilho tão intenso que chegaram a fazer os olhos de Klaus e Violet doer, ao encará-lo. "Eu não confiaria muito nisso", disse, com uma voz muito, muito terrível. "Até mesmo os melhores planos se alteram quando acontece um acidente." Ele indicou com um dedo bem pontudo a luminária metálica: "Acidentes acontecem o tempo todo".



CAPÍTULO

Seis

Quando as circunstâncias são más, elas têm o dom de estragar o que, não fosse por elas, seria agradável. Foi o que aconteceu com os órfãos Baudelaire e o filme *Zumbis na neve*. A tarde inteira as três crianças passaram sentadas com suas preocupações na Sala dos Répteis sob o olhar zombeteiro de Stephano e ouvindo a conversa de alienado do tio Monty — a palavra "alienado" aqui significa "sem saber que Stephano era realmente o conde Olaf e, portanto, sem consciência do perigo real que corria". De tal forma que, ao anoitecer, os irmãos não estavam com a melhor das disposições para assistir a uma sessão de cinema. O jipe do tio Monty era na verdade pequeno demais para que coubessem o tio, Stephano e os três órfãos; assim, Klaus e Violet dividiram um assento, enquanto a pobre da Sunny teve que ficar no colo do abominável Stephano, mas os três Baudelaire estavam preocupados demais para notar seu desconforto.

As crianças sentaram-se na primeira fila do cinema, com o tio Monty numa das pontas, enquanto Stephano, no meio, monopolizava as pipocas. Mas os Baudelaire, ansiosos como se achavam, não estavam nem aí para pipocas, e a preocupação em descobrir o que Stephano estaria planejando os impedia de desfrutar *Zumbis na neve,* que era um ótimo filme. Quando os zumbis surgiram dos bancos de neve pela primeira vez, cercando a minúscula aldeia alpina de pescadores, Violet tentou imaginar de que maneira Stephano poderia embarcar no *Próspero* sem ter uma passagem e acompanhá-los até o Peru. Quando os líderes da aldeia construíram uma barreira com toras de carvalho — em vão, porque os zumbis venceram o obstáculo devorando a madeira —, Klaus tentou

tornar claro no seu pensamento o que exatamente Stephano quisera dizer ao mencionar os acidentes. E quando Gerta, a garotinha que ordenhava a vaca, fez amizade com os zumbis e pediu-lhes que por favor parassem de comer os habitantes da aldeia, Sunny, que evidentemente não tinha ainda idade para compreender direito a situação dos órfãos, tentou bolar uma forma de derrotar os planos de Stephano, quaisquer que eles fossem. Na cena final do filme, zumbis e aldeões celebravam juntos o Primeiro de Maio, mas os três órfãos Baudelaire estavam nervosos e amedrontados demais para relaxar e aceitar qualquer tipo de diversão. No caminho de volta para casa, o tio Monty tentou falar com os garotos, o tempo todo preocupados e silenciosos, mas praticamente não obteve resposta alguma e afinal calou-se também. Quando o jipe estacionou junto aos arbustos em forma de cobras, os Baudelaire saltaram correndo do carro e dispararam em direção à porta da frente sem sequer dar boa-noite para o seu perplexo tutor. Com todo aquele peso no coração, subiram as escadas até os quartos, mas ao chegar diante das portas não suportaram a idéia de separar-se.

"Não poderíamos passar a noite todos juntos no mesmo quarto?", perguntou Klaus a Violet timidamente. "A noite passada me senti como se estivesse preso numa cela, solitário às voltas com minhas preocupações."

"Eu também", confessou Violet. "Já que não vamos conseguir dormir, pelo menos estaríamos sem dormir mas juntos no mesmo lugar."

"Tico", concordou Sunny, e seguiu seus irmãos para dentro do quarto de Violet. Violet lançou um olhar em volta do quarto e lembrou-se da empolgação com que havia tão pouco tempo estreara seu novo espaço. Agora, a enorme janela com vista para os arbustos em forma de cobras tornara-se deprimente e não mais estimulante, enquanto as folhas em branco pregadas em sua parede, em vez de práticas e oportunas, só

conseguiam fazê-la lembrar-se dos motivos que tinha para estar tão ansiosa.

"Estou vendo que você não fez muitos progressos em suas invenções", disse Klaus gentilmente. "Eu tampouco li muita coisa. Com o conde Olaf por perto, a imaginação fica tolhida."

"Nem sempre", observou Violet. "Quando morávamos com ele, você leu tudo em matéria de legislação sobre casamento para descobrir qual era o plano dele, e eu inventei um arpéu para a operação de resgate de Sunny."

"Só que na situação atual", disse Klaus melancolicamente, "nem sequer sabemos o que o conde Olaf pretende fazer. Como podemos arquitetar um plano se não sabemos *qual é* o plano dele?"

"Bem, vamos tentar tirar isso a limpo", disse Violet, usando uma expressão que aqui significa "esmiuçar uma questão, discutindo-a e analisando-a até compreendê-la inteiramente". "O conde Olaf, sob o falso nome de Stephano, veio para essa casa disfarçado e é evidente que está atrás da fortuna dos Baudelaire."

"E", continuou Klaus, "uma vez que se apodere dela, planeja matar-nos."

"Tadu", murmurou Sunny solenemente, com a provável intenção de significar algo como "Estamos metidos numa encrenca dos diabos".

"No entanto", disse Violet, "se ele nos fizer mal, lá se vai a chance de ficar com nossa fortuna. Foi por isso que tentou casar-se comigo da última vez."

"Graças a Deus isso não funcionou", disse Klaus, estremecendo todo. "Senão, o conde Olaf seria meu cunhado. Mas desta vez ele não está planejando casar-se com você. Ele mencionou alguma coisa sobre um acidente."

"E ir para um lugar onde seja mais difícil apurar crimes", disse Violet, lembrando palavra por palavra do que ele havia dito. "Ou seja, o Peru. Mas Stephano não vai para o Peru. Tio Monty rasgou a passagem dele."

"Duc!", gritou Sunny, num desabafo genérico de frustração, e socou o chão com o pequeno punho. A palavra "genérico" aqui significa "quando a gente é incapaz de pensar em qualquer outra coisa para dizer", e não era somente Sunny que se via nessa situação: Violet e Klaus já não tinham mais idade, naturalmente, para dizer coisas como

"Duc!" mas bem que gostariam de desabafar assim. Gostariam de ser capazes de adivinhar o plano do conde Olaf. Gostariam que a sua situação não parecesse tão misteriosa e tão sem esperanças, e gostariam de ter uma idade que lhes permitisse simplesmente gritar "Duc!" e socar o chão com seus punhos. Mais que tudo, é claro, gostariam que seus pais estivessem vivos e que os Baudelaire estivessem sãos e salvos no lar onde nasceram.

E tão ardorosamente quanto os órfãos Baudelaire gostariam que a situação deles fosse diferente, eu desejaria poder de algum modo mudar as circunstâncias desta história para vocês. Mesmo sentado aqui onde estou, em toda a segurança e tão longe do conde Olaf, mal consigo suportar escrever mais uma palavra. Talvez o melhor fosse vocês fecharem este livro imediatamente e não lerem nunca a continuação desta horripilante história. Podem imaginar, se assim desejarem, que uma hora depois os órfãos Baudelaire tiveram uma súbita percepção do que Stephano estava planejando fazer e conseguiram salvar a vida do tio Monty. Podem visualizar a polícia chegar com todos os pisca-piscas e sirenes ativados, e

levar Stephano algemado para passar o resto da vida na cadeia. Podem fazer de conta — mesmo que não seja verdade — que os Baudelaire moram felizes com o tio Monty até hoje. Ou, melhor ainda, podem alimentar a ilusão de que os Baudelaire pais não morreram, e que o incêndio terrível e o conde Olaf e o tio Monty e todos os outros tristes acontecimentos não passaram de um sonho, uma fantasia da imaginação.

Mas esta não é uma história feliz, e não me agrada dizer-lhes que os órfãos Baudelaire passaram o restante da noite sentados, emudecidos, no quarto de Violet. Se ao nascer do sol alguém espiasse pela janela do quarto, teria visto as três crianças agarradas juntinhas na cama, com os olhos bem abertos e sombrios de preocupação. Mas ninguém espiou pela janela. Alguém bateu à porta, quatro pancadas firmes como que para pregar alguma coisa que não devesse se soltar mais.

As crianças pestanejaram e se entreolharam."Quem é?", perguntou Klaus para ser ouvido pelo lado de fora, mas com a voz falhando por causa do longo tempo que passara em silêncio.

Em lugar de uma resposta, a pessoa que bateu simplesmente girou a maçaneta e a porta se abriu lentamente. Lá estava Stephano, com as vestes todas amarrotadas e os olhos brilhando mais do que nunca.

"Bom dia", disse. "Está na hora de partir para o Peru. O espaço no jipe é a conta certa para três órfãos e eu. Vamos logo."

"Ontem nós lhe dissemos que você não ia", disse Violet. Ela esperava que sua voz tivesse deixado transparecer mais coragem.

"É o seu tio Monty quem não vai", disse Stephano, e ergueu a parte da testa onde deveriam estar as sobrancelhas.

"Não seja ridículo", disse Klaus. "O tio Monty não perderia essa expedição por nada deste mundo."

"Pergunte a ele", disse Stephano, e os Baudelaire viram no seu rosto uma expressão que lhes era familiar. A boca praticamente imóvel, mas um brilho intenso nos olhos como se tivesse acabado de dizer uma piada. "Por que não vai perguntar a ele?

Está lá embaixo na Sala dos Répteis."

"Vamos perguntar a ele sem a menor dúvida", disse Violet. "Tio Monty não tem

nenhuma intenção de deixar que você nos leve sozinho ao Peru." Ela se levantou da cama, pegou os irmãos pelas mãos e passou às pressas por Stephano, que os encarou com um sorriso escarninho junto à porta. "Você vai ver", reforçou Violet, e Stephano fez, com deboche, uma pequena mesura quando as crianças se retiraram do quarto. O corredor estava estranhamente silencioso, e vazio como o lugar dos olhos numa caveira. "Tio Monty?", Violet chamou, chegando ao fim do corredor. Ninguém respondeu.

A não ser por alguns estalidos que ressoavam quando eles desciam os degraus da escada, a casa inteira estava imersa num silêncio fantasmagórico, como se houvesse sido abandonada havia muitos anos. "Tio Monty?", Klaus chamou, ao terminar de descer a escada. Não ouviram som algum.

Caminhando na ponta dos pés, Violet abriu a enorme porta da Sala dos Répteis e por um momento os órfãos ficaram olhando para a sala como se estivessem hipnotizados, sob o fascínio da estranha luz azulada que o nascer do sol produzia ao atravessar com seus raios o teto e as paredes de vidro. Nessa iluminação assim tênue eles só

conseguiam ver as silhuetas dos inúmeros répteis que se moviam de um lado para o outro em suas gaiolas, ou que dormiam enroscados uns nos outros parecendo escuras massas informes.

Com o eco de seus passos dissolvendo no brilho suave das paredes, os três irmãos caminharam pela Sala dos Répteis até chegar ao extremo mais distante, onde a biblioteca do tio Monty os esperava no seu remanso. Mesmo com toda a sensação de mistério e estranheza que a sala quase às escuras despertava, podia-se dizer que era um mistério confortador e uma estranheza sem ameaças. Eles se lembraram da promessa do tio Monty: uma vez que se informassem devidamente sobre os animais, nenhum mal lhes poderia ser causado ali na Sala dos Répteis. Entretanto, vocês e eu estamos bem lembrados de que a promessa do tio Monty estava carregada de ironia dramática, e agora, no lusco-fusco do amanhecer na Sala dos Répteis, essa ironia viria à mostra brutalmente e os Baudelaire finalmente tomariam conhecimento dela. Pois, ao chegarem aonde estavam os livros, os três irmãos viram à curta distância um vulto sombrio desabado sobre uma das poltronas. Nervoso, Klaus acendeu uma das lâmpadas de leitura para enxergar melhor. O vulto sombrio era o tio Monty. A boca estava meio aberta como se estivesse surpreso, e os olhos escancarados, mas ele não os parecia estar vendo. Seu rosto, em geral tão rosado, estava bastante pálido, e sob seu olho esquerdo viam-se dois furos, alinhados na mesma altura, a marca característica deixada pelas duas presas de uma cobra.



"Divo otum?", perguntou Sunny, e puxou fortemente pela calça a perna do tio. Monty não se moveu. Confirmando a promessa dele, nenhum mal fora causado aos órfãos Baudelaire na Sala dos Répteis. O que o tio Monty não previra era que a vítima naquela sala seria ele mesmo.

CAPÍTULO

Sete

"Mas ora vejam!", disse uma voz por trás deles, e os Baudelaire viraram-se e deram com Stephano de pé a pouca distância, carregando a maleta preta com o cadeado de prata, um ar de factícia surpresa no rosto. "Factícia" é um sinônimo tão rebuscado para

"artificial", "fabricado" etc. que nem Klaus sabia o que significava, mas não foi preciso dizer às crianças que a surpresa de Stephano era puro fingimento. "Que terrível acidente aconteceu aqui! Mordido por uma cobra! Que horror!"

"Você...", começou a dizer Violet, mas sentiu um espasmo na garganta como se a morte do tio Monty fosse um alimento de gosto horrível. "Você...", tornou a dizer. Stephano nem deu bola. "Claro que depois de descobrir que o dr. Montgomery morreu vão querer saber que fim levaram aqueles órfão nojentos que rodavam pela casa. Mas então eles já terão partido há muito tempo. E, por falar nisso, está na hora de partirmos. O *Próspero* faz-se ao mar deixando Porto Enevoado às cinco horas, e eu gostaria de ser o primeiro passageiro a embarcar. Assim, terei tempo de beber uma garrafa de vinho antes do almoço."

"Como é que você foi capaz?", sussurrou Klaus numa voz rouca. Não conseguia tirar os olhos do rosto pálido, muito pálido do tio Monty. "Como é que você foi capaz de uma coisa dessas? Como é que foi capaz de assassiná-lo?"

"Ora essa, Klaus, você me surpreende", disse Stephano, e deu alguns passos em direção ao cadáver do tio Monty. "Um sabichão como você deveria perceber logo que o seu velho tio gorducho morreu de uma mordida de cobra, não morreu assassinado. Veja estas marcas de dentes. Veja este rosto absolutamente sem cor. Veja estes olhos esgazeados."

"Pare!", gritou Violet. "Não fale assim!"

"Tem razão!", disse Stephano. "Não há tempo para conversa fiada! Temos que pegar um navio! Vamos indo!"

"Não vamos com você a lugar nenhum!", disse Klaus. Seu rosto se franzira no

esforço de fazer frente à situação, em vez de se desmanchar no desespero. "Ficaremos aqui até a polícia chegar."

"E como você imagina que a polícia ficará sabendo e virá?"

"Nós avisaremos", disse Klaus com o que esperava ser um tom de voz firme, e começou a andar em direção à porta.

Stephano largou sua mala, o que produziu um ruído estrondoso quando o cadeado de prata bateu no chão de mármore. Deu alguns passos e bloqueou a passagem de Klaus, abrindo bem os olhos avermelhados de raiva. "Estou *cansado,* sabe", rosnou Stephano, "de ter que explicar *tudo* para você. Você, que se diz *tão esperto,* mas parece estar sempre se esquecendo *disto!"* , enfiou a mão no bolso e tirou a faca serreada. "Esta é a minha faca. Muito afiada e muito a fim de te machucar, quase tão a fim quanto eu. Se você não fizer o que eu mando, vai se dar mal, *fisicamente* mal. Deu para entender agora? Ande, já para o jipe, ou que o diabo o carregue!" Como vocês bem sabem, não é educado, e além do mais é desnecessário, usar de blasfêmias ou irreverências, mas os Baudelaire estavam aterrorizados demais para fazer essa observação a Stephano. Lançando um último olhar a seu pobre tio Monty, as três crianças seguiram Stephano até a porta da Sala dos Répteis para pegar o jipe ou para o diabo os carregar. Para piorar ainda mais — no caso, obrigar alguém a uma tarefa desagradável quando já passa por contrariedades —, Stephano forçou Violet a carregar a mala dele até fora da casa, mas ela estava por demais absorvida em seus pensamentos para se importar com isso. Lembrava-se da última conversa que ela e seus irmãos haviam tido com o tio Monty, e então foi tomada por um sentimento de vergonha, pois aquela não havia sido uma conversa de forma alguma. Vocês lembram, é claro, que na volta de carro para casa, depois de terem assistido a *Zumbis na neve,* as crianças se achavam de tal maneira preocupadas com Stephano que não disseram uma só palavra ao tio Monty, e que, quando o jipe estacionou diante da casa, os órfãos Baudelaire lançaram-se escada acima correndo para o quarto, a fim de discutir entre eles a situação, sem sequer dar um boa-noite ao homem que agora jazia morto debaixo de um lençol na Sala dos Répteis. Quando chegaram ao jipe, Violet tentou lembrar se haviam pelo menos agradecido ao tio pelo cinema, mas a memória havia feito daquela noite um borrão. Ela achava que Klaus e Sunny provavelmente haviam dito "Obrigado, tio Monty" quando estavam todos juntos diante da bilheteria, mas não tinha certeza. Stephano abriu a porta do jipe e fez um gesto com a faca indicando para Klaus e Sunny o assento apertado de trás e para Violet, com a pesada maleta preta no colo, o lugar da frente, ao lado dele. Os órfãos tiveram por um instante a esperança de que o motor não fosse dar partida quando Stephano girasse a chave de ignição, vã esperança, porque o tio Monty cuidava muito bem do seu jipe e o

motor deu partida na mesma hora.

Violet, Klaus e Sunny olharam para trás quando Stephano começou a avançar com o carro pelo caminho dos arbustos em forma de cobras. Ao ver a Sala dos Répteis, onde o tio havia disposto tão cuidadosamente os seus espécimes, e onde agora ele próprio de certa forma se incorporara como um espécime, o desespero dos Baudelaire pesou demais e eles começaram a chorar baixinho. É uma coisa curiosa, a morte de um ente querido. Todos sabemos que nosso tempo neste mundo é limitado, e que finalmente todos acabaremos debaixo de algum lençol, para não acordar nunca mais. No entanto, é

sempre uma surpresa quando isso acontece a alguém que conhecemos. É como subir a escada para o seu quarto no escuro, e achar que há mais um degrau do que realmente há. O pé resvala no ar e segue-se um aflitivo momento em que, colhida às cegas pela surpresa, a pessoa tenta adaptar-se à escuridão. Os órfãos Baudelaire estavam chorando não apenas pelo tio Monty, mas por seus próprios pais, às cegas nessa curiosa sensação de queda que acompanha todas as grandes perdas.

Que iria lhes acontecer? Stephano assassinara sem dó nem piedade o homem que fora encarregado de cuidar deles, e agora estavam absolutamente sós. O que Stephano faria com eles? Tinha sido estabelecido que ele seria deixado para trás quando fossem ao Peru, e agora estava partindo junto com eles a bordo do *Próspero*. Que coisas terríveis aconteceriam no Peru? Alguém iria lá salvá-los? Stephano se apoderaria da fortuna? E, depois, o que aconteceria aos garotos? Essas perguntas são aterrorizantes, e quando se pensa em questões desse tipo elas absorvem toda a nossa atenção, por isso os órfãos, que não conseguiam pensar em outra coisa, não perceberam que Stephano estava a ponto de colidir com outro carro até o momento em que houve efetivamente a batida.

Ouviu-se um som horrível de metais e vidros se espatifando, um carro preto chocou-se com o jipe do tio Monty e os Baudelaire foram atirados ao chão com uma forte pancada e a sensação de terem deixado seus estômagos no assento de onde haviam sido lançados. A maleta preta foi parar sobre o ombro de Violet e em seguida projetada para o pára-brisa, que na mesma hora se estilhaçou em doze rachaduras, parecendo uma teia de aranha. Stephano soltou um grito de surpresa e ficou girando o volante para um lado e para outro, mas os dois veículos estavam firmemente engatados e acabaram sendo arremessados num monte de lama para fora da estrada. É raro poder dizer que um acidente de carro foi um golpe de sorte, mas certamente foi esse o caso com o jipe que levava os meninos. Com os arbustos em forma de cobras ainda claramente visíveis atrás deles, o percurso dos Baudelaire em direção ao Porto Enevoado terminara ali.

Stephano soltou mais um grito, dessa vez de raiva. "Azar dos infernos!", exclamou, enquanto Violet esfregava o ombro para certificar-se de que não estava gravemente ferida. Klaus e Sunny levantaram-se cautelosamente do chão do jipe e olharam para fora do pára-brisa despedaçado. Parecia só haver uma única pessoa no outro carro, mas não dava para ter certeza, porque o veículo sofrerá muito mais danos que o jipe de Monty. A frente havia sido inteiramente amassada, como uma sanfona, e uma calota ficara girando com muito estardalhaço sobre o Mau Caminho, em círculos velocíssimos que a vista não conseguia fixar, como uma gigantesca moeda que alguém tivesse deixado cair. Do motorista, vestido num terno cinzento, pareceu vir um som surdo, rouquenho, quando ele abriu a porta amassada e se espremeu para conseguir sair do carro. Tornou a fazer aquele som surdo, depois enfiou a mão no bolso do paletó e tirou um lenço branco.

"É o sr. Poe!", exclamou Klaus.

Era *mesmo* o sr. Poe, tossindo como de costume, e os meninos sentiram-se tão felizes por vê-lo que até sorriram apesar da situação horrível em que se achavam. "Sr. Poe! Sr. Poe!", gritou Violet contornando a maleta de Stephano num esforço para abrir a porta do carro.

Stephano esticou um braço e segurou o ombro dela, voltando a cabeça lentamente para que os meninos, um por um, pudessem ver como seus olhos brilhavam.

"Isto não muda *nada!",* sussurrou para eles. "Um lance de sorte, mas é o último, acabou-se! Vocês três vão voltar para este carro comigo, vamos em direção a Porto Enevoado e chegaremos a tempo de embarcar no *Próspero,* posso garantir."

"Isso veremos!", respondeu Violet, abrindo a porta e resvalando o corpo por baixo da maleta para sair. Klaus abriu a porta e seguiu a irmã, carregando Sunny. "Sr. Poe! Sr. Poe!"

"Violet?", perguntou o sr. Poe. "Violet Baudelaire? É você?"

"Sim, sr. Poe", disse Violet. "Somos nós todos e somos tão gratos ao senhor por ter batido assim em nós."

"Bem, eu não diria que bati em vocês", disse o sr. Poe. "A culpa foi claramente do outro motorista. *Vocês* que bateram em *mim."*

"Como se atreve!", gritou Stephano, saindo por sua vez do carro e torcendo o

nariz por causa do cheiro de raiz-forte que empestava o ar. Avançou com passadas firmes até onde se erguia o sr. Poe, mas a meio caminho as crianças viram o rosto dele se transformar, passando da raiva absoluta a uma tristeza e um desconcerto que eram puro fingimento. "Desculpe-me", disse ele, numa voz fina e trêmula. "Foi tudo culpa minha. Estava tão abatido com tudo o que aconteceu que nem prestei atenção às regras da estrada. Espero que não tenha se machucado, sr. Po."

"É *Poe",* disse o sr. Poe. "Meu nome é *Poe*. Não estou machucado. Por sorte, parece que ninguém se feriu. Gostaria que o mesmo se pudesse dizer do meu carro. Mas quem é o senhor, e o que está fazendo com os Baudelaire?"

"Eu vou dizer para o senhor quem ele é", disse Klaus. "Ele é..."

"Por favor, Klaus", admoestou o sr. Poe, palavra que aqui significa "repreendeu Klaus embora a interrupção tivesse bons motivos". "É falta de educação interromper as pessoas."

"Meu nome é Stephano", disse Stephano, cumprimentando o sr. Poe com um aperto de mão. "Sou, quero dizer... *era* assistente do dr. Montgomery."

"Que quer dizer com 'era'?", perguntou o sr. Poe, sério. "Foi despedido?"

"Não. Dr. Montgomery... oh! me desculpe", Stephano desviou o rosto e fingiu cobrir os olhos com os dedos, como se a tristeza não o deixasse prosseguir. Nessa posição, o sr. Poe não podia ver para onde ele olhava, e o infame aproveitou-se disso dando uma forte piscadela para os meninos antes de continuar. "Lamento dizer ao senhor que aconteceu um acidente horrível, sr. Po. O dr. Montgomery morreu."

"Poe", corrigiu o sr. Poe. "Morreu? Mas isso é terrível. Como foi?"

"Não sei", disse Stephano. "Eu diria que foi picada de cobra, mas não entendo nada de cobras. Era para isso que eu estava indo à cidade, procurar um médico. Os meninos me pareceram muito abalados, e achei que não devia deixá-los sozinhos."

"Ele não está nos levando para procurar nenhum médico!", gritou Klaus. "Ele está

nos levando para o Peru!"

"O senhor entende o que eu estou querendo dizer?", disse Stephano ao sr. Poe,

acariciando a cabeça de Klaus. "As crianças estão evidentemente muito abatidas. O dr. Montgomery ia levá-las para o Peru hoje."

"Sim, eu sei", disse o sr. Poe. "Por isso é que vim correndo para cá esta manhã, com o objetivo de finalmente trazer-lhes as bagagens. Klaus, sei quanto você está

confuso e acabrunhado por causa deste acidente, mas por favor tente compreender que, se o dr. Montgomery de fato morreu, a expedição está cancelada."

"Mas, sr. Poe...", disse Klaus, indignado.

"Por favor", disse o sr. Poe. "Esse é um assunto para ser discutido entre adultos, Klaus. Não resta dúvida de que é preciso chamar um médico."

"Bem, por que o senhor não vai indo de carro até a casa", disse Stephano,

"enquanto eu levo os meninos e procuro um médico?"



"Padaguibo!", gritou Sunny, querendo dizer provavelmente algo como "Nada

disso!".

"Por que não vamos todos para a casa", disse o sr. Poe, "e de lá *telefonamos* para um médico?"

Stephano piscou, e por um instante seu rosto enfureceu-se de novo antes de conseguir retomar a calma e responder delicadamente. "É claro", disse ele. "Já devia ter chamado antes. Evidentemente não estou pensando com a mesma clareza que o senhor. Vamos, garotada, voltem para dentro do jipe, e o sr. Poe nos seguirá."

"Não vamos voltar para dentro daquele carro com você", disse Klaus com firmeza.

"Por favor, Klaus", disse o sr. Poe. "Procure compreender. Houve um grave acidente. Todas as demais discussões passam para um segundo plano. O único problema é que não tenho certeza de que o motor do meu carro pegará. O carro está todo amassado."

"Experimente a ignição", disse Stephano. O sr.

Poe concordou com um movimento de cabeça e foi andando de volta para o carro. Sentou-se diante do volante e girou a chave. O motor fez um ruído rouco e meio úmido — muito parecido com as tosses do sr. Poe — mas não pegou.

"Acho que o motor morreu mesmo", disse o sr. Poe.

"Uma questão de tempo", murmurou Stephano para os Baudelaire, "e com vocês acontecerá o mesmo.

"Perdão", disse o sr. Poe, "mas não ouvi o que o senhor falou." Stephano sorriu. "Eu disse somente que *é* uma pena. Então, que tal eu levar os órfãos de volta para casa, e o senhor vir andando atrás de nós? O espaço não dá para todos."

O sr. Poe franziu a testa. "Mas as malas das crianças estão aqui. Não quero deixá-las sem ninguém para tomar conta. Por que não colocamos a bagagem no seu carro, e as crianças vão andando comigo de volta para a casa?" Stephano franziu a testa. "Bem, então uma das crianças vem comigo, para que eu não me perca."

O sr. Poe sorriu.

"Mas daqui o senhor pode ver a casa. Não tem como se perder."

"Stephano não quer que a gente fique a sós com o senhor", disse Violet, finalmente resolvendo falar. Ela havia esperado o momento próprio para pôr tudo a limpo.

"Ele tem medo de que a gente conte para o senhor quem ele é realmente e o que realmente está querendo aprontar."

"Do que é que ela está falando?", perguntou o sr. Poe a Stephano.

"Não faço a menor idéia, sr. Po", respondeu Stephano, balançando a cabeça e lançando um olhar feroz para Violet.

Violet respirou fundo. "Esse homem não é Stephano", disse, apontando para ele.

"Ele é o conde Olaf, e está aqui para nos levar embora."

"Quem é que eu sou?", perguntou Stephano. "E estou fazendo o quê?" O sr. Poe olhou Stephano de alto e baixo, depois balançou a cabeça. "Perdoe as crianças", disse. "Elas estão bastante abaladas. O conde Olaf é um homem terrível que tentou roubar o dinheiro delas, por isso ficaram com muito medo dele."

"E eu pareço com esse conde Olaf?", perguntou Stephano, com os olhos brilhando intensamente.

"Não parece, não", disse o sr. Poe. "O conde Olaf tem uma única e longa sobrancelha, e o rosto escanhoado. O senhor tem barba, e, se não me leva a mal, não tem sobrancelha nenhuma."

"Ele raspou a sobrancelha", disse Violet "e deixou crescer a barba. Qualquer um percebe isso."

"E ele tem a tatuagem!", gritou Klaus. "A tatuagem de um olho, no tornozelo!

Olhe a tatuagem!"

O sr. Poe encarou Stephano e encolheu os ombros como que se desculpando:

"Sinto muito lhe pedir isso", disse, "mas os meninos me parecem tao nervosos que, antes de discutir qualquer outro assunto, eu gostaria de primeiro tranqüilizá-los. O senhor se importa de me mostrar seu tornozelo?".

"Com o maior prazer", disse Stephano, sorrindo para os meninos com todos os dentes à mostra. "Esquerdo ou direito?"

Klaus cerrou os olhos e pensou um instante. "Esquerdo", disse. Stephano pousou o pé no pára-choque do jipe do tio Monty. Encarando os órfãos Baudelaire com seus olhos muito, muito brilhantes, começou a puxar e levantar a bainha de sua calça listrada. Violet, Klaus, Sunny e o sr. Poe tinham os olhos fixos no tornozelo de Stephano.

A calça subiu, como uma cortina antes de iniciar um espetáculo. Mas não havia nenhuma tatuagem de olho para ser vista. Os órfãos Baudelaire pregaram os olhos num pedaço de pele lisa, vazia e pálida como o rosto do pobre tio Monty.



CAPÍTULO

Oito

Enquanto o jipe avançava com o motor pipocando à frente deles, os órfãos

Baudelaire fizeram a pé o caminho de volta para a casa do tio Monty, com o cheiro de raiz-forte invadindo suas narinas e um sentimento de frustração dominando integralmente seu ânimo. É muito exasperante quando alguém prova que estamos errados, sobretudo se na verdade estamos certos e a pessoa que na verdade está errada é aquela que prova que estamos errados, desse modo dando a entender erroneamente que está certa. Certo?

"Não sei como foi que ele se livrou da tatuagem", disse Klaus teimosamente para o sr. Poe, que tossia no lenço, "mas não há a menor dúvida de que é o conde Olaf."

"Klaus", disse o sr. Poe quando parou de tossir, "isso está ficando muito cansativo, essa insistência, essa repetição. Acabamos de ver o tornozelo imaculado de Stephano. *Imaculado* significa..."

"Nós sabemos o que significa *imaculado",* disse Klaus, prestando atenção nos movimentos de Stephano, que saiu do jipe do tio Monty e caminhou rapidamente para dentro da casa. '"Sem tatuagens'. Mas *é* sem sombra de dúvida o conde Olaf! Como é

que o senhor não percebe?".

"Tudo o que eu percebo", disse o sr. Poe, "é o que está diante de mim. Vejo um homem sem sobrancelhas, com barba e nenhuma tatuagem: ora, o conde Olaf não é

assim. De qualquer modo, ainda que por algum acaso esse Stephano quisesse fazer mal a vocês, não há o que possam recear. É bem chocante que o dr. Montgomery tenha morrido, mas nós simplesmente não vamos entregar vocês e a sua fortuna ao assistente dele. Meu Deus, esse homem não consegue sequer lembrar-se do meu nome!" Klaus olhou para as irmãs e suspirou. Seria mais fácil, pensou, discutir com um dos arbustos em forma de cobra do que com o sr. Poe depois de ele ter formado uma opinião. Violet estava a ponto de tentar convencê-lo mais uma vez, quando soou por trás do grupo a buzinada forte de um carro. Os Baudelaire e o sr. Poe afastaram-se para dar passagem ao veículo que se aproximava, um pequeno automóvel cinzento com um motorista muito magro. O carro parou em frente à casa e dele saiu uma criatura muito magra, um homem alto de paletó branco.

"Posso ajudá-lo em alguma coisa?", disse-lhe o sr. Poe, aproximando-se dele com as crianças.

"Sou o dr. Lucafont", disse o homem alto, apontando para si próprio com uma das

mãos, grande e sólida. "Recebi um telefonema a propósito de um acidente terrível que envolve uma cobra."

"O senhor já está aqui?", perguntou o sr. Poe. "Mas se Stephano mal teve tempo de telefonar, que dizer então do tempo que o senhor precisou para vir até aqui!"

"Creio que a velocidade é essencial numa emergência, o senhor não acha?", disse o dr. Lucafont. "Se há uma autópsia a ser feita, é preciso que seja feita imediatamente."

"É claro, é claro", apressou-se em dizer o sr. Poe. "Eu só estava surpreso."

"Onde se acha o corpo?", perguntou o dr. Lucafont, caminhando em direção à

porta.

"Stephano lhe dirá", falou o sr. Poe, abrindo a porta da casa. Stephano estava esperando no hall de entrada, com uma cafeteira nas mãos.

"Vou fazer um pouco de café", disse. "Quem quer?"

"Aceito uma xícara", disse o dr. Lucafont. "Nada como uma estimulante xícara de café para começar o dia."

O sr. Poe franziu a testa. "O senhor não deveria ir primeiro dar uma olhada no dr. Montgomery?"

"É verdade, dr. Lucafont", disse Stephano. "O tempo é fator essencial numa emergência, o senhor não acha?"

"Sim, certo, acho que o senhor tem razão", disse o dr. Lucafont.

"O pobre dr. Montgomery está na Sala dos Répteis", disse Stephano, indicando com um gesto o local onde ainda jazia o tutor dos Baudelaire. "Por favor, faça um exame completo, e *depois tu.* lhe servirei o café."

"O senhor é quem manda", respondeu-lhe o dr. Lucafont, abrindo a porta da Sala dos Répteis com uma mão estranhamente rígida. Stephano levou o sr. Poe até a cozinha, e os meninos os seguiram, melancólicos. Quando nos sentimos inúteis e incapazes de ajudar, é hábito usar a expressão "sentir-se como uma quinta roda" (equivalente em outras línguas a "sentir-se como um peso morto"), porque se alguma coisa tem quatro rodas, como um vagão ou um carro, na verdade uma quinta não faz a menor falta. Enquanto Stephano preparava o café para os adultos, as três crianças sentaram-se à

mesa da cozinha onde, fazia pouco tempo, haviam comido bolo de creme de coco com o tio Monty — e Violet, Klaus e Sunny sentiram-se como a quinta, a sexta e a sétima rodas de um carro que seguia para a direção errada: ou seja, rumo ao Porto Enevoado e ao *Próspero,* pronto para partir.

"Quando falei com o dr. Lucafont pelo telefone", disse Stephano, "mencionei o acidente com o seu carro. Assim que ele terminar o exame médico, irá de carro com o senhor até a cidade para buscar um mecânico, e eu ficarei aqui com as crianças."

"Não", disse Klaus com firmeza. "Não ficaremos a sós com ele nem por um instante."

O sr. Poe sorriu enquanto Stephano lhe servia uma xícara de café, e olhou severo para Klaus. "Klaus, eu compreendo que você esteja muito abalado, mas não se justifica que você continue tratando Stephano tão grosseiramente. Por favor, peça-lhe desculpas imediatamente."

"Não!", exclamou Klaus.

"Tudo bem, sr. Po", disse Stephano, querendo apaziguar. "As crianças estão abaladas com o assassinato do dr. Montgomery, e não é mesmo de esperar que se portem como modelos de boa educação."

"Assassinato?", disse Violet. Ela virou-se para Stephano e tentou parecer apenas polidamente curiosa, quando na verdade estava furiosa. "Por que você disse *assassinato,* Stephano?"

O rosto de Stephano anuviou-se, e as mãos dele agarraram-se aos quadris. Poderíamos dizer que neste momento o que ele mais gostaria de fazer era arrancar os olhos de Violet. "Troquei as palavras", disse, finalmente.

"Claro que sim", disse o sr. Poe, sorvendo o conteúdo de sua xícara. "Mas as crianças podem vir com o dr. Lucafont e comigo, se preferirem."

"Não sei se vão caber", disse Stephano, com os olhos brilhando. "É um carro muito pequeno. Mas se os órfãos preferirem não ficar, poderiam ir comigo no jipe e seguiríamos o senhor e o dr. Lucafont até o mecânico."

Os três órfãos entreolharam-se e ficaram pensando, muito concentrados. A situação se apresentava como um jogo, se bem que esse jogo envolvesse apostas muito altas. O objetivo era não ficarem sozinhos com Stephano, pois, caso ficassem, ele na mesma hora dispararia com eles para o *Próspero.* E o que então

iria lhes acontecer, quando estivessem a sós no Peru com essa pessoa tão gananciosa e desprezível, era algo em que nem queriam pensar. Tinham que pensar era em como impedir que isso acontecesse. Parecia incrível que para salvar suas vidas dependessem de uma conversa sobre "quem daria carona a quem", mas muitas vezes na vida os pequenos detalhes acabam sendo os mais importantes.

"Por que não vamos com o dr. Lucafont", disse Violet cautelosamente, "e o sr. Poe vai no carro de Stephano?"

"Mas para quê?", perguntou o sr. Poe.

"Eu sempre quis ver o interior do automóvel de um médico", disse Violet, sabendo que essa era uma explicação pouco convincente.

"Pois eu também!", disse Klaus. "Por favor, podemos ir com o dr. Lucafont?"

"Sinto muito, mas não dá", disse o dr. Lucafont, chegando à porta de entrada e surpreendendo a todos com suas palavras. "Todos os três, pelo menos, é impossível. Coloquei o corpo do dr. Montgomery no meu carro e sobra espaço apenas para mais dois passageiros."

"O senhor já completou o exame?", perguntou o sr. Poe.

"O preliminar, sim", disse o dr. Lucafont. "Tenho que levar o corpo para testes ulteriores, mas minha autópsia mostra que o doutor morreu de uma mordida de cobra. Sobrou um pouco de café para mim?"

"É claro", respondeu Stephano, e serviu-lhe uma xícara.

"Como é que o senhor pode ter certeza?", Violet perguntou ao médico.

"Que é que você quer dizer?", falou o dr. Lucafont, achando muita graça na pergunta. "Posso ter certeza de que sobrou café porque o estou vendo diante de mim."

"O que Violet quer dizer, me parece", disse o sr. Poe, "é como o senhor pode ter certeza de que o dr. Montgomery morreu de uma mordida de cobra?"

"Encontrei em suas veias o veneno da Mamba do Mal, uma das cobras mais venenosas do mundo."

"Isso significa que há uma cobra venenosa solta nesta casa?", perguntou o sr. Poe.

"Não, nada disso", respondeu o dr. Lucafont. "A Mamba do Mal está isolada em sua gaiola. Deve ter saído, mordido o dr. Montgomery, e em seguida trancou-se de novo."

"O quê?!", perguntou Violet. "Que explicação mais absurda! Uma cobra não consegue abrir um cadeado sozinha."

"Talvez contasse com a ajuda de outras cobras", disse o dr. Lucafont, saboreando seu café tranqüilamente. "Há alguma coisa aqui para se comer? Tive que vir para cá correndo, com o estômago vazio."

"Sua história parece, de fato, um pouco estranha", disse o sr. Poe. Ele olhou interrogativamente para o dr. Lucafont, que estava neste momento abrindo um armário e olhando o que havia dentro.

"A experiência tem me mostrado que esses acidentes terríveis costumam ser estranhos", respondeu ele.

"Não pode ter sido um acidente", disse Violet. "O tio Monty é..." Ela se deteve. "O

tio Monty *foi* um dos mais respeitados herpetologistas do mundo. Jamais deixaria uma cobra venenosa numa gaiola que ela pudesse abrir sozinha."

"Se não foi um acidente", disse o dr. Lucafont, "alguém teria feito isso de propósito. É óbvio que vocês três, crianças, não o mataram. E a única outra pessoa na casa era Stephano."

"E eu", apressou-se em acrescentar Stephano, "não entendo praticamente nada de cobras. Só estou trabalhando aqui há dois dias e mal tive tempo de aprender o que quer que fosse."

"Certamente parece ter sido um acidente", disse o sr. Poe. "É uma pena. Sinto muito, crianças. O dr. Montgomery tinha todo o perfil de um tutor adequado para vocês."

"Ele era mais do que isso", disse Violet sem levantar a voz. "Ele era muito, muito mais do que um tutor adequado."

"Essa comida é do tio Monty! ", gritou Klaus de repente, com o rosto encrespado de raiva. Ele apontou para o dr. Lucafont, que havia tirado uma lata de dentro do armário.

"Pare de avançar na comida dele!"

"Eu só ia apanhar uns pêssegos", disse o dr. Lucafont. Com uma das mãos estranhamente rígidas, ele segurava uma lata de pêssegos em calda comprada na véspera pelo tio Monty.

"Fique à vontade", disse o sr. Poe gentilmente ao dr. Lucafont. "As crianças estão muito abaladas. Estou certo de que o senhor pode compreender. Violet, Klaus e Sunny, por que não se afastam um pouco? Temos muito que discutir, e vocês estão obviamente muito estressados para participar. Vejamos, dr. Lucafont, vamos ver como podemos resolver este caso. O senhor tem espaço para três passageiros, incluindo o corpo do dr. Montgomery. E você, Stephano, tem espaço para três passageiros também."

"É muito simples", disse Stephano. "O senhor e o cadáver irão no carro do dr. Lucafont, e eu irei seguindo os senhores no meu carro com as crianças."

"Não", disse Klaus com firmeza.

"Ouçam, Baudelaire", disse o sr. Poe com igual firmeza, "podem fazer-nos o favor de se retirar um momento?"

"Afu!", gritou Sunny, o que provavelmente significava "Não".

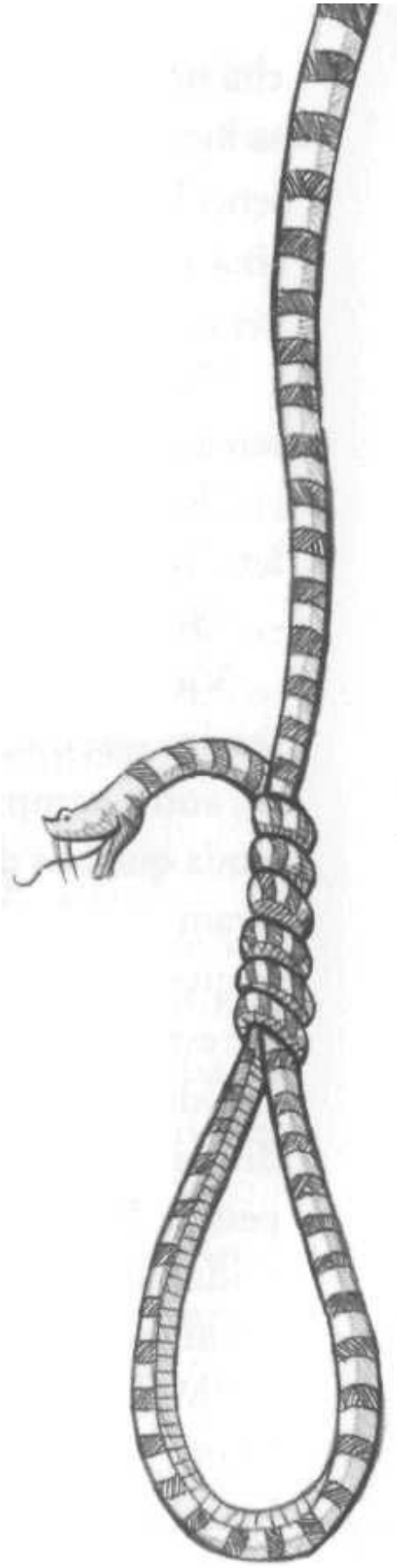
"Claro que podemos", disse Violet, lançando a Klaus e Sunny um olhar significativo; tomando-os pelas mãos, foi meio que os levando, meio que os arrastando para fora da cozinha. Klaus e Sunny ergueram os olhos para a irmã mais velha e notaram que algo havia mudado nela. Seu rosto parecia mais decidido do que triste, e ela andava depressa como se estivesse atrasada ou algo parecido.

Vocês se lembram, é claro, de que, mesmo depois de passados muitos anos do episódio, Klaus ficaria deitado na cama sem conseguir dormir, tomado pelo arrependimento de não ter feito nenhum sinal chamando de volta o motorista do táxi que reintroduzira o conde Olaf mais uma vez em suas vidas. Com relação a isso, Violet teve mais sorte do que seu irmão. Pois, ao contrário de Klaus — tão surpreso quando reconheceu pela primeira vez Stephano que deixara passar a oportunidade de agir a respeito —, Violet, ouvindo a lengalenga interminável dos adultos, sentiu que aquele era o momento de agir. Não direi que Violet, anos depois, conseguisse dormir sem problemas ao pensar no que ficara para trás em sua vida — foram tantas as ocasiões dolorosas para os Baudelaire que dificilmente qualquer um deles teria um sono tranqüilo pela vida afora

—, mas ela sempre se orgulhou de ter percebido no momento certo que ela e seus irmãos deveriam então retirar-se da cozinha e passar a um lugar que

oferecesse maiores chances de ajuda.

"Que estamos fazendo?", perguntou Klaus. "Para onde estamos indo?" Sunny também olhou interrogativamente para a irmã, mas Violet, em resposta, simplesmente balançou a cabeça e andou ainda mais depressa na direção da Sala dos Répteis.



CAPITULO

Nove

Quando Violet abriu a enorme porta que dava para a Sala dos Répteis/ os animais continuavam em suas gaiolas, os livros continuavam nas estantes e o sol matinal continuava atravessando as paredes de vidro, mas o lugar simplesmente não era o mesmo. Não fazia diferença que o dr. Lucafont já houvesse removido o corpo do tio Monty: a Sala dos Répteis deixara de ser convidativa como era antes e provavelmente jamais voltaria a sê-lo. A ocorrência de um acidente em certo lugar pode criar uma mancha nos sentimentos de uma pessoa em relação a esse local, como a mancha de tinta que perdura num lençol branco. Por mais que se esfregue e se lave para tirar essa mancha da memória, não há como esquecer o que aconteceu e deixou todo mundo triste.

"Não quero entrar", disse Klaus. "Tio Monty morreu aqui."

"Eu sei que não queremos estar aqui", disse Violet. "Mas tem um serviço que precisamos fazer."

"Serviço?", perguntou Klaus. "Que serviço?" Violet disse com os dentes cerrados: "Temos um serviço que o sr. Poe deveria estar fazendo, no entanto, como sempre, as intenções dele são boas mas a ajuda que nos dá é nenhuma". Klaus e Violet suspiraram quando ela expressou em voz alta um sentimento que os três jamais haviam posto para fora mas sempre esteve no coração deles, desde que o sr. Poe passou a cuidar dos assuntos dos irmãos. "O sr. Poe não acredita que Stephano e o conde Olaf sejam a mesma pessoa. E ele acha que a morte do tio Monty foi um acidente. Temos que provar que ele está enganado em ambos os casos."

"Mas Stephano está sem a tatuagem", assinalou Klaus. "E o dr. Lucafont encontrou o veneno da Mamba do Mal nas veias de Monty."

"Eu sei, eu sei", disse Violet, impaciente. "Nós três sabemos a verdade. Mas para convencer os adultos precisamos descobrir provas do plano de Stephano."

"Se ao menos tivéssemos encontrado provas antes", disse Klaus, melancólico.

"Aí, quem sabe, poderíamos ter salvado a vida do tio Monty."

"Sobre isso já nada podemos fazer", disse Violet sem levantar a voz. Deu um olhar em volta da Sala dos Répteis, onde o tio Monty havia trabalhado durante toda a vida.

"Mas se conseguirmos colocar Stephano atrás das grades pelo assassinato que cometeu, pelo menos estaremos impedindo que ele faça mal a alguém mais."

"Inclusive a nós", observou Klaus.

"Inclusive a nós", concordou Violet. "Vamos ver, então. Klaus, localize todos os livros do tio Monty que possam conter informação sobre a Mamba do Mal. Me fale assim que você encontrar qualquer coisa."

"Mas essa pesquisa pode levar dias", disse Klaus, olhando para a biblioteca considerável de Monty.

"Bem, nós não dispomos de dias", disse Violet com firmeza. "Não dispomos sequer de horas. Às cinco da tarde, o *Próspero* sai de Porto Enevoado, e Stephano fará

tudo o que estiver a seu alcance para garantir que a gente esteja a bordo. E se formos parar no Peru sozinhos com ele..."

"Tudo bem, tudo bem", disse Klaus. "Mãos à obra. Vamos, pegue este livro."

"Não vou pegar livro nenhum", disse Violet. "Enquanto você passa os olhos na biblioteca, eu subo para o quarto de Stephano e vejo se encontro alguma pista."

"Sozinha?", perguntou Klaus. "No quarto dele?"

"Estarei em perfeita segurança", disse Violet, embora não tivesse a menor idéia do que estava dizendo. "E você, ande rápido com esses livros, Klaus. Sunny, vigie a porta e morda quem tentar entrar."

"Acrode!", disse Sunny, provavelmente querendo dizer algo como "OK!". Violet saiu e, cumprindo o prometido, Sunny sentou-se diante da porta com os dentes à mostra, arreganhados. Klaus foi até o canto mais distante da sala, onde ficava a biblioteca, cautelosamente evitando passar pelas gaiolas com cobras venenosas. Não arriscou sequer um olhar para a Mamba do Mal ou para qualquer dos outros répteis mortíferos. Mesmo sabendo que o culpado pela morte do tio Monty havia sido Stephano e não propriamente a cobra, era difícil para ele suportar ver o réptil que tinha acabado com os bons tempos vividos por ele e suas irmãs. Klaus soltou um suspiro e abriu um livro. Como em tantas outras ocasiões quando o garoto Baudelaire queria deixar de pensar na sua situação, ele começou a ler.

Aqui não tenho como deixar de usar o recurso já bastante batido do "enquanto isso". O termo "batido" refere-se a "usado por tantos e tantos escritores que,

quando Lemony Snicket o emprega neste texto, já se tornou um chavão". "Enquanto isso" é uma fórmula usada para ligar o que acontece numa parte da história com o que está

acontecendo noutra parte: aqui, refere-se ao que Violet estava fazendo enquanto Klaus e Sunny se encontravam na Sala dos Répteis. Porque, quando Klaus começou a pesquisa na biblioteca do tio Monty e Sunny ficou vigiando a porta da sala com seus dentes afiados, Violet estava envolvida numa operação que, tenho certeza, há de ser de grande interesse para vocês.

Violet estava atrás da porta da cozinha, tentando escutar o que os adultos diziam. Como vocês bem sabem, o segredo do sucesso na espionagem está em não ser apanhado, de modo que Violet se moveu até lá o mais discretamente possível, esforçando-se para não pisar em partes do assoalho que pudessem estalar, por exemplo. Quando chegou à porta, teve o cuidado de tirar do bolso a fita que usava para amarrar os cabelos, colocando-a em seguida no chão, para o caso de, se alguém abrisse a porta, ela poder alegar que estava se ajoelhando ali para apanhar a fita, e não para espionar. Esse era um truque que ela aprendera quando era bem pequena e ficava à porta do quarto de seus pais para saber o que eles estavam planejando para o aniversário dela; como todos os bons truques, ainda funcionava.

"Mas, sr. Poe, se Stephano for comigo no meu carro, e o senhor for dirigindo o jipe do dr. Montgomery", dizia o dr. Lucafont, "como é que o senhor vai saber o caminho?"

"Entendo o que o senhor quer dizer", disse o sr. Poe. "Mas não me parece que Sunny vá querer sentar-se no colo do dr. Montgomery, estando ele morto. Temos que pensar noutra solução."

"Eu tenho uma", disse Stephano. "Vou com as crianças dirigindo o carro do dr. Lucafont, e o dr. Lucafont pode ir com o senhor e o dr. Montgomery no jipe do dr. Montgomery."

"Receio que isso não funcione", disse o dr. Lucafont muito seriamente. "As leis da cidade não permitem que o carro seja dirigido por alguém que não seja o proprietário."

"E nem sequer discutimos a questão da bagagem das crianças", disse o sr. Poe. Violet pôs-se de pé, concluindo, pelo que acabara de ouvir, que teria tempo de sobra para subir ao quarto de Stephano. Sem fazer o menor barulho, Violet subiu a escada de degrau em degrau, depois percorreu o hall até a porta do quarto de Stephano, exatamente onde ele se sentara com a faca na mão naquela noite

pavorosa. Ao chegar à

porta, Violet parou. Era curioso, pensou ela, como tudo o que se relacionava com o conde Olaf causava pavor. O simples fato de estar olhando para a porta do seu quarto era bastante para que o coração dela começasse a bater com toda a força. Naquele momento Violet descobriu que uma parte dela alimentava a esperança de que Stephano subisse correndo as escadas e a detivesse no ponto onde se achava, e, assim, ela não precisasse abrir a porta e entrar no quarto em que ele dormia. Mas Violet pensou então em sua própria segurança, e na de seus dois irmãos. Muitas vezes, quando uma pessoa está

ameaçada, ela descobre uma coragem que não sabia possuir, e a mais velha dos Baudelaire descobriu que podia ter bravura suficiente para abrir a porta. Ainda sentindo doer-lhe o ombro em conseqüência da batida de carro, Violet girou a maçaneta de metal e entrou.

O quarto, como Violet desconfiava, estava uma bagunça imunda. A cama não havia sido feita e tinha migalhas de bolachas e fios de cabelo espalhados por cima dos lençóis. Jornais velhos e catálogos para encomendas por correspondência formavam pilhas desordenadas sobre o chão. Em cima de uma cômoda havia um pequeno estoque de garrafas de vinho pela metade. A porta do guarda-roupa estava aberta, deixando entrever uma penca de cabides de arame enferrujados que balançavam no quarto exposto a correntes de ar. As cortinas das janelas achavam-se todas arrepanhadas e cobertas aqui e ali por uma crosta escamosa — chegando mais perto, Violet percebeu com verdadeiro horror que Stephano havia assoado o nariz nelas. Por mais repulsiva que fosse, entretanto, aquela mucosidade endurecida não era o tipo de prova que Violet estava esperando colher. A mais velha dos órfãos Baudelaire postou-se no centro do quarto e circulou o olhar pela embaraçosa desordem do aposento. Tudo era horrendo, não havia ali nada que pudesse ajudar. Violet esfregou o ombro machucado e lembrou-se de quando ela e os irmãos moravam com o conde Olaf e se viram trancados na sala da torre. Apesar do pavor que sentiram ao serem encurralados no retiro secreto dele — expressão que aqui significa "lugar imundo onde se arquitetam planos maléficos" —, na verdade a permanência na torre revelou-se bem proveitosa porque lhes permitiu ler e informar-se sobre a lei nupcial, propiciando uma saída para o sufoco em que se achavam. Mas ali, no retiro secreto de Stephano na casa do tio Monty, tudo o que Violet conseguiu descobrir foram sinais de falta de asseio. Em algum lugar Stephano certamente teria deixado indícios que pudessem ser percebidos por Violet e usados para convencer o sr. Poe — mas onde? Desanimada, e receando ter passado tempo demais no quarto de Stephano, Violet tratou de descer as escadas sem fazer barulho.

"Não, não, não", o sr. Poe estava dizendo, quando ela parou junto à porta da cozinha, na escuta novamente. "O dr. Montgomery não pode dirigir. Está morto. Deve haver um modo de resolver isso."

"Já disse e repeti uma porção de vezes", disse Stephano, e dava para Violet perceber que ele estava ficando aborrecido. "A maneira mais fácil é eu levar as três crianças para a cidade, enquanto o senhor me segue com o dr. Lucafont e o cadáver. Que pode haver de mais simples?"

"Talvez o senhor tenha razão", disse o sr. Poe com um suspiro, e Violet correu para dentro da Sala dos Répteis.

"Klaus! Klaus!", ela gritou. "Me diga por favor que encontrou alguma coisa! Fui ao quarto de Stephano mas lá não descobri nada que possa nos ajudar, e acho que Stephano vai conseguir ficar sozinho conosco no carro do tio Monty." Klaus respondeu com um sorriso e começou a ler em voz alta a página de um livro que estava segurando: "A Mamba do Mal é uma das cobras mais mortíferas do hemisfério, notável pelo bote estrangulatório em conjunção com um veneno mortal que produz em suas vítimas um matiz tenebroso, horrível de se ver".

"Estrangulatório? Conjunção? Tenebroso? Matiz?", repetiu Violet. "Não tenho nem idéia do que é que você está falando."

"Eu também fiquei sem entender", admitiu Klaus, "até que fui procurar algumas dessas palavras no dicionário. *Estrangulatório é* 'relativo a estrangulamento'. *Em conjunção é* 'junto com', 'acompanhado de'. *Tenebroso é* 'escuro, sombrio'. E *matiz* é o mesmo que 'cor, coloração'. Ou seja: a Mamba do Mal é famosa por estrangular as pessoas enquanto morde, deixando marcas escuras no lugar dos apertões."

"Basta! Pare!", gritou Violet tapando os ouvidos.

"Não quero ouvir mais nada do que aconteceu com o tio Monty!"

"Você não está entendendo", disse Klaus sem levantar a voz. "Não foi *isso* que aconteceu com o tio Monty."

"Mas o dr. Lucafont declarou que havia veneno da Mamba do Mal nas veias do tio Monty", disse Violet.

"Claro que havia", disse Klaus, "mas não foi a cobra que pôs o veneno lá. Se tivesse sido ela, teria deixado o corpo do tio Monty com marcas escuras. E você está

lembrada, tanto quanto eu, que o corpo estava de uma brancura de chamar a atenção." Violet ia começar a falar mas parou, lembrando-se do rosto pálido, tão pálido do tio Monty quando o encontraram. "É verdade", disse ela. "Mas então como que ele foi envenenado?"

"Lembra-se de como o tio Monty guardava o veneno de todas as cobras venenosas em tubos de ensaio, para estudá-los?", disse Klaus. "Acho que Stephano pegou o veneno e injetou-o no tio Monty."

"É mesmo?", Violet estremeceu. "Que horrível!"

"Oquipi!", gritou Sunny, aparentemente concordando.

"Quando contarmos isso ao sr. Poe", disse Klaus, confiante, "Stephano será

detido pelo assassinato do tio Monty e mandado para a cadeia. Não vai mais ter como nos levar às escondidas para o Peru, ou nos ameaçar com facas, ou nos obrigar a carregar sua mala, nem nada parecido com isso."

Violet encarou o irmão, arregalando os olhos, empolgadíssima: "A mala!", disse ela. "A mala dele!"

"Do que é que você está falando?", disse Klaus, intrigado. E Violet estava a ponto de explicar-lhe quando bateram à porta.

"Entre!", respondeu Violet, fazendo um sinal a Sunny para que não mordesse o sr. Poe, que entrava.

"Espero que estejam um pouco mais calmos", disse o sr. Poe, olhando para os meninos, um de cada vez, "e tenham abandonado a idéia de que Stephano é o conde Olaf."

"Mesmo que ele não seja o conde Olaf", respondeu Klaus com muita cautela,

"achamos que ele pode ser o responsável pela morte do tio Monty."

"Absurdo!", exclamou o sr. Poe, enquanto Violet balançava a cabeça de um lado para o outro, discretamente. "A morte do tio Monty foi um acidente terrível, e nada mais." Klaus ergueu o livro que estava lendo. "Mas, enquanto o senhor estava na cozinha, nós estávamos aqui lendo sobre cobras, e..."

"Lendo sobre cobras?", repetiu o sr. Poe. "Eu imaginaria que vocês quisessem ler sobre qualquer assunto *menos* sobre cobras, depois do que aconteceu ao dr. Montgomery."

"Mas eu descobri uma coisa", disse Klaus, "que..."

"Não importa o que você descobriu sobre cobras", disse o sr. Poe, tirando do bolso um lenço. Os Baudelaire esperaram enquanto ele tossia dentro do lenço antes de guardá-lo no bolso. "Não importa", ele tornou a dizer, "o que você descobriu sobre cobras. Stephano não conhece nada de cobras. Ele próprio nos disse isso."

"Mas...", disse Klaus, e parou ao olhar para Violet. Ela tornou a fazer um sinal de negativa com a cabeça, bem discretamente. Era um sinal, um aviso para que não dissesse mais coisa alguma ao sr. Poe. Encarou a irmã, depois o sr. Poe, e calou a boca. O sr. Poe tossiu ligeiramente no seu lenço e olhou para o relógio no pulso.

"Agora que esse assunto está resolvido, vamos passar ao trajeto que temos que fazer de carro. Já sei que vocês três estavam ansiosos para conhecer o interior do automóvel de um médico, mas discutimos e examinamos a questão de mil maneiras e simplesmente não há como esse esquema funcionar. Vocês três irão para a cidade no carro de Stephano, enquanto eu irei com o dr. Lucafont e seu tio Monty. Stephano e o dr. Lucafont estão agora retirando do jipe as malas com a bagagem de vocês e partiremos dentro de poucos minutos. Se me dão licença, tenho que ligar para a Sociedade Herpetológica a fim de comunicar a má notícia." O sr. Poe tossiu mais uma vez no seu lenço e retirou-se da sala.

"Por que você não quis que eu contasse para o sr. Poe a respeito do que li?", perguntou Klaus a Violet, quando se certificou de que o sr. Poe já estava a uma distância de que não podia ouvi-lo. Violet não deu resposta. Ela olhava pelos vidros da Sala dos Répteis, vendo o dr. Lucafont e Stephano passar pelos arbustos em forma de cobras e caminhar até o jipe do tio Monty. Stephano abriu a porta do jipe e o dr. Lucafont começou a segurar as malas que retirou do banco de trás com suas mãos estranhamente rígidas.

"Violet, por que você não quis que eu contasse para o sr. Poe a respeito do que li?"

"Quando os adultos vierem nos buscar", disse Violet, sem dar atenção à pergunta de Klaus, "retenha-os na Sala dos Répteis até eu voltar."

"Mas como farei isso?", perguntou Klaus.

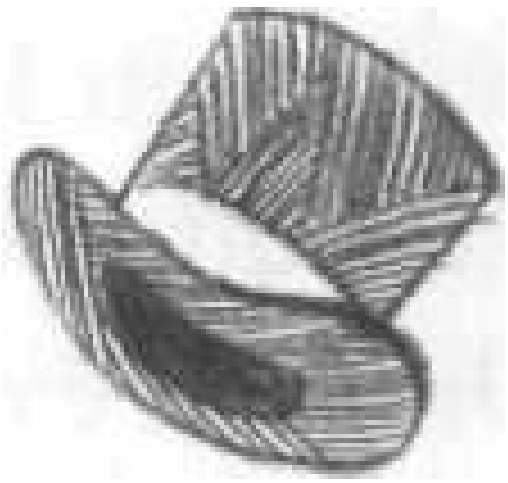
"Invente uma distração", respondeu Violet com impaciência, sem deixar de acompanhar pela janela o trabalho do dr. Lucafont de empilhar as malas.

"Que distração?", perguntou Klaus, ansioso. "Como?"

"Pelo amor de Deus, Klaus!", sua irmã mais velha respondeu. "Você leu centenas de livros. Com toda a certeza deve ter lido algo sobre como distrair as pessoas." Klaus pensou um instante. "Com o objetivo de ganhar a Guerra de Tróia", disse,

"os gregos antigos esconderam soldados dentro de um enorme cavalo de madeira. Foi um tipo de distração. Mas eu não tenho tempo de construir um cavalo de madeira."

"Então trate de pensar em alguma outra coisa", disse Violet, que começou a andar em direção à porta, sempre olhando pela janela. Klaus e Sunny olharam primeiro para a irmã, depois, pela janela da Sala dos Répteis, olharam para onde ela estava olhando. É notável como pessoas diferentes têm pensamentos diferentes ao olhar para a mesma coisa. Porque, quando os dois Baudelaire, mais jovens olharam para a pilha de malas, o único pensamento foi: se não fizessem algo rapidamente, acabariam ficando sozinhos no jipe do tio Monty com Stephano. Mas, pela maneira de olhar de Violet ao sair da Sala dos Répteis, ela obviamente estava pensando em outra coisa. Klaus e Sunny não conseguiram imaginar o que fosse, mas, de algum modo, sua irmã havia chegado a uma conclusão diferente ao olhar para sua própria mala marrom, ou talvez a bege que levava as coisas de Klaus, ou a cinzenta pequenina com a bagagem de Sunny, ou talvez a grande e preta, com o brilhante cadeado de prata, que pertencia a Stephano.





CAPÍTULO

Dez

Quando vocês eram muito pequenos, talvez alguém tenha lido para vocês a insípida história — a palavra "insípida" aqui quer dizer "indigna de se ler para alguém" —

do Menino que deu Alarme contra o Lobo. Um menino muito bobo, vocês devem estar lembrados, gritou "Lobo!" quando não havia nenhum lobo, e então os crédulos habitantes da aldeia que correram para salvá-lo ficaram sabendo que era tudo brincadeira. Até que um dia ele gritou "Lobo!" quando não era de brincadeira, e os habitantes não vieram salvá-lo, e o menino foi comido, e a história, graças a Deus, terminava aí.

A moral da história, é claro, deveria ser: "Não more jamais num lugar onde os lobos passeiam à vontade", mas quem leu para vocês a história provavelmente terá dito que a moral era que não se deve mentir. Ora, essa é uma moral absurda, pois tanto vocês como eu sabemos que às vezes mentir não somente é bom como é necessário. Por exemplo: era perfeitamente apropriado que, depois de Violet deixar a Sala dos Répteis, Sunny se arrastasse até a gaiola onde a Víbora Incrivelmente Mortífera estava presa, destravasse o fecho e começasse a gritar o mais alto de que era capaz, embora nada de realmente errado estivesse acontecendo.

Há outra história a respeito de lobos que provavelmente devem ter contado a vocês e que também é absurda. Estou falando de Chapeuzinho Vermelho, uma garotinha bastante desagradável que, como o Menino que deu Alarme contra o

Lobo, insistiu em intrometer-se no território de animais perigosos. Como vocês hão de estar lembrados, o lobo, depois de ser tratado muito rudemente por Chapeuzinho Vermelho, comeu a avó da menina e vestiu a roupa da velha como disfarce. Esse é o aspecto mais ridículo da história, porque mesmo uma garota tão boboca como Chapeuzinho Vermelho saberia na mesma hora notar a diferença entre a avó e um lobo metido numa camisola e calçado com chinelos felpudos. Quando conhecemos muito bem uma pessoa, como nossa avó ou a babá, na mesma hora sabemos dizer se elas são reais ou se são impostoras. Por isso, quando Sunny começou a gritar, Violet e Klaus perceberam de imediato que o grito era absolutamente falso.

"Esse grito é absolutamente falso", Klaus disse para si mesmo, do outro extremo da Sala dos Répteis.

"Esse grito é absolutamente falso", Violet disse para si mesma, das escadas, enquanto subia para o seu quarto.

"Meu Deus! Alguma coisa está saindo terrivelmente errado!", disse o sr. Poe para si mesmo, da cozinha, onde falava ao telefone. "Adeus", disse, concluindo a ligação. Pôs o aparelho no gancho e saiu correndo para ver o que tinha acontecido.

"Que foi que houve?", perguntou o sr. Poe a Stephano e ao dr. Lucafont, que acabavam de tirar as malas do carro e entravam na casa. "Ouvi uns gritos vindos da Sala dos Répteis."

"Tenho certeza de que não houve nada", disse Stephano.

"Sabe como são as crianças", disse o dr. Lucafont.

"Não podemos ter outra tragédia em nossas mãos!", disse o sr. Poe, que saiu disparado para a enorme porta da Sala dos Répteis. "Crianças! Crianças!"

"Aqui!", gritou Klaus. "Venha depressa!" A voz dele soava profunda e rascante, e quem não o conhecesse diria que estava muito assustado. Quem *de fato* o conhecesse saberia que quando Klaus realmente estava com medo a voz dele saía tensa e esganiçada, como foi o caso quando ele descobriu o corpo do tio Monty. Sua voz só

ficava rascante e profunda quando ele tentava conter o riso. Foi uma grande coisa Klaus ter conseguido não rir no momento em que o sr. Poe, Stephano e o dr. Lucafont entraram na Sala dos Répteis. Teria estragado tudo.

Sunny achava-se deitada sobre o piso de mármore, com os bracinhos e as perninhas agitando-se freneticamente como se ela estivesse tentando nadar. A expressão facial dela foi o que fez Klaus ter vontade de rir. A boca de Sunny estava escancarada, mostrando seus quatro dentes afiados, enquanto os olhos piscavam rápido e sem parar. Ela estava tentando parecer muito assustada, e quem não conhecesse Sunny acreditaria piamente. Mas Klaus conhecia Sunny e sabia que, quando ela ficava muito assustada, seu rosto se franzia todo e mergulhava no maior silêncio, como quando Stephano ameaçou de arrancar um dos dedos do pezinho dela. Para todos, *menos* para Klaus, Sunny parecia bem apavorada, especialmente levando-se em conta a companhia. Enroscada no corpo miúdo de Sunny, estava uma cobra negra, de um negrume de mina de carvão e grossa como um cano de esgoto. Ela olhava para Sunny com olhos verdes que brilhavam intensamente, e tinha a boca aberta como se estivesse a ponto de mordê-la.

"A Víbora Incrivelmente Mortífera!", gritou Klaus. "Vai mordê-la!", e a voz de Klaus esganiçou-se ao mesmo tempo que Sunny escancarou ainda mais a boca e arregalou ainda mais os olhos para parecer ainda mais assustada. A boca do dr. Lucafont também se abriu, e Klaus percebeu que ele começou a dizer qualquer coisa mas foi incapaz de encontrar palavras. Stephano, que evidentemente não estava ligando a mínima para a segurança de Sunny, mostrou-se pelo menos surpreso, mas foi o sr. Poe quem entrou em pânico absoluto.

Há dois tipos básicos de pânico: a pessoa não se move e não diz uma palavra, ou a pessoa fica aos saltos balançando-se para todos os lados e tagarelando qualquer coisa que lhe venha à cabeça. O sr. Poe era do tipo de saltar, balançar-se e falar compulsivamente. Klaus e Sunny jamais o haviam visto mover-se tão rapidamente ou falar com voz tão esganiçada:

"Meu Deus!", gritou. "Minha nossa! Em nome de Alá! Por Júpiter e Juno! Maria e José! Edgar Allan Poe! Não toque nela! Peguem a cobra! Cheguem mais perto! Fuja! Não se mexa! Matem a cobra! Deixem ela em paz! Dêem qualquer comida a ela! Não deixem ela morder a menina! Atraiam a cobra para ela se afastar! Vem cá, cobrinha! Vem, cobrinha, cobrinhazinha!"

A Víbora Incrivelmente Mortífera ouviu pacientemente a fala do sr. Poe, sem deixar de olhar em momento nenhum para Sunny, e, quando o sr. Poe fez uma pausa para tossir no lenço, ela avançou e mordeu Sunny no queixo, no mesmo lugar em que a havia mordido quando as duas amigas se viram pela primeira vez. Klaus tentou não rir, mas o dr. Lucafont interrompeu a respiração, Stephano olhou fixo e o sr. Poe recomeçou a pular e a falar compulsivamente.

"Oh! ela mordeu a menina! Ela mordeu!", gritou. "Calma, todo mundo! Temos que agir! Chamem uma ambulância! Chamem a polícia! Chamem um cientista! Chamem minha mulher! Isso *é* terrível! Que coisa mais horrível! Apavorante! Fantasmagórico! Isso é..."

"Não há por que se preocupar", interrompeu Stephano, tranqüilamente.

"Como não há por que se preocupar?!", perguntou o sr. Poe, incrédulo. "Sunny acaba de ser mordida por... como é que se chama a cobra, Klaus?"

"Víbora Incrivelmente Mortífera", respondeu Klaus na mesma hora.

"Víbora Incrivelmente Mortífera!", repetiu o sr. Poe, apontando para a cobra que cravara os dentes no queixo de Sunny e não o largava. Sunny soltou outro grito agudo de falso terror. "Como é que é que o senhor pode dizer que não há por que se preocupar?

"Porque a Víbora Incrivelmente Mortífera é inteiramente inofensiva", disse Stephano. "Tenha calma, Poe. O nome da cobra é inapropriado, o dr. Montgomery deu-lhe esse nome de pura gozação."

"Tem certeza?", perguntou o sr. Poe. Baixou um pouco o tom de voz e passou a mover-se um pouco mais devagar, à medida que começou a acalmar-se.

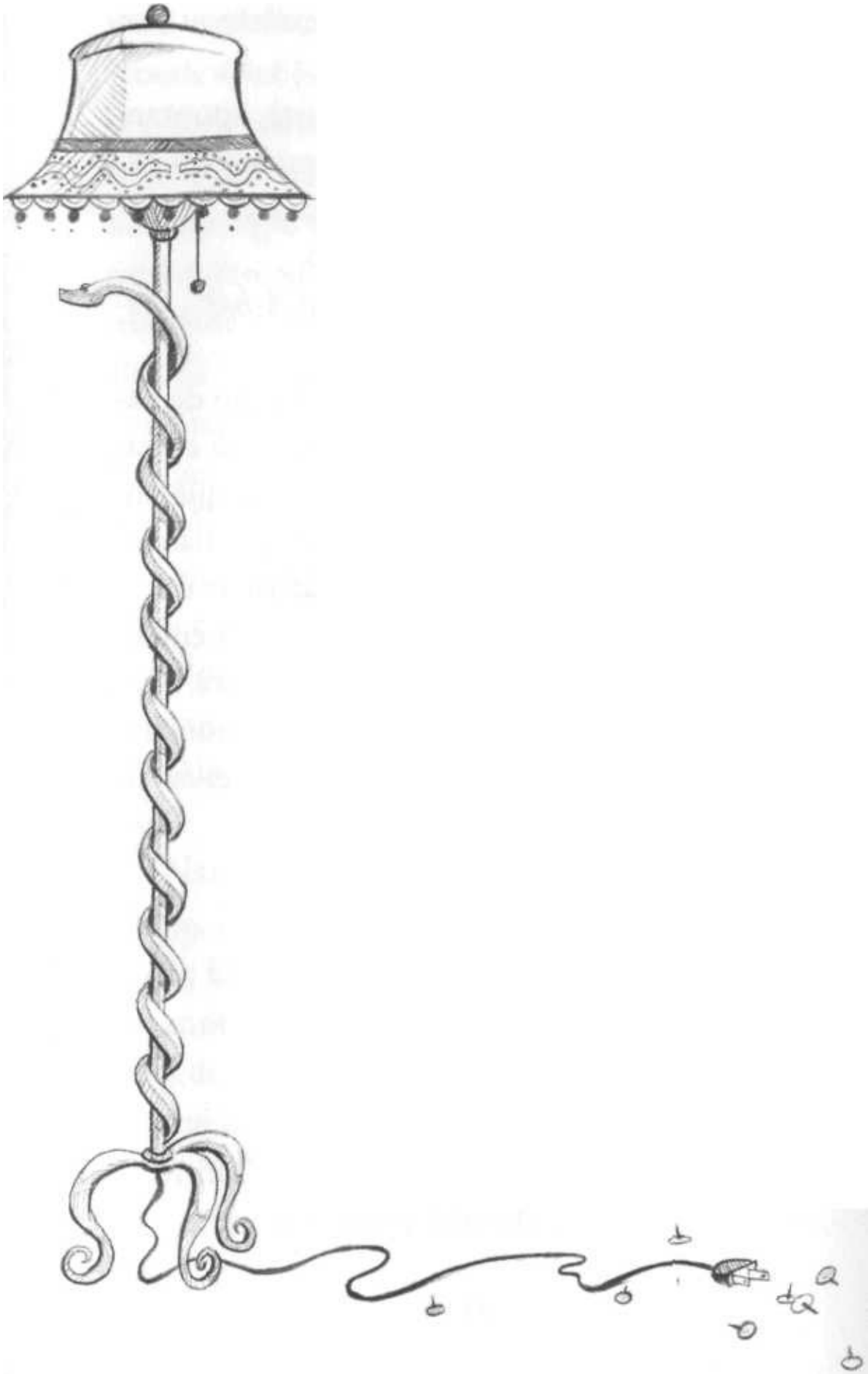
"Claro que tenho certeza", disse Stephano, e Klaus reconheceu no rosto dele uma expressão familiar, de que se lembrava da época em que morava com os irmãos na casa do conde Olaf. Era uma expressão de pura vaidade, palavra que aqui tem o sentido de "conde Olaf julgando-se a pessoa mais incrível que já existiu em todos os tempos". Quando os Baudelaire se achavam sob os cuidados de Olaf, ele muitas vezes agiu dessa maneira, sempre feliz em exibir ostentosamente seus talentos, fosse no palco com a sua atroz companhia teatral, fosse em sua sala no alto da torre enquanto arquitetava planos maléficos. Stephano sorriu, e continuou a falar para o sr. Poe, ansioso por se mostrar. "A cobra é perfeitamente inofensiva, eu diria até amigável. Li e me informei muito bem sobre a Víbora Incrivelmente Mortífera e sobre muitas outras cobras na biblioteca da Sala dos Répteis, sem falar que consultei os trabalhos no arquivo pessoal do dr. Montgomery." O dr. Lucafont limpou a garganta: "Hã, chefe...", disse.

"Não me interrompa, dr. Lucafont", disse Stephano. "Estudei livros sobre todas as espécies principais. Examinei cuidadosamente esboços e gráficos. Fiz anotações meticulosas que revi todas as noites antes de ir dormir. Considero-me, se assim posso dizer, um especialista e tanto em cobras."

"A-há!", exclamou Sunny, desembaraçando-se da Víbora Incrivelmente Mortífera.

"Sunny! Você não se machucou!", exclamou o sr. Poe.

"A-há!", exclamou Sunny novamente, apontando para Stephano. A Víbora Incrivelmente Mortífera piscou os seus olhos verdes, triunfante.



Sr. Poe olhou para Klaus, intrigado.

"Que é que sua irmã quer dizer com *A-há?",* perguntou. Klaus suspirou. Às vezes tinha a sensação de haver passado metade de sua vida explicando coisas ao sr. Poe. "Com *A-há",* disse ele, "ela está querendo dizer que Stephano primeiro declara que não sabe nada sobre cobras e depois vem afirmar que é

um especialista e tanto! Esse *A-há é* para ser entendido como 'Stephano esteve mentindo para nós'. *A-há é* igual a 'finalmente conseguimos demonstrar a desonestidade dele para o senhor!'. Com *A-há* ela quer dizer *A-há!"*

CAPÍTULO

Onze

Enquanto isso, no andar de cima, Violet inspecionava seu quarto com olho crítico apurado. Respirou fundo, e em seguida amarrou os cabelos com uma fita, para afastá-los dos olhos. Como bem sabemos vocês e eu e todos os que conhecem bem Violet, quando ela amarra os cabelos desse jeito é porque está precisando se concentrar. E neste exato momento ela precisava bolar uma invenção com a máxima urgência. Quando Klaus mencionou a ordem de Stephano de carregarem a mala dele para dentro da casa, Violet deu-se conta de que a prova que ela estava procurando tanto se achava sem sombra de dúvida naquela mala. E agora, enquanto os irmãos se ocupavam em distrair os adultos na Sala dos Répteis, ela tinha uma oportunidade única de abrir a mala e tomar posse da prova do plano perverso de Stephano. Mas o ombro dolorido fez com que ela se lembrasse de que não era tão simples abrir aquela mala: estava trancada, com um cadeado tão brilhante quanto os olhos de Stephano quando ele tinha algum plano em mente. Confesso que, se eu estivesse no lugar de Violet, dispondo de poucos minutos para abrir aquela mala trancada com cadeado — em vez de me encontrar aqui no convés do iate de minha amiga Bela, pondo estas palavras no papel —, provavelmente eu teria desistido de ter esperanças. Teria me jogado no chão do quarto, socando o tapete com meu punho irado enquanto protestaria em pensamento contra o absurdo de a vida ser tão injusta e tão repleta de inconveniências.

Por sorte dos Baudelaire, entretanto, Violet era pessoa de mais fibra, e seus olhos passaram em revista o quarto à procura de qualquer coisa que pudesse ajudá-la. Não havia muito em matéria de elementos que pudessem ser aproveitados em invenções. Violet sempre havia sonhado com um quarto apropriado para suas invenções, abastecido com arames e engrenagens e com todo o equipamento necessário para produzir invenções de qualidade. O tio Monty na verdade possuía

muitos desses elementos, mas — para grande frustração de Violet quando pensou nisso — eles se achavam localizados na Sala dos Répteis. Ela olhou para as folhas de papel pregadas com tachinhas na parede, onde esperara esboçar suas invenções ao ir morar na casa do tio Monty. O problema havia surgido tão rapidamente que Violet mal tivera tempo de pôr alguns rabiscos numa das folhas, rabiscos que ela havia escrito sob a luz de uma luminária de pé na primeira noite que passara ali. Ao lembrar-se daquela noite os olhos de Violet deslocaram-se até a lâmpada, e quando se fixaram na tomada ela teve uma idéia. Sabemos, sem dúvida, que não se deve nunca, mas nunca, nunca, nunca,

ponta afilada ficasse para fora, saliente. O resultado assemelhava-se a uma peça de metal que talvez vocês nem notassem se estivesse jogada na rua, mas, na verdade, o que Violet havia feito era uma grosseira — a palavra "grosseira" tem aqui o sentido de "tosca, feita em cima da hora" e não de "rude ou mal-humorada" — gazua. Gazuas, como talvez vocês saibam, são chaves falsas que funcionam como se fossem chaves de verdade, usadas por bandidos arrombadores para roubar casas ou para escapar da prisão. Mas esta foi uma das raras ocasiões em que a gazua estava sendo usada pela mocinha: Violet Baudelaire. Violet desceu as escadas devagarinho e sem fazer barulho, com a gazua numa das mãos, os dedos cruzados na outra. Passou pela enorme porta da Sala dos Répteis, andando na ponta dos pés, e, fiada na esperança de que não notariam sua ausência, escapuliu para fora da casa. Desviando de propósito seus olhos do carro do dr. Lucafont para evitar ter uma vista, mínima que fosse, do corpo do tio Monty, a mais velha dos Baudelaire caminhou até a pilha de malas. Seu primeiro olhar foi para as malas antigas, que pertenciam a ela e a seus irmãos. Essas malas continham, estava bem lembrada, uma porção de roupas feiosas que pinicavam o corpo, roupas compradas para eles pela sra. Poe logo depois que os Baudelaire pais morreram. Por instantes, Violet teve sua atenção presa a essas malas, rememorando a vida mansa que havia tido antes que todo aquele monte de problemas desabasse sobre a família, e pensando como era surpreendente ver-se agora em circunstâncias tão infelizes. Isso pode não ser surpreendente para nós, porque conhecemos quanto são desgraçadas as vidas dos órfãos Baudelaire, mas o infortúnio de Violet era uma constante surpresa para ela, que precisou de todo um minuto para expulsar da cabeça esses pensamentos e concentrar-se no que tinha a fazer.

Ajoelhou-se para ficar mais perto da mala de Stephano, segurou o cadeado de prata numa das mãos, respirou fundo e enfiou a gazua na fechadura. A gazua entrou, mas quando tentou girar ela quase não se mexeu, só arranhou de leve o interior da fechadura. Precisava mover-se com maior desenvoltura, do contrário era inútil esperar que funcionasse. Violet retirou a gazua e umedeceu-a na boca, fazendo uma careta por causa do sabor desagradável do metal. Em seguida tornou a enfiar a gazua na fechadura e tentou movê-la. A chave falsa deu uma mexidinha à toa e mais nada. Violet retirou a gazua e concentrou-se com esforço máximo em seus pensamentos, voltando a amarrar a fita nos cabelos. Ao afastar o cabelo de seus olhos, entretanto, sentiu um súbito formigamento na pele. Desagradável, mas que não lhe era estranho. Era a sensação de estar sendo observada. Rápido, olhou para trás, mas viu só

os arbustos em forma de cobras no gramado. Olhou para o lado e viu só a rampa que levava ao Mau Caminho. Até que firmou a vista para a frente, fixando-a através das paredes de vidro da Sala dos Répteis.

Nunca lhe havia ocorrido que as pessoas pudessem ver de fora para dentro das paredes da Sala dos Répteis tão claramente como podiam ver de dentro para fora, mas, quando olhou para cima, Violet viu, por trás das gaiolas dos répteis, a figura do sr. Poe aos pulos, excitadíssimo. Vocês e eu sabemos, naturalmente, que o sr. Poe entrara em pânico por causa de Sunny e a Víbora Incrivelmente Mortífera, mas tudo o que Violet pôde perceber era que, qualquer que fosse a trama bolada pelos irmãos, estava funcionando. O formigamento em sua pele não se explicou, entretanto, até ela focalizar melhor sua atenção um pouco à direita do sr. Poe — quando então viu que Stephano olhava fixo para ela.

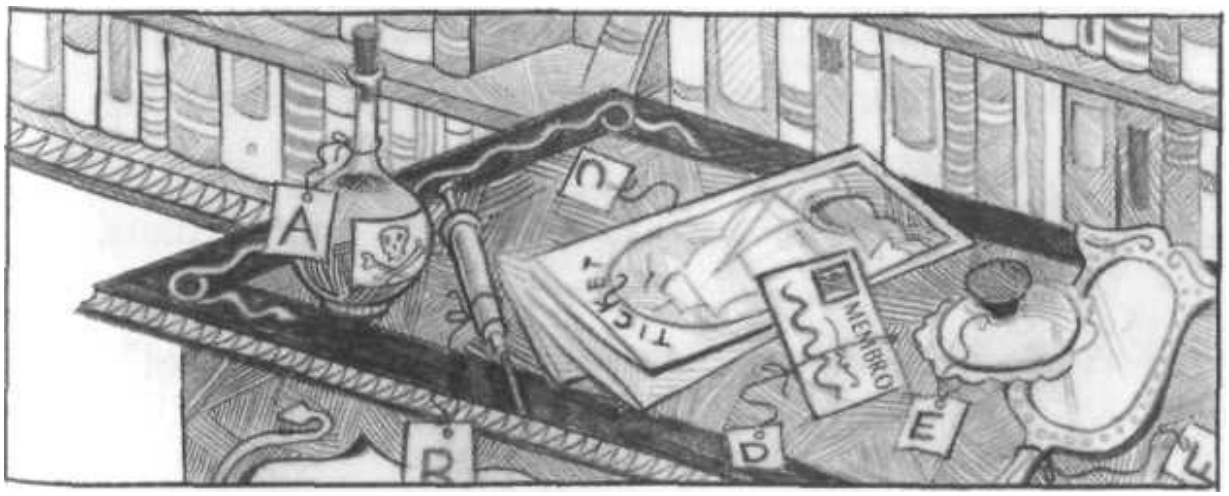
Abriu a boca, tomada de surpresa e pânico. Ela sabia que agora, a qualquer instante, Stephano inventaria uma desculpa para sair da Sala dos Répteis e vir à sua procura, e ela nem sequer abrira a mala. Depressa, já, o quanto antes, ela tinha que encontrar um meio de fazer sua gazua funcionar. Baixou os olhos para as pedras úmidas da rampa de entrada e em seguida ergueu-os para o fosco e amarelado sol da tarde. Olhou para as próprias mãos, sujas de poeira pelo trabalho de desmontar o plugue, e foi então que lhe veio uma idéia.

De um salto, Violet voltou em disparada para dentro da casa como se Stephano já estivesse em sua perseguição, e passou como um relâmpago pela porta que dava para a cozinha. Derrubando no chão uma cadeira que estava em seu caminho, ela apanhou uma barra de sabão na pia que gotejava, esfregou a substância escorregadia cuidadosamente na sua gazua até cobrir todo o instrumento de uma fina camada escorregadia. Com o coração aos pulos dentro do peito, saiu para fora da casa de novo, dando uma rápida espiada nas paredes de vidro da Sala dos Répteis. Stephano estava dizendo algo ao sr. Poe — ele gabava-se de seu conhecimento especializado sobre cobras, mas Violet não tinha como saber disso —, e Violet aproveitou esse momento para ajoelhar-se e tornar a enfiar a gazua na fechadura do cadeado. A ferramenta deu rapidamente a volta completa, e então rompeu-se em duas, bem nas suas mãos. Uma das metades soltou-se e caiu no gramado, enquanto a outra permanecia presa na fechadura como um dente pontudo. Sua gazua estava destruída.

Violet cerrou os olhos um instante, desesperada, e em seguida levantou-se num só impulso, apoiando-se na mala para se equilibrar. Quando ela pôs a mão sobre a mala, entretanto, o cadeado destravou-se com o golpe e a mala tombou para um lado, aberta, espalhando tudo pelo chão. Violet caiu para trás de surpresa. Às vezes, mesmo nas vidas mais desgraçadas, acontece um momento ou dois de boa sorte. É muito difícil, como contam as pessoas que tiveram essa experiência, encontrar uma agulha num palheiro, daí "agulha num palheiro" ter se tornado um chavão muito difundido que equivale a "algo que é difícil de achar". Naturalmente, o motivo que torna difícil achar uma agulha num palheiro é que,

de todas as coisas que existem num palheiro, a agulha é apenas uma delas. Mas se vocês estivessem procurando *qualquer coisa* num palheiro, isso não seria difícil, de modo algum, porque, uma vez que começassem a revistar com minúcia o palheiro, com certeza achariam alguma coisa: feno, terra, insetos, ferramentas de jardinagem, e talvez até um homem que houvesse fugido da prisão e estivesse escondido ali. Quando Violet remexeu no conteúdo da mala de Stephano, era como se estivesse procurando *qualquer coisa* no palheiro, porque não sabia exatamente o que queria encontrar. Portanto, foi na verdade razoavelmente fácil encontrar objetos que comprovassem o crime: um tubo de ensaio fechado por tampa de borracha, do tipo que se vê nos laboratórios; uma seringa com agulha de ponta fina, como a que um médico usa para dar injeções; um pequeno maço de papéis dobrados; uma carteirinha; um pulverizador e um espelhinho de mão.

Mesmo sabendo que só dispunha de mais alguns poucos minutos, Violet separou esses objetos das roupas perfumadas e da garrafa de vinho que também estavam dentro da mala, e olhou-os detidamente, concentrando-se em cada um daqueles objetos como se fossem peças que ela usaria para construir uma máquina. E, de certo modo, não eram outra coisa. Violet Baudelaire precisava articular aqueles elementos para derrotar o plano maléfico de Stephano e trazer paz e justiça para a vida dos órfãos Baudelaire pela primeira vez desde que seus pais haviam morrido no terrível incêndio. Violet olhava fixo para cada um daqueles objetos, refletindo muito, concentrada; não demorou muito a expressão de seu rosto iluminou-se, como sempre acontecia quando todas as peças soltas de um conjunto se encaixavam perfeitamente e a máquina se punha a funcionar tal como devia.



CAPÍTULO

Doze

Prometo a vocês que esta é a última vez que vou usar a expressão "enquanto isso", mas é que não consigo ver outro jeito de voltar ao momento em que Klaus havia acabado de explicar ao sr. Poe a intenção de Sunny ao gritar "A-há!". Agora todos na Sala dos Répteis estavam olhando para Stephano. Sunny tinha um ar triunfante. Klaus tinha um ar desafiador. O sr. Poe tinha um ar furioso. O dr. Lucafont tinha um ar preocupado. Não dava para saber que ar tinha a Víbora Incrivelmente Mortífera porque é difícil identificar a expressão facial das cobras. Stephano encarava todas aquelas pessoas em silêncio, com uma expressão oscilante, na medida em que tentava decidir se ia pôr tudo a limpo, expressão que aqui quer dizer "admitir que ele era realmente o conde Olaf e não tinha objetivos inocentes", ou se ia perpetuar sua enganação, expressão que aqui equivale a "mentir, mentir e mentir toda a vida".

"Stephano", disse o sr. Poe, e pôs-se a tossir no seu lenço. Klaus e Sunny esperaram impacientes a continuação do que ele ia dizer. "Stephano, explique-se. Você

acaba de nos dizer que é um especialista em cobras. Antes, no entanto, você havia dito que não entendia nada de cobras e que, portanto, não poderia estar envolvido na morte do dr. Montgomery. Que é que está acontecendo?"

"Quando falei aos senhores que não entendia nada de cobras", disse Stephano,

"estava sendo modesto. Agora, se me dão licença, tenho que ir lá fora um momento, e..."

"Você não estava sendo modesto!", gritou Klaus. "Você estava *mentindo*. E está

mentindo agora! Você não passa de um mentiroso e de um assassino!" Stephano arregalou os olhos, e seu rosto anuviou-se de raiva. "Vocês não têm provas disso", falou.

"Temos, sim senhor", disse uma voz que vinha da porta, e todos se viraram para ver Violet que se achava ali, com um sorriso no rosto e as provas nas mãos. Triunfante, ela atravessou a Sala dos Répteis até o extremo mais afastado onde os livros que Klaus havia lido sobre a Mamba do Mal continuavam separados numa pilha. Os outros a seguiram, percorrendo as passagens entre os répteis. Sem dizer uma palavra, ela arrumou os objetos em fileira sobre uma mesa: o tubo de ensaio fechado por tampa de borracha, a seringa com agulha de ponta fina, o pequeno maço de papéis dobrados, a carteirinha, o pulverizador e o espelhinho de mão.

"O que é isso tudo?", perguntou o sr. Poe, apontando para a fileira de objetos.

"Essas", disse Violet, "são as provas do crime que encontrei na mala de Stephano."

"Minha mala", disse Stephano, "é propriedade privada em que você não está

autorizada a tocar. É uma grosseira falta de consideração de sua parte, sem falar que estava trancada com cadeado."

"Era uma emergência", disse Violet, calma, "e por isso removi o cadeado."

"Como conseguiu fazer isso?", perguntou o sr.

Poe. "Boas meninas não deveriam saber fazer essas coisas."

"Minha irmã é uma boa menina", disse Klaus, "e sabe fazer uma porção de coisas."

"Rufik!", concordou Sunny.

"Bem, discutiremos isso mais tarde", disse o sr. Poe. "Por ora, continue o que estava dizendo."

"Quando o tio Monty morreu", começou Violet, "meus irmãos e eu ficamos muito tristes, mas também muito desconfiados."

"Não ficamos desconfiados!", exclamou Klaus. "Se alguém está desconfiado, isso quer dizer que não tem certeza! Nós tínhamos certeza absoluta de que Stephano o havia matado!"

"Absurdo!", disse o dr. Lucafont. "Como expliquei a todos vocês, a morte de Montgomery Montgomery foi um acidente. A Mamba do Mal escapou de sua gaiola e o mordeu. Ponto final."

"Perdão", disse Violet, "mas os fatos dizem mais do que isso. Klaus se informou sobre a Mamba do Mal e descobriu como é que ela mata suas vítimas." Klaus caminhou até a pilha de livros e abriu o de cima. Ele havia marcado a página com uma tira de papel, de modo que na mesma hora encontrou o que procurava.

"A Mamba do Mal", leu em voz alta, "é uma das cobras mais mortíferas do hemisfério, notável pelo bote estrangulatório em conjunção com um veneno mortal que produz em suas vítimas um matiz tenebroso, horrível de se ver." Ele pousou o livro e virou-se para o sr. Poe. *"Estrangulatório* quer dizer..."

"Nós *sabemos* o que a palavra quer dizer", gritou Stephano.

"Então devem saber", disse Klaus, "que a Mamba do Mal não matou o tio Monty. O corpo dele não apresentou nenhum matiz tenebroso. Estava pálido, de uma brancura de chamar a atenção."

"É verdade", disse o sr. Poe. "Mas isso não indica necessariamente que o dr. Montgomery tenha sido assassinado."

"Certo", disse o dr. Lucafont. "Quem sabe, nesta única vez, a cobra não estava a fim de produzir contusões em sua vítima."

"O mais provável", disse Violet, "é que o tio Monty tenha sido morto com esses instrumentos." Ela ergueu o tubo de ensaio de vidro, fechado com a tampa de borracha.

"Esse tubo de ensaio tem uma etiqueta onde está escrito *Veneno da Mamba,* e obviamente pertence ao armário com amostras de venenos do tio Monty." Ela ergueu a seringa com agulha de ponta fina. "Stephano, ou seja, Olaf, pegou essa seringa e injetou o veneno no tio Monty. Depois fez mais um furo, para ficar parecendo que a cobra o havia mordido."

"Mas eu gostava tanto do dr. Montgomery", disse Stephano. "Não teria nada a ganhar com sua morte."

Às vezes, quando alguém diz uma mentira, é melhor ignorá-la inteiramente.

"Quando eu fizer dezoito anos, como todos sabemos", prosseguiu Violet, ignorando Stephano inteiramente, "herdarei a fortuna dos Baudelaire, e Stephano pretendia ficar com essa fortuna para ele. Seria mais fácil conseguir isso se estivéssemos num lugar onde fosse mais difícil acompanhar seus movimentos, como por exemplo no Peru." Violet ergueu o pequeno maço de papéis dobrados. "Estas são passagens para embarcar no *Próspero,* que sai de Porto Enevoado para o Peru às cinco horas de hoje. Era esse o destino para o qual nos levava Stephano quando por acaso esbarramos com o senhor, sr. Poe."

"Mas o tio Monty rasgou a passagem de Stephano para o Peru", disse Klaus, parecendo confuso. "Eu vi quando ele fez isso."

"É verdade", disse Violet. "Por isso foi que ele precisou tirar o tio Monty de seu caminho. Ele matou o tio Monty...", Violet parou um instante e estremeceu tomada por um arrepio. "Ele matou o tio Monty e apanhou esta carteirinha. É o cartão de identificação do tio Monty como membro da Sociedade Herpetológica. Stephano pretendia se fazer passar pelo tio Monty, entrar a bordo do *Próspero* e escapulir conosco para o Peru."

"Mas não compreendo", disse o sr. Poe. "Como foi que Stephano conseguiu saber da fortuna de vocês?

"Porque na verdade ele é o conde Olaf", disse Violet, exasperada de ter que explicar o que ela, seus irmãos e vocês e eu já sabíamos desde o momento em que Stephano chegou à casa do tio. "Ele pode ter raspado a cabeça, depilado as sobrancelhas, mas a única maneira de se livrar da tatuagem no tornozelo esquerdo era com esse pulverizador e com esse espelhinho de mão. Ele espalhou maquiagem por cima do tornozelo para esconder o desenho do olho, e aposto que, se esfregarmos o lugar com um pano, vamos ver a tatuagem aparecer."

"Isso é absurdo!", exclamou Stephano.

"Veremos", respondeu o sr. Poe. "Quem tem um pano:

"Não tenho", disse Klaus.

"Eu também não", disse Violet.

"Gauil!", disse Sunny.

"Bem, se ninguém tem um pano é melhor esquecer tudo", disse o dr. Lucafont, mas o sr. Poe levantou um dedo para dizer-lhe que esperasse. Para alívio dos órfãos Baudelaire, ele puxou do bolso o seu lenço.

"Seu tornozelo esquerdo, por favor", disse com firmeza para Stephano.

"Mas o senhor tossiu dentro dele o dia todo!", disse Stephano. "Está com germes!"

"Se o senhor é realmente quem as crianças dizem que é", disse o sr. Poe, "os germes são o último dos problemas com que deve se preocupar. Seu tornozelo esquerdo, por favor."

Stephano — e esta é a última vez, graças a Deus, que teremos de chamá-lo por seu nome falso — soltou um pequeno resmungo, e puxou para cima a perna esquerda da calça para mostrar o tornozelo. O sr. Poe ajoelhou-se e esfregou o pano por alguns instantes. No começo, nada parecia acontecer, até que, como o sol que brilha através das nuvens ao fim de um terrível temporal, o contorno meio apagado de um olho fez sua aparição. E foi se mostrando cada vez mais evidente, mais nítido, o desenho tão pronunciado como quando os órfãos tiveram o primeiro contato com ele, no tempo em que moravam com o conde Olaf.



Violet, Klaus e Sunny olharam todos para o olho, e o olho respondeu ao seu olhar. Pela primeira vez em suas vidas, os órfãos Baudelaire sentiram-se felizes em vê-lo.

CAPÍTULO

Treze

Se este fosse um livro para entreter crianças pequenas, vocês sabem o que viria a seguir. Desmascarada a identidade e desmascarados os planos maléficos do vilão, a polícia entraria em cena e o poria na cadeia para o resto de sua vida, enquanto os valentes garotos iriam festejar com uma pizza e viver felizes para sempre. Mas este livro trata dos órfãos Baudelaire, e vocês e eu sabemos que a probabilidade de essas crianças desgraçadas viverem felizes para sempre é quase a mesma de o tio Monty ressuscitar. De qualquer modo, ao tornar-se evidente a tatuagem, os órfãos Baudelaire tiveram a impressão de que pelo menos uma pequena parte do tio Monty voltara para eles quando, de uma vez por todas, provaram a traição do conde Olaf.

"É o olho, não resta a menor dúvida", disse o sr. Poe, e parou de esfregar o tornozelo do conde Olaf. "O senhor é indubitavelmente o conde Olaf. Considere-se preso. Indubitavelmente."

"E eu estou profundamente chocado", disse o dr. Lucafont, batendo suas mãos estranhamente sólidas contra a cabeça.

"Não menos do que eu", concordou o sr. Poe, segurando o braço do conde Olaf a fim de impedir que fugisse para algum lugar. "Violet, Klaus, Sunny: por favor, me perdoem por não ter acreditado antes em vocês. É que parecia muito estrambótico ele ter ido à

procura de vocês disfarçado como um assistente de laboratório e arquitetado todo esse plano maquiavélico para roubar a fortuna de vocês."

"Eu só fico imaginando o que pode ter acontecido com Gustavo, o *verdadeiro* assistente de laboratório do tio Monty", Klaus conjeturou em voz alta. "Se Gustavo não tivesse desistido do emprego, tio Monty jamais teria contratado o conde Olaf." O conde Olaf havia se mantido em silêncio o tempo todo, desde a revelação de sua tatuagem. Seus olhos brilhantes iam de um lado para o outro, observando cada um dos presentes com a mesma atenção que um leão a vigiar um rebanho de antílopes, à

procura daquele que mais vale a pena matar e comer. Mas ao ouvir o nome de Gustavo, não se conteve.

"Gustavo não desistiu", disse com o chiado característico de sua voz. "Gustavo está *morto!* Um belo dia em que ele se pôs a colher flores silvestres eu o afoguei

no pantanal. Depois forjei um bilhete que comunicava sua desistência." O conde Olaf olhava para as três crianças como se fosse atirar-se sobre elas e estrangulá-las, mas, pelo contrário, ficou absolutamente imóvel, o que de certo modo era ainda mais assustador.

"Isso, entretanto, não é nada, comparado ao que farei com vocês, órfãos. Vocês ganharam essa etapa do jogo, mas voltarei para pôr a mão na fortuna e na preciosa pele de vocês."

"Não se trata de um jogo, homem abominável", disse o sr. Poe. "Jogo é dominó, pólo aquático... Assassinato é um crime, e você pegará cadeia por ele. Vou agora mesmo levar você para a delegacia de polícia na cidade. Droga! Não posso. Meu carro está

destruído. Tudo bem, levo você no jipe do dr. Montgomery, e vocês, crianças, me sigam no carro do dr. Lucafont. Finalmente vocês vão poder ver como é o carro de um médico."

"Seria mais fácil", disse o dr. Lucafont, "colocar Stephano no meu carro e as crianças irem no jipe. Afinal de contas, o corpo do dr. Montgomery está no meu carro, de modo que não sobra espaço para as três crianças."

"Bem", disse o sr. Poe, "eu não queria desapontar as crianças depois de terem passado por tudo o que passaram. Podemos remover o corpo para o jipe e então..."

"Não estamos nem um pouco interessados no interior do carro de um médico", disse Violet, impaciente. "Inventamos isso só para não nos vermos encurralados sozinhos com o conde Olaf."

"Vocês não deviam inventar mentiras, órfãos", disse o conde Olaf.

"Não creio que o senhor possa dar *lições de moral* às crianças, Olaf", disse o sr. Poe austeramente. "Pois bem, dr. Lucafont, leve-o o senhor." O dr. Lucafont segurou o ombro do conde Olaf com uma de suas mãos estranhamente rígidas e conduziu-o à saída da Sala dos Répteis e depois à saída da casa, parando junto à porta da frente para dar ao sr. Poe e às crianças um sorriso pouco natural.

"Diga adeus aos órfãos, conde Olaf", disse o dr. Lucafont.

"Adeus", disse o conde Olaf.

"Adeus", disse Violet.

"Adeus", disse Klaus.

O sr. Poe tossiu no seu lenço e fez sem muita vontade um meio aceno para o conde Olaf, a título de adeus. Mas Sunny não disse nada. Violet e Klaus baixaram os olhos para ela, surpresos de que não houvesse falado "Eite!" ou "Du!" ou qualquer das várias palavras que tinha para dizer "Adeus". Sunny, no entanto, estava encarando o dr. Lucafont com um olhar de determinação, e, em coisa de um instante, deu um salto no ar e mordeu-o na mão.

"Sunny!", exclamou Violet, e já ia pedir desculpas pelo comportamento da irmã

quando viu a mão do dr. Lucafont soltar-se do braço e cair no chão. Sunny foi atrás da mão e atacou-a com seus quatro dentes afiados, produzindo uns estalos como se estivesse quebrando madeira ou plástico e não pele ou osso. E, quando Violet olhou para o lugar onde antes estava a mão do dr. Lucafont, não viu sangue nem qualquer indicação de ferimento, mas sim um brilhante gancho de metal. O dr. Lucafont também olhou para o gancho, depois para Violet, e lançou um sorriso horrível. O conde Olaf também sorriu e no mesmo instante os dois dispararam porta afora.

"O homem com as mãos de gancho!", gritou Violet. "Ele não é médico! É um dos capangas do conde Olaf!" Instintivamente, ela fez no ar o gesto de agarrá-los, mas foi até

a porta da rua e viu que os dois já iam longe, passando a toda velocidade pelos arbustos em forma de cobras.

"Pega!", gritou Klaus, e os três Baudelaire se dispuseram a perseguir os fugitivos. Mas o sr. Poe colocou-se à frente deles, bloqueando a passagem.

"Não!", exclamou ele.

"Mas é o homem com as mãos de gancho!", gritou Violet. "Ele e Olaf vão escapar!"

"Não posso permitir que vocês corram atrás de dois criminosos perigosos", respondeu o sr. Poe. "Sou responsável pela segurança de vocês e não vou deixar que sofram nenhuma agressão."

"Então vá o *senhor* atrás deles!", gritou Klaus. "Mas depressa!" O sr. Poe deu os primeiros passos para fora da porta, só que parou ao ouvir o ronco de um motor de automóvel dando a partida. Os dois patifes tinham chegado ao carro do dr. Lucafont, e já estavam se afastando.

"Entre no jipe!", exclamou Violet. "Vá atrás deles!"

"Um homem não se envolve em perseguições de carros. É trabalho para a polícia. Vou já telefonar para o posto policial, talvez eles consigam bloquear a estrada." Os jovens Baudelaire viram o sr. Poe fechar a porta e correr para o telefone, e sentiram-se arrasados. Sabiam que não adiantaria nada. Quando o sr. Poe acabasse de explicar a situação para a polícia, o conde Olaf e o homem com as mãos de gancho já

teriam desaparecido havia muito. Subitamente exaustos, Violet, Klaus e Sunny caminharam até a enorme escada do tio Monty e sentaram-se no degrau mais baixo, ouvindo o som amortecido do sr. Poe a falar ao telefone. Eles sabiam que tentar encontrar o conde Olaf e o homem com as mãos de gancho, sobretudo depois que escurecesse, seria como procurar uma agulha no palheiro.

Apesar da ansiedade pela fuga do conde Olaf, os três órfãos devem ter dormido por algumas horas, pois quando se deram conta já havia anoitecido e eles continuavam ali no degrau. Alguém havia posto um cobertor para agasalhá-los, e, ao se espreguiçar, eles perceberam a presença de três sujeitos de macacão que saíam da Sala dos Répteis carregando alguns dos animais nas gaiolas. Atrás deles caminhava um gorducho num terno xadrez de cores berrantes, que parou quando notou que os garotos estavam acordados.

"Ei, meninos", disse o gorducho com uma voz retumbante. "Desculpem se acordei vocês, mas minha equipe tem que andar depressa."

"Quem é você?", indagou Violet. É perturbador adormecer durante o dia e acordar à noite.

"Que é que vocês estão fazendo com os répteis do tio Monty?", perguntou Klaus. Também *é* perturbador descobrir que a pessoa dormiu numa escada, e não numa cama ou num saco de dormir.

"Diquesnique?", perguntou Sunny. É sempre perturbador e não dá para entender por que cargas d'água uma pessoa escolhe um terno xadrez.

"Meu nome é Bruce", disse Bruce. "Sou o diretor de marketing da Sociedade Herpetológica. Seu amigo sr. Poe telefonou-me para que eu viesse resgatar as cobras agora que o dr. Montgomery faleceu. *Resgatar quer* dizer 'levar embora'."

"Nós *sabemos* o que quer dizer 'resgatar'", falou Klaus, "mas por que é que vocês estão levando os animais? Para onde eles vão?"

"Bem, vocês três são os órfãos, não é mesmo? Vocês vão se mudar para a casa de outro parente que não vai deixar vocês desamparados como aconteceu com a morte do dr. Montgomery. E é preciso que alguém cuide dessas cobras, por isso elas vão ser transferidas para outros cientistas, para jardins zoológicos, para asilos de idosos. Não encontrando quem possa cuidar delas, em último caso, a gente dá cabo delas."

"Mas elas fazem parte da coleção do tio Monty!", exclamou Klaus. "Ele levou anos para encontrar todos esses répteis! Vocês não podem simplesmente atirá-los ao vento!"

"É como tem que ser", disse Bruce querendo evitar atritos. Ele continuava a falar em voz muito alta, sem motivo aparente.

"Víbora!", gritou Sunny, e começou a engatinhar na direção da Sala dos Répteis.

"O que minha irmã quer dizer", explicou Violet, "é que ela fez amizade com uma das cobras. Será que poderíamos levar conosco pelo menos uma delas, a Víbora Incrivelmente Mortífera?"

"Minha primeira resposta é *não",* disse Bruce. "O tal do Poe falou que todas as cobras nos pertencem. Minha segunda resposta é: se vocês pensam que eu vou deixar crianças pequenas chegarem perto da Víbora Incrivelmente Mortífera, dêem um tempo."

"Mas a Víbora Incrivelmente Mortífera é inofensiva", disse Violet. "Seu nome é

inapropriado."

Bruce coçou a cabeça: "É o que?"

"Isso quer dizer que é um nome enganador, um nome errado", explicou Klaus.

"Foi o tio Monty quem a descobriu, e por isso tinha que lhe dar um nome."

"Mas esse cara tinha fama de ser brilhante", disse Bruce. Enfiou a mão num bolso do paletó xadrez e retirou um charuto. "Dar a uma cobra um nome errado não me parece brilhante. Parece uma idiotice. Mas, também, que é que se pode esperar de um homem cujo próprio nome era Montgomery Montgomery?"

"Não é correto", disse Klaus, "troçar assim do nome de uma pessoa."

"Não tenho tempo para perguntar o que quer dizer *troçar*", falou Bruce. "Mas se a garotinha ali quer dar adeus à Víbora Incrivelmente Mortífera, é melhor que

faça isso logo. Ela já está lá fora."

Sunny começou a engatinhar em direção à porta da frente, mas Klaus ainda não tinha dado por encerrada a sua conversa com Bruce.

"Nosso tio Monty *era* brilhante", disse ele com firmeza.

"Ele era um homem brilhante", concordou Violet, "e é essa imagem que guardaremos dele para sempre."

"Brilhante!", gritou Sunny, continuando a engatinhar, e os irmãos sorriram para ela, surpresos por ela ter pronunciado uma palavra que todos podiam entender. Bruce acendeu seu charuto e deu uma baforada. Em seguida, deu de ombros:

"Que bom que é esse o sentimento que você tem por ele, garota", disse. "Boa sorte para todos, seja lá aonde for que vocês sejam enviados." Ele olhou para o vistoso relógio em seu pulso, e virou-se para falar com os sujeitos de macacão: "Vamos indo. Em cinco minutos temos que estar outra vez naquela estrada que cheira gengibre".

"É *raiz-forte",* corrigiu Violet, mas Bruce já tinha ido embora. Ela e Klaus olharam um para o outro e depois começaram a seguir Sunny até o lado de fora para dar adeus a seus amigos répteis. Mas, quando chegaram à porta, o sr. Poe entrou na sala e bloqueou-lhes a passagem mais uma vez.

"Vejo que estão acordados", disse ele. "Por favor, subam e vão dormir. Temos que estar de pé muito cedo amanhã de manhã."

"Só queremos dizer adeus à cobra", falou Klaus, mas o sr. Poe balançou a cabeça.

"Vocês vão atrapalhar Bruce", respondeu ele.

"Sem falar que me pareceu que vocês três jamais gostariam de ver uma cobra de novo."

Os órfãos Baudelaire entreolharam-se e suspiraram. Tudo neste mundo parecia estar dando errado. Era errado o dr. Montgomery haver morrido. Era errado o conde Olaf e o homem com as mãos de gancho terem escapado. Era errado Bruce pensar em Monty como uma pessoa com nome bobo, e não como um cientista brilhante. E era errado presumir que as crianças jamais gostariam de ver uma cobra de novo. As cobras — na verdade, tudo dentro da Sala dos Répteis — eram as últimas lembranças que haviam restado dos poucos dias felizes que os

Baudelaire tiveram depois da morte de seus pais. Embora pudessem entender que o sr. Poe não lhes permitiria morar sozinhos com os répteis, era inteiramente errado eles jamais poderem tornar a vê-los, sem nem sequer dizer adeus.

Desconsiderando as instruções do sr. Poe, Violet, Klaus e Sunny apressaram-se em ir para fora pela porta da frente, ao encontro dos sujeitos de macacão, que arrumavam as gaiolas dentro de um furgão com um grande adesivo na parte de trás: "Sociedade Herpetológica". Era lua cheia e o luar refletia-se nas paredes de vidro da Sala dos Répteis, que ficava parecendo uma grande jóia a resplandecer. *Brilhante,* poderíamos dizer. Quando Bruce usou a palavra "brilhante" a propósito do tio Monty, o sentido era de alguém "que tem fama de talentoso e inteligente". Mas quando as crianças usaram a palavra — e quando pensaram nela agora, olhando para a Sala dos Répteis, que resplandecia ao luar — ela significava muito mais. Significava que, mesmo naquelas circunstâncias sombrias, mesmo passando pela série de desgraças que os seguiriam o resto da vida, o tio Monty e sua bondade brilhariam nas lembranças dos irmãos. O tio Monty era brilhante no sentido de "radioso", e brilhantes e radiosos foram os tempos que passaram com ele. Bruce e seus auxiliares da Sociedade Herpetológica podiam desmantelar a coleção do tio Monty, mas ninguém jamais conseguiria desmantelar os sentimentos vividos pelos meninos quando pensavam nele.

"Adeus! Adeus!", despediram-se os órfãos Baudelaire quando puseram a Víbora Incrivelmente Mortífera no furgão. "Adeus! Adeus!", acenaram-lhe, e, embora a Víbora fosse amiga especialmente de Sunny, Violet e Klaus viram-se chorando junto com sua irmã, e quando a Víbora Incrivelmente Mortífera ergueu os olhos para vê-los, eles perceberam que ela também estava chorando, com pequenas lágrimas resplandecentes a rolar de seus olhos verdes. A Víbora era brilhante também, e quando as crianças se entreolharam viram suas próprias lágrimas resplandecer.

"Você foi brilhante", Violet murmurou para Klaus, "quando pesquisou as informações sobre a Mamba do Mal."

"Você foi brilhante", Klaus murmurou, retribuindo, "quando apanhou as provas do crime na mala de Stephano."

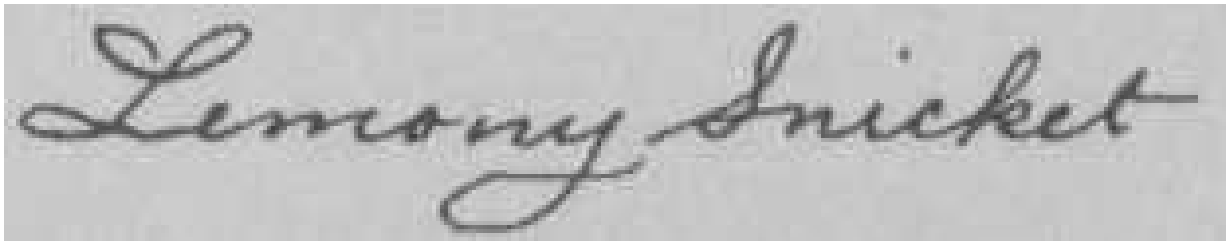
"Brilhante!", repetiu Sunny, e Violet e Klaus deram-lhe um abraço apertado. Até a mais jovem dos Baudelaire havia sido brilhante, ao desviar a atenção dos adultos com a Víbora Incrivelmente Mortífera.

"Adeus! Adeus!", despediram-se os Baudelaire com acenos para os répteis do tio Monty. Ficaram ali juntos ao luar, e continuaram acenando, mesmo depois que

Bruce fechou as portas do furgão, mesmo depois de o furgão ter passado pelos arbustos em



forma de cobras e ter seguido a rampa até o Mau Caminho, mesmo depois de ter dobrado uma curva e desaparecer no escuro.



Ao Meu Amável Editor,

Escrevo-lhe das margens do Lago Lacrimoso, onde examino o que restou da casa da tia Josephine para ter uma percepção clara do que aconteceu quando os órfãos Baudelaire estiveram aqui.

Vá ao Café Kafka às quatro horas na próxima quarta-feira, por favor, e peça uma xícara de chá de jasmim ao garçom mais alto. A menos que os meus inimigos tenham triunfado, ele trará, no lugar do seu pedido, um envelope bem grande. Dentro você

encontrará a minha descrição desses espantosos acontecimentos, intitulada *O lago das sanguessugas ,* bem como um esboço da Gruta do "P", um pequeno saco com cacos de vidro e o cardápio do restaurante Palhaço Ansioso. Haverá também um tubo de ensaio contendo uma sanguessuga do lago, que o sr. Helquist usará como modelo para fazer uma ilustração caprichada. *Em nenhuma hipótese* esse tubo de ensaio deve ser aberto. Lembre-se, o senhor é minha última esperança de que as histórias dos órfãos Baudelaire sejam finalmente contadas ao grande público.

Respeitosamente,

Lemony Snicket